

VIVIANE LUIZA DA SILVA

**HERANÇA DE UM BRASIL CENTRAL: ASPECTOS DO
PATRIMÔNIO INDÍGENA BRASILEIRO NA ÓTICA DOS
VIAJANTES E PESQUISADORES NÃO BRASILEIROS DE
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA A CLAUDE LÉVI-
STRAUSS**

Bolsista - CAPES

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2013**

VIVIANE LUIZA DA SILVA

**HERANÇA DE UM BRASIL CENTRAL: ASPECTOS DO
PATRIMÔNIO INDÍGENA BRASILEIRO NA ÓTICA DOS
VIAJANTES E PESQUISADORES NÃO BRASILEIROS DE
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA A CLAUDE LÉVI-
STRAUSS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento
Local-Mestrado Acadêmico, como exigência
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Desenvolvimento Local, sob a orientação da Prof^a
Dr^a Maria Augusta de Castilho.

Bolsista - CAPES

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE - MS
2013**

Ficha catalográfica

Silva, Viviane Luiza da
S586h Herança de um Brasil central: aspectos do patrimônio indígena brasileiro na ótica dos viajantes e pesquisadores não brasileiros de Alexandre Rodrigues Ferreira e Claude Lévi-Strauss./ Viviane Luiza da Silva; orientação Maria Augusta de Castilho. 2013
177 f.

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

1. Índios da América do Sul - Brasil 2. Patrimônio cultural 3. Expedições exploradas 4. Etnologistas I. Castilho, Maria Augusta de II.
Título

CDD – 980.41

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Herança de um Brasil Central: aspectos do patrimônio indígena brasileiro na ótica dos viajantes e pesquisadores não brasileiros de Alexandre Rodrigues Ferreira a Claude Lévi-Strauss.

Área de concentração: Desenvolvimento local em contexto de territorialidades.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Local: Cultura, Identidade, Diversidade.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: 01 / 11 / 2013

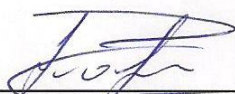
BANCADA EXAMINADORA



Profª Drª Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco



Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco



Prof Dr Protásio Paulo Langer
Universidade Federal da Grande Dourados

Dedico este trabalho e todo o tempo de estudo aos meus pais, pelos ensinamentos valiosos despendidos enquanto tiveram vida. E hoje, mesmo que estejamos separados fisicamente, sinto a presença e todo amor destinado a mim.

AGRADECIMENTOS

À Força Superior, por te me abençoado nesta caminhada em busca de novos conhecimentos,

Mas preciso expressar também minha mais profunda consideração:

Aos meus pais, Wantuir Malaquias da Silva e Nely Luiza da Silva, pelo eixo de sustentação e pela base de educação para minha formação como ser;

Ao meu marido Frederico Lício Pereira, companheiro e amigo de todas as horas que muito me ajudou nos momentos difíceis, e além de sempre estar ao meu lado;

Ao meu querido filho Arthur Lício Pereira, por ter me ensinado a sorrir novamente tornando a minha vida mais doce;

À minha adorada filha do coração Laís Chagas Lício Pereira, por todo o amor mútuo desde o nosso primeiro olhar;

À minha irmã amada Magali Aparecida da Silva Brandão, pelo prazer de tê-la sempre presente e pelo ressignificado do nosso amor;

À minha comadre querida Thaís Fernanda Silva Guimarães, por toda cumplicidade e amor entre nossas vidas;

À minha orientadora e eterna professora Maria Augusta de Castilho, pela valiosa contribuição acadêmica e principalmente pela sabedoria com que enriqueceu este trabalho;

À Universidade Católica Dom Bosco e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local pelo incentivo e apoio financeiro para realização deste trabalho;

À todos que me auxiliaram para a realização deste trabalho, receba minha infindável gratidão.

“Alguns homens veem as coisas como são,
e dizem ‘Por quê?’ Eu sonho com as coisas
que nunca foram e digo ‘Por que não?’”

(George Bernard Shaw - 1969)

RESUMO

Este trabalho contribui para o estudo histórico e etnográfico do Brasil Central que teve como eixo norteador identificar e examinar sistematicamente relatos de viagens, imagens e objetos coletados, que foram deixados como herança por viajantes, coletores e artistas que atravessaram o Brasil e outros países da América Latina, à procura do conhecimento das terras e dos povos do novo mundo. Para a materialização das hipóteses levantadas, foram feitas reflexões das leituras dos materiais selecionados permitindo a delimitação do período entre o final do século XVIII até meados do século XX, abrangendo-se a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira a Claude Lévi-Strauss. Esses relatos constituem fontes históricas fundamentais para o reconhecimento das culturas. Os objetivos desta pesquisa são analisar e divulgar imagens e textos do patrimônio indígena brasileiro contidos em museus, bibliotecas e arquivos estrangeiros. Documentos da etnografia do Brasil Central que foram pouco estudados permitem uma ampla compilação de materiais de pesquisas anteriores que não possuem versões em português, bem como materiais de caráter inédito. Revelar este grande volume de pesquisas permitir-se-á um estudo mais aprofundado do patrimônio cultural indígena do Brasil Central. Afinal, a identidade cultural move sentimentos de pertencimento, valores e uma infinidade de itens impregnados nas mais variadas sociedades do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio cultural. Povos indígenas. Brasil Central. Coleções etnográficas.

ABSTRACT

This work contributes to the study of the historical ethnography of Central Brazil by systematically identifying and examining travel reports, images and collections of objects that have become the legacy of travelers, collectors and artists who crossed Brazil and other Latin American countries in search of knowledge of the lands and peoples of the New World. A first reading of materials selected permitted a limitation of the period to be covered from the late eighteenth century to the mid-twentieth century, covering the time span from the journey of Alexandre Rodrigues Ferreira to the works of Claude Levi-Strauss. These reports constitute fundamental historical sources for the recognition of cultures. The goal of this research is to analyze and disseminate images and texts relating to the Brazilian indigenous heritage contained in museums, libraries and archives abroad, and to provide a comprehensive compilation of documents of the ethnography of Central Brazil that have been little studied, being materials from previous research not available in Portuguese or unpublished. The revelation of this large volume of research will permit a more in-depth view of the indigenous heritage of Central Brazil.. The following paragraphs will be devoted to a discussion of these and other points.

KEYWORDS: Cultural heritage. Indigenous peoples. Central Brazil. Ethnographic collections.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa da região Centro-Oeste do Brasil.....	28
Figura 2	- Os povos indígenas da Região Centro-Oeste do Brasil.....	29
Figura 3	- José Codina (?), Chefe do Gentio Aycurú [Guaikurú], habitante no Rio Paraguay, 1791	38
Figura 4	- Wilhelm Ludwig von Eschwege	39
Figura 5	- Auguste de Sainte-Hilaire.....	39
Figura 6	- Mapa do Brasil com as rotas das viagens feitas pela expedição austríaca no Brasil.....	40
Figura 7	- Johann Emanuel Pohl.....	41
Figura 8	- Machada, Porakamekrá (Goiás), coletado por Johann Emanuel Pohl.....	42
Figura 9	- Johann Natterer	42
Figura 10	- Adorno de orelha, Bororo da Campanha (Mato Grosso), coletado por Johann Natterer in 1826.....	44
Figura 11	- Georg Heinrich Langsdorff.....	46
Figura 12	- Hércules Florence.....	46
Figura 13	- Hércules Florence, Apiacás, 1828. Academia de Ciências, São Petersburgo ...	47
Figura 14	- Aimé-Adrien Taunay.....	48
Figura 15	- Aimé-Adrien Taunay, Enfeites de cabeça dos índios Bororo, 1827. Academia de Ciências, São Petersburgo	48
Figura 16	- Francis de La Porte de Castelnau	49
Figura 17	- Francis de La Porte de Castelnau, Templo dos cocares entre os Karajá, 1843	49
Figura 18	- Detalhe de um mapa mostrando a localização dos índios ao redor da Lagoa dos Xaraiés, MT.....	50
Figura 19	- Hugh Algernon Weddell	51
Figura 20	- Hugh Algernon Weddell, Aldeia dos índios Cabaças, Rio Jaurú, 1844	52
Figura 21	- William Bragge	52
Figura 22	- Bartolomé Bossi.....	53
Figura 23	- Locais percorridos por Bossi (1863, mapa depois p. 153).....	54
Figura 24	- Bartolomé Bossi, Grupo de índios Parisis - A.....	54
Figura 25	- Bartolomé Bossi, Grupo de índios Parisis - B.....	54
Figura 26	- Savino da Rimini	55

Figure 27	- Richard Otto Rohde	55
Figura 28	- Richard Otto Rohde, mulher dos Bororo [da Campanha], 1884.....	56
Figura 29	- Emil Hassler.....	57
Figura 30	- Emil Hassler, Pintura corporal Kayapó.....	57
Figura 31	- Herbert Huntingdon Smith.....	58
Figura 32	- Karl von den Steinen.....	60
Figura 33	- Karl von den Steinen, Wilhelm von den Steinen e Paul Ehrenreich representado por um índio Bakairi, 1888.....	60
Figura 34	- Wilhelm von den Steinen.....	61
Figura 35	- Paul Ehrenreich.....	61
Figura 36	- Mapa etnográfica do Brasil.....	62
Figura 37	- Paul Ehrenreich, Interior de uma casa Kamaiurá.....	63
Figura 38	- Máscaras karajá.....	63
Figura 39	- Peter Johann Vogel	64
Figura 40	- Peter Vogel, Mapa caminho de Cuiabá a Coxim.....	65
Figura 41	- Peter Vogel, Mapa do Rio Kuliseu.....	66
Figura 42	- Guido Boggiani.....	68
Figura 43	- Mapa das viagens de Boggiani entre os Kadiwéu (“Caduveio”).....	68
Figura 44	- Vaso kadiwéu coletado por Guido Boggiani.....	69
Figura 45	- Guido Boggiani, Desenho de um jovem Kadiwéu, 1892.....	69
Figura 46	- Carl Axel Magnus Lindmann.....	69
Figura 47	- Júlio German Koslowsky.....	70
Figura 48	- Objetos guató coletados por Júlio Koslowsky em 1894.....	70
Figura 49	- Ferdinand Emmerich.....	71
Figura 50	- Hermann Meyer.....	73
Figura 51	- Tipiti, coletado por Herrmann Meyer entre os Cabixi.....	74
Figura 52	- Karl Ernst Ranke.....	74
Figura 53	- Theodor Koch-Grünberg.....	75
Figura 54	- Dois retratos de Theodor Koch-Grünberg por Lucha, um índio Bakairi, 1899.....	76
Figura 55	- Colar de unhas de tatu canastra (<i>bokodori</i>), coletado por Theodor Koch- Grünberg entre os Bororo Orientais, 1899.....	76
Figura 56	- Alfred Mansfeld.....	76
Figura 57	- Objetos Bakairi e Aweti coletados por Alfred Mansfeld, 1899.....	77
Figura 58	- Henri Anatole Coudreau.....	77
Figura 59	- Desenho das lutas karajá.....	78
Figura 60	- Catharino e Pacaranty, dois índios Kayapó.....	79
Figura 61	- Henri Anatole Coudreau, Mulher Kaiabi.....	79
Figura 62	- Luigi Buscalioni.....	79
Figura 63	- Clava karajá, coletada por in 1899 por Luigi Buscalioni.....	80
Figura 64	- Max Schmidt.....	80

Figura 65	- Mapa da expedição de Max Schmidt 1910 entre os índios Paresi-Cabixi.....	81
Figura 66	- Mapa do território dos Guató e do Rio Caracara.....	82
Figura 67	- Petroglifos de Caracara.....	83
Figura 68	- Max Schmidt, Jogo da bola dos índios Paresi-Cabixi.....	83
Figura 69	- Prelazia de Conceição do Araguaia e a localização dos povos indígenas.....	86
Figura 70	- William Azel Cook.....	87
Figura 71	- William Azel Cook, Interior de uma casa bororo, 1901.....	88
Figura 72	- Ornamento bororo coletado por William Azel Cook.....	88
Figura 73	- Alberto Vojtech Fric.....	88
Figura 74	- Bonecas Bororo coletadas por Alberto Vojtech Fric, c. 1905.....	89
Figura 75	- Alberto Vojtech Fric Vista da aldeia dos Bororo Orientais, c. 1905.....	89
Figura 76	- Fritz Krause.....	90
Figura 77	- Objetos Javaé coletados por Fritz Krause, 1908.....	90
Figura 78	- Wilhelm Kissenberth.....	91
Figura 79	- Aldeias karajá na Ilha do Bananal visitadas por Kissenberth (1912, p. 44, fig. 9).....	92
Figura 80	- Wilhelm Kissenberth, Kayapó adornado para um ritual.....	93
Figura 81	- A. Henry Savage-Landor.....	93
Figura 82	- Homem Bororo com chocalho feito de cabaça.....	94
Figura 83	- Rota de viagem por Henry Savage-Landor (1913, v. 1, p. 432).....	95
Figura 84	- Theodore Roosevelt e Cândido Rondon.....	96
Figura 85	- H. H. Manizer.....	97
Figura 86	- Percy Harrison Fawcett.....	97
Figura 87	- Frederick C. Glass.....	98
Figura 88	- Em um cemitério karajá.....	99
Figura 89	- Rota de viagem em Brasil Central de Henry Glass (1923, mapa).....	99
Figura 90	- John e Alexander Rattray Hay.....	99
Figura 91	- Mapa das aldeias bororo visitadas por Hay (1920, mapa nº 1).....	100
Figura 92	- Marquis de Wavrin.....	101
Figura 93	- Hermann Dengler.....	103
Figura 94	- Hermann Dengler, Índio Bakairi, 1924.....	103
Figura 95	- Mapa do território Kawahib, depois Nimuendajú.....	104
Figura 96	- Francis Gow-Smith.....	106
Figura 97	- Frederick G. Brandenburg e Frederic W. Miller.....	107
Figura 98	- Frederic W. Miller, Preparações para o dança de onça dos Bororo da Campanha, 1925.....	107
Figura 99	- Roger e Martha Emma Courteville.....	108
Figura 100	- A Expedição Transcontinental por Roger e Emma Martha Courteville, 1926-1927.....	109
Figura 101	- Bororos [que não são Bororos] admirando um representante da ‘espécie civilizada’.....	109

Figura 102 - Leonard L. Legters	110
Figura 103 - Leonard L. Legters, Bororos Orientais pescando no Rio São Lourenço, 1926	111
Figura 104 - George M. Dyott	112
Figura 105 - Mapa da região onde o Coronel Fawcett desapareceu.....	113
Figura 106 - Zunidor bororo coletado por George M. Dyott.....	114
Figura 107 - Peter Fleming, Roger Pettiward e outros membros da Expedição em busca do coronel Fawcett.....	114
Figura 108 - Herbert Baldus.....	116
Figura 109 - As expedições de Herbert Baldus no Sul e Centro do Brasil, 1933-1935.....	116
Figura 110 - Jehan Albert Vellard.....	117
Figura 111 - Mapa da região Araguaia.....	118
Figura 112 - Jehan Albert Vellard, Índios Karajá em frente da missão da Conceição do Araguaia.....	119
Figura 113 - Boneca karajá (<i>litcoko</i>) coletada por Vellard	119
Figura 114 - Aloha Wanderwell.....	120
Figura 115 - Elizabeth K. Steen.....	121
Figura 116 - Elizabeth K. Steen, Ilustração de <i>Red Jungle Boy</i>	121
Figura 117 - Vincent M. Petrullo	123
Figura 118 - Mapa do Mato Grosso da expedição de Museu Universitário de Filadélfia.....	124
Figura 119 - Floyd Crosby.....	125
Figura 120 - Vladimir Perfilieff	126
Figura 121 - Vladimir Perfilieff pintando Bororos em Corrego Grande, 1931.....	127
Figura 122 - Sasha Siemel.....	127
Figura 123 - Mapa mostrando as viagens de Sasha Siemel.....	128
Figura 124 - Mario Baldi.....	130
Figura 125 - Mario Baldi, Que coisa estranha! Um menino carajá [Uoni-Uoni] observando uma câmera filmadora. Ilha do Bananal, 1938	131
Figura 126 - Rayliane de la Falaise.....	132
Figura 127 - Claude Lévi-Strauss.....	133
Figura 128 - Claude Lévi-Strauss, Vista da aldeia bororo Quejare, 1935	133
Figura 129 - Dina Lévi-Strauss	134
Figura 130 - Hércules Florence, Barco da expedição Langsdorff encalhado em uma rocha, 1828	139
Figura 131 - Mario Baldi, Caminhão atolado na lama a caminho para a aldeia bororo de Meruri, 1933	139
Figura 132 - Aloha Wanderwell no avião a caminho para os Bororos sobre o Rio São Lourenço, 1930. (Do seu filme <i>Os últimos dos Bororo</i> , BAKER, 1931.).....	139
Figura 133 - Maria Graham.....	142
Figura 134 - Ida Pfeiffer	142
Figura 135 - Etta Becker-Donner, Francisco Meirelles (inspector do SPI) e um grupo de Wari (Pacaás Novos) em recente contato, Rondônia, 1956	143

Figura 136 - Marie Octavie Coudreau.....	144
Figura 137 - Wanda Hanke entre os Kaingang de Paxinal, Paraná, 1948.....	144
Figura 138 - Mario Baldi, Meninas bororo tirando a palha do milho, Sangradouro, 1934...	149
Figura 139 - Claude Lévi-Strauss, Mulheres bororo da aldeia Quejare, 1936.....	149
Figura 140 - Pulseira de couro dos Kadiwéu (“Guaicuru”) coletado por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1791	151
Figura 141 - Recipiente de cabaça (tomoen), Kinikinao (“Guana”), coletado por Johann Natterer, c. 1825	151
Figura 142 - Primeira página de um vocabulário da língua Guató (“Vuato”), coletado por Johann Natterer, 1826.....	153
Figura 143 - Primeira página de um vocabulário da língua Bororo, coletado por Wilhelm von den Steinen, 1888	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS	22
1.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL	22
1.2 PATRIMÔNIO CULTURAL	23
1.3 CULTURA.....	25
1.4 MUSEUS.....	26
1.5 LIMITES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	27
1.6 LIMITES TEMPORAIS.....	29
1.7 VIAJANTES E PESQUISADORES.....	30
1.8 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL CENTRAL.....	31
2 VIAJANTES E PESQUISADORES	35
2.1 “VIAGEM PHILOSOPHICA”.....	37
2.1.1 Alexandre Rodrigues Ferreira	37
2.2 WILHELM LUDWIG VON ESCHWEGE.....	39
2.3 AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE.....	39
2.4 EXPEDIÇÃO AUSTRIACA NO BRASIL.....	40
2.4.1 Johann Emanuel Pohl.....	41
2.4.2 Johann Natterer.....	42
2.5 EXPEDIÇÃO LANGSDORFF	45
2.5.1 Georg Heinrich von Langsdorff.....	46
2.5.2 Hércules Florence.....	46
2.5.3 Aimé-Adrien Taunay	48
2.6 EXPEDIÇÃO CASTELNAU.....	48
2.6.1 Francis de La Porte de Castelnau	49
2.6.2 Hugh Algernon Weddell.....	51
2.7 WILLIAM BRAGGE	52

2.8	BARTOLOMÉ BOSSI	53
2.9	SAVINO DA RIMINI.....	55
2.10	RICHARD OTTO ROHDE.....	55
2.11	EMIL HASSLER.....	57
2.12	HERBERT HUNTINGDON SMITH	58
2.13	PRIMEIRA E SEGUNDA EXPEDIÇÃO XINGÚ.....	59
	2.13.1 Karl von Den Steinen	60
	2.13.2 Wilhelm von Den Steinen	61
	2.13.3 Paul Ehrenreich	61
	2.13.4 Peter Johann Vogel	64
2.14	F. E ROGELIO MACHON.....	67
2.15	GUIDO BOGGIANI	68
2.16	CARL AXEL MAGNUS LINDMANN	69
2.17	JULIO GERMÁN KOSLOWSKY.....	70
2.18	FERDINAND EMMERICH(-HÖGEN).....	71
2.19	JOSEF BACH.....	72
2.20	PRIMEIRA E SEGUNDA EXPEDIÇÃO MEYER AO XINGU.....	73
	2.20.1 Herrmann Meyer	73
	2.20.2 Karl Ernst Ranke	75
	2.20.3 Theodor Koch-Grünberg	75
	2.20.4 Alfred Mansfeld	76
2.21	HENRI ANATOLE COUDREAU.....	77
2.22	LUIGI BUSCALIONI.....	79
2.23	MAX SCHMIDT.....	80
2.24	MISSIONÁRIOS FRANCESES DO ARAGUAIA	84
	2.24.1 Antoine Sala	84
	2.24.2 P. Marie Hilaire Tapie	85
	2.24.3 François Bigorre	85
	2.24.4 Reginald Tournier	87
2.25	WILLIAM AZEL COOK.....	87
2.26	ALBERTO VOJTECH FRIC.....	88
2.27	FRITZ KRAUSE.....	90
2.28	WILHELM KISSENBERTH	91
2.29	A. HENRY SAVAGE-LANDOR.....	93

2.30	EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON.....	96
2.30.1	Theodore Roosevelt	96
2.31	HENRICH HENRIKHOVICH MANIZER.....	97
2.32	PERCY HARRISON FAWCETT.....	97
2.33	FREDERICK C. GLASS	98
2.34	ALEXANDER RATTRAY HAY.....	99
2.35	MARQUIS DE WAVRIN	101
2.36	S. C. BULLOCK	102
2.37	ARCHIBALD F. MACINTYRE.....	102
2.38	HERMANN DENGLE.....	103
2.39	HEINRICH HINTERMANN	105
2.40	FRANCIS GOW-SMITH.....	106
2.41	FREDERICK G. BRANDENBURG E FREDERIC W. MILLER	107
2.42	BERARD MENDES	108
2.43	ROGER COURTEVILLE.....	108
2.44	CLAAS DELHAES	110
2.45	LEONARD L. LEGTERS.....	110
2.46	EXPEDIÇÕES EM BUSCA DE COL. FAWCETT	111
2.46.1	George M. Dyott	112
2.46.2	Peter Fleming	114
2.46.3	Robert Churchward	115
2.46.4	Roger Pettiward	115
2.47	HERBERT BALDUS	116
2.48	JEHAN ALBERT VELLARD.....	117
2.49	ALOHA WANDERWELL.....	120
2.50	ELIZABETH K. STEEN.....	121
2.51	EXPEDIÇÃO MATO GROSSO DO MUSEU DA UNIVERSIDADE DE FILADÉLFIA.....	122
2.51.1	Vincent M. Petrullo	123
2.51.2	Floyd Delafield Crosby	125
2.51.3	Vladimir Perfilieff [Perfiliev]	126
2.51.4	Sasha Siemel	127
2.52	TIHAMÉR SZAFFKA	129
2.53	MARIO BALDI.....	130

2.54 RAYLIANE DE LA FALAISE.....	132
2.55 MISSÃO CLAUDE E DINA LÉVI-STRAUSS.....	133
2.55.1 Claude Lévi-Strauss	133
2.55.2 Dina Lévi-Strauss (DREYFUS)	134
3 OS VIAJANTES E INVESTIGADORES: PERSPECTIVAS COMPARATIVAS.....	136
4 CONTRIBUIÇÕES PARA A ETNOGRAFIA DO BRASIL CENTRAL.....	146
4.1 ESCRITA ETNOGRÁFICA.....	146
4.2 ILUSTRAÇÃO ETNOGRÁFICA.....	148
4.3 MAPAS ETNOGRÁFICOS	149
4.4. COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS	150
4.5 LINGUÍSTICA	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	156

INTRODUÇÃO

Desde a descoberta do Brasil pelos europeus, o diferente, o exótico do nosso país, atraíram a admiração e a curiosidade de muitos que nos visitaram. A passagem dos séculos XV para o XVI trouxe consigo uma explosão de conhecimento do mundo. A partir daí realizaram-se grandes viagens de descobertas.

Até o século XVIII, viajar, particularmente para os domínios portugueses do Novo Mundo, foi proibido pelas autoridades coloniais. No entanto, como consequência da abertura dos portos ao Reino Unido, em janeiro de 1808 (ratificada pelo Tratado Comercial de 1810), diversos acordos de paz tornaram possíveis as viagens de representar várias nações (França, Império Austro-Húngaro, Rússia e Inglaterra), que buscavam realizar explorações em território brasileiro. Tais acordos políticos causaram um grande afluxo de naturalistas e viajantes a toda a América do Sul, especialmente ao Brasil (KURY, 2001).

Assim, nos territórios inexplorados, para esses viajantes, os habitantes autóctones tornaram-se objeto de interesse, bem como a fauna, a flora e as culturas diversas, gerando coletas, pesquisas, registros escritos e iconográficos.

Neste período, territórios inexplorados trouxeram, em suas expedições naturalistas, biólogos, astrônomos, geógrafos, botânicos, zoólogos, médicos, artistas, dentre outros. Os artistas tinham como ofício coletar objetos, documentar a exuberante fauna, flora, etnias e os costumes dos povos dos trópicos que tanto os atraíam.

A diversidade de espécies e uma quantidade de indivíduos em contraposição às regiões temperadas eram grandes. Muitos foram os artistas e cientistas que, levados pelo ardor científico e pelo talento, registraram em telas, aquarelas, depois em fotografias e filmes, a beleza e a perfeição do que viram.

No findar do século XVII, a cultura de curiosidades foi banida, o saber científico começou a fortalecer-se e, com ele, a necessidade de um conhecimento metuculoso e regrado (KURY, 2001).

Os legados dos viajantes europeus trouxeram possibilidades de novas aproximações aos objetos coletados por eles. As coleções etnográficas, objetos da cultura material provenientes do Novo Mundo, apareciam como mostras de objetos curiosos de um mundo desconhecido – “curiosidades de um mundo recém-descoberto” (RAFFAINI, 1993, p. 160). Evocaram a ideia de um passado que pode exercer ação concreta no presente, com base em uma determinada linguagem.

Desta forma, o ponto de partida que surgiu como questão norteadora desta pesquisa foi com o que estes relatos dos viajantes e pesquisadores contribuíram para um melhor conhecimento do patrimônio indígena do Brasil Central?

O interesse pela questão das contribuições dos viajantes e pesquisadores não brasileiros para a história da etnografia brasileira iniciou-se durante as várias viagens de pesquisa através do acordo de cooperação entre o Museu das Culturas Dom Bosco, em Campo Grande e o Museu de Etnologia, em Viena, realizadas entre os anos de 2008 a 2011. Essas ocasiões possibilitaram a pesquisadora¹ examinar materiais de algumas coleções etnográficas do Brasil nos museus etnográficos em Viena (Áustria), Praga (República Checa), Dresden e Munique (Alemanha), Berna e Genebra (Suíça), Tervuren (Bélgica), Paris (França) e Londres e Oxford (Grã-Bretanha).

A esta pesquisadora impressiona o fato de que as coleções etnográficas mais antigas do Brasil estejam acondicionadas em museus europeus e que, mesmo durante a primeira metade do século XX, quando os museus brasileiros já estavam coletando esses materiais de forma mais sistemática, importantes coleções foram adquiridas por instituições europeias.

Um levantamento das coleções Bororo em diversos museus apontou que de um total de 7.000 objetos, cerca de 3100 permanecem em museus brasileiros (GRUPIONI, 1991), aproximadamente o mesmo número estão em museus europeus, enquanto mais de 700 estão acondicionados nos museus dos Estados Unidos e Canadá. O que acontece com as coleções, também incide sobre outras fontes da etnografia histórica brasileira: documentos, desenhos e imagens.

Uma pesquisa indica que a grande maioria dos desenhos e fotografias que retratam a etnia Bororo é encontrada na Europa e América do Norte (FEEST; SILVA, 2011). Especialmente para o estudo histórico da cultura material, essas imagens fornecem

¹ A pesquisadora Viviane Luiza da Silva possui uma notória experiência em atividades museológicas, e acúmulos de pesquisa de campo, leituras bibliográficas e curadoria de exposições. Nesta pesquisa, a autora evidencia uma grande familiaridade com o tema principal da sua dissertação.

informações contextuais importantes para a pesquisa e, além disso, corrigem alguns desvios em relação à pesquisa da cultura “tradicional” inerente.

Existe, no entanto, a antropologia histórica (CUNHA, 1992), que reconhece não só a importância do passado para o presente, mas também para a compreensão da cultura como um processo e para descrever a gama de expressões culturais dos povos indígenas. Por interesse nesta pesquisa, o estudo dos objetos etnográficos em museus – que são, necessariamente, históricos (apenas uma “etnografia histórica”) – permite reconstruir as condições sociais e culturais em que esses objetos foram usados no passado, possibilitando-se uma maior compreensão dos seus signos.

Dada a contínua imigração para o Brasil, nos séculos XIX e XX, a distinção entre “Brasileiros” e “Não Brasileiros” é quase tão difícil como a delimitação geográfica. Considera-se os “Não Brasileiros”, todos os que vieram para o Brasil e voltaram para o lugar de origem, com o material coletado dos povos autóctones (relatos, imagens e objetos). A perspectiva cultural dos viajantes e pesquisadores não brasileiros está inserida na etnografia histórica brasileira, mesmo que muitos destes estrangeiros sejam pouco conhecidos no Brasil, uma vez que, seus relatos foram primeiramente publicados no exterior e alguns não chegaram a ser traduzidos para o português; e além disso, suas coleções de imagens e objetos estão preservadas fora do Brasil.

No período abrangido por esta dissertação, por exemplo, Herbert Baldus ainda era um antropólogo alemão que trabalhava no Paraguai e no Brasil e em sua publicação alemã sobre a mudança da cultura entre os índios do Brasil (BALDUS, 1938a), o autor mencionou o apoio recebido por sua pesquisa da Fundação Alemã de Ciência. Sua coleção Bororo continua preservada pelo Museu de Etnologia de Hamburgo.

Mario Baldi, um fotógrafo austríaco, mudou para o Brasil em 1921, mas retornou para a Áustria, em 1931. Seu trabalho com os povos indígenas do Brasil foi registrado apenas na segunda e última estada no Brasil, que durou de 1934 até sua morte, em 1957. Sua coleção etnográfica e a maioria de suas fotografias estão preservadas no Museu de Etnologia, em Viena.

No início do século XIX, os dois artistas Aimé-Adrien Taunay e Hércules Florence, ambos nascidos na França, ainda muito jovens decidiram participar da expedição russa liderada pelo Barão alemão von Langsdorff. Um dos destinos desta expedição era o Mato Grosso. Durante esta expedição, Taunay morreu afogado no rio Guaporé, enquanto Florence viveu até a velhice no Brasil. Os desenhos etnográficos e os objetos recolhidos nesta expedição foram enviados para São Petersburgo e serão apresentas nesta pesquisa (ver itens 2.5.2 e 2.5.3).

Outro caso que chama a atenção é o dos padres Salesianos que vieram como missionários da Itália para o Brasil, em 1895. No princípio, a maior parte dos seus relatórios foi publicada em ambas as versões, italiano e português, no *Boletim Salesiano*. A primeira monografia sobre o Bororo, escrita por Antonio Colbacchini (1919) foi impressa no Brasil (após, uma versão italiana ampliada em 1925), e alguns objetos coletados neste período foram enviados para o Vaticano e para a sede Salesiana em Asti perto Torino. Coleções posteriores estão preservadas no Museu das Culturas Dom Bosco, em Campo Grande, e quase todas as suas publicações posteriores são em português.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar e divulgar imagens, textos do patrimônio indígena brasileiro que estão contidos nos museus, bibliotecas e arquivos. Documentos da etnografia do Brasil Central que foram pouco estudados, permitindo uma ampla compilação de materiais de pesquisas anteriores que não possuem versões em português, bem como materiais de caráter inédito.

Os objetivos específicos consistiram na apresentação dos 76 viajantes que percorreram e coletaram materiais no Brasil Central, comparar dados dos viajantes durante o período de Alexandre Rodrigues Ferreira a Claude Lévi-Strauss e identificar as contribuições para o patrimônio indígena do Brasil Central.

A metodologia utilizada nesta dissertação contribui com dados relevantes para a pesquisa, pois, contém documentos da etnografia do Brasil Central que foram pouco estudados. A ideia é evidenciar uma ampla compilação de materiais de pesquisas anteriores que não possuem versões em português, bem como materiais de caráter inédito.

Para as fontes escritas, a monumental *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* por Herbert Baldus (1954, 1968, o terceiro volume compilado por Thekla Hartmann) continua imensamente útil, tão importante quanto os comentários oferecidos pelo autor.

Dado o conhecimento enciclopédico de Baldus e sua noção em várias línguas diferentes, foi um raro prazer descobrir as publicações desconhecidas por ele (ou pelo menos não listadas por ele).

Também foram inseridos na bibliografia alguns materiais etnográficos da América do Sul de Timothy J. O'Leary (1963), documentos revelados pela busca incessante na internet. A importância dos recursos tecnológicos é reconhecida citando-se os endereços da web para as obras que estão atualmente disponíveis em sites da internet sem restrições.

Um gênero especial de documentos escritos é constituído por trabalhos sobre línguas indígenas e muitas vezes não é incluído em pesquisas. A importância do material linguístico coletado no tema Brasil Central por não brasileiros, entre o tempo de Ferreira e Lévi-Strauss, surgirá a partir da discussão abaixo. Especialmente para este período, o trabalho

do linguista checo Cestimir Loukotka (1968) é de extrema importância, uma vez que inclui referências de trabalhos inéditos.

Não há nada comparável à bibliografia de Baldus, rica em imagens. De Thekla Hartmann, “A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX” (1975), ainda é o melhor livro sobre a importância das imagens para uma etnografia histórica, além de apresentar notas úteis sobre as ilustrações feitas por Alexandre Rodrigues Ferreira. A dissertação em alemão por Beatrix Kumin (2007), que lida com o desenvolvimento de ilustrações etnográficas no Brasil desde os primórdios até o século XX, também foi muito importante para este estudo. A própria familiaridade com as imagens, a sua localização e identificação baseia-se na pesquisa sobre fotografias Bororo (FEEST; SILVA, 2011).

Na medida em que os objetos estão em evidência, a lista interpretada por Dorta (1992), as coleções do Brasil, América do Norte e Europa, é um bom ponto de partida, mas como qualquer trabalho pioneiro, está cheia de omissões e erros. A lista não inclui muitos museus com coleções brasileiras importantes e perdeu importantes coleções ainda nos museus listados por ela. Além dos catálogos de museus publicados, existem alguns para coleções etnográficas brasileiras específicas em diferentes países, que variam muito em sua utilidade (o melhor para a Suíça: KAUFMANN *et al.*, 1979-1984; para as coleções na Itália: ANÔNIMO, s/d; para Grã-Bretanha: SCHUMANN, 1986).

Como as obras impressas são para diferentes utilidades, muitas vezes, oferecem exemplos de objetos que geralmente estão incompletos. Esta pesquisa serviu de alguns folders como, por exemplo: o Museu Britânico (Londres), o Museu Pitt-Rivers (Oxford), os Musées d’Ethnographie em Genebra e Neuchâtel, o Musée du quai Branly (Paris), o Museu Volkenkunde (Leiden), o Etnografiska Museet (Estocolmo), o Museu Americano de História Natural (Nova Iorque), o Museu Nacional do Índio Americano (Washington) e o Museu Peabody de Arqueologia e Etnologia Americana (CAMBRIDGE, MA).

Considera-se de suma importância a compreensão da arte plumária brasileira presente em coleções europeias pelo antropólogo alemão Andreas Schlothauer. Embora qualquer tentativa nesse sentido, dificilmente pode ser completa, as informações contidas aqui vão além da evidência das informações até então publicadas.

Sustenta-se neste trabalho uma análise do patrimônio indígena brasileiro em museus, arquivos e bibliotecas não brasileiros, materiais estes produzidos por viajantes, artistas e colecionadores e que atualmente encontram-se na salva guarda dos museus estrangeiros. Patrimônio com sua potencialidade cultural que pode ser caracterizado nas relações entre o Museu, as instituições de ensino e a comunidade.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

1.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Entende-se por desenvolvimento local o protagonismo dos atores de um dado território, com apoio de organizações públicas e privadas, na reflexão da realidade vivida para agenciar e coordenar, por meio de processos interativos e cooperativos, os recursos tangíveis e intangíveis, originários do local ou de áreas externas, na busca de soluções sustentáveis para os problemas, necessidades e aspirações coletivas, de ordem social, econômica, cultural, política e do ambiente natural.

O cenário atual do mundo globalizado revela a importância na identificação e potencialização das oportunidades dadas por um mundo em rede, de forma efetiva e emancipada de um território de vida. Identifica-se e faz-se a precaução dos possíveis riscos maléficos da globalização de efeito local, por meio da inovação, antecipação de mudanças e transformações, numa abordagem integrada à realidade local.

O desenvolvimento local pode ser entendido como um processo de mudança e transformação e, ao envolver o ser humano, representa uma melhoria na qualidade de vida de uma coletividade ou de um grupo de pessoas que fazem parte desse processo.

Costa (2004) afirma que a noção de desenvolvimento, em um primeiro instante, está ligada à geração de renda, melhoria da qualidade de vida no território, criação de riquezas e, ao mesmo tempo, à distribuição justa e à eliminação, ou, pelo menos, à redução da pobreza.

Furtado (2001) faz uma análise de como o desenvolvimento se dá nos países economicamente mais pobres, explicando que o modelo desenvolvimentista que ocorre nestas nações acaba concentrando a renda e o consumo de bens nas mãos de uma minoria mais abastada do ponto de vista socioeconômico ao passo que grande parte da população se vê privada de qualquer benefício decorrente deste modelo político e econômico.

A evolução do desenvolvimento local pode ocorrer de forma efetiva e contínua com a participação total da sociedade para a sua concretização, em uma convergência de

esforços possibilitando que todos sejam gestores de um crescimento não só socioeconômico, mas também cultural. Conforme Zapata (2006) “o desenvolvimento local se apoia na ideia de que as localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento”.

1.2 PATRIMONIO CULTURAL

Para a UNESCO (2002), cultura define-se como o conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que distingue um grupo social [...] engloba modos de vida, direitos fundamentais da pessoa, sistemas de valores, tradições e crenças.

Nessa perspectiva, o bem cultural é o produto do processo cultural, que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo e do ambiente que o cerca. A principal razão dessa preservação é a melhoria da qualidade de vida da comunidade, que implica em seu bem estar material e espiritual e na garantia do exercício da memória e da cidadania.

Os principais elementos que compõem o patrimônio cultural apresentam-se sobre diversas formas. Os bens de natureza imaterial compreendem toda a produção cultural de um povo, desde sua expressão musical, saberes, às expressões literárias, danças, festas e celebrações e sua memória oral. Nos dias atuais as questões sobre patrimônio cultural tornaram-se latentes e discutidas em vários eventos, tais como: congressos, fóruns, simpósios, mesas-redondas entre outros (FUNARI, 2006). A necessidade de se criar critérios para a conservação e manutenção dos patrimônios históricos vai além do mero objetivo de conceituá-los.

No aporte de Bakhtin (1976 *apud* BURKE, 2004) a memória coletiva tira sua força da duração, do fato de ter por suporte um conjunto de homens. Não obstante eles são indivíduos que lembram, enquanto membros do grupo, moradores de uma localidade. Desta massa de lembranças comuns, que se apoiam umas sobre as outras, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Este ponto de vista muda conforme o lugar que o morador ocupa e, esse lugar muda segundo as relações que mantém com outros meios. Não se deve admirar que o

instrumento comum, nem todos se aproveitam do mesmo modo. Entretanto, quando se pode explicar essa diversidade cultural, verifica-se a combinação de influências de natureza social.

A preservação da memória cultural visa à continuidade das manifestações culturais de uma determinada comunidade e é essa a verdadeira responsável e guardiã de seus valores culturais. Os patrimônios culturais, materiais e imateriais pertencem à comunidade que produziu os bens culturais que a compõem. Não se pode pensar em proteção de bens culturais, senão pelo interesse da própria comunidade, à qual compete decidir sobre sua destinação, no exercício pleno de sua autonomia e cidadania.

Desse modo, “o patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, na sua concepção contemporânea, se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis. Por este motivo é possível realizar uma das mais importantes distinções que se pode fazer com relação ao Patrimônio Cultural, pois sendo ele diferente das outras modalidades da cultura restritas apenas ao mercado cultural, apresenta interfaces significativas com outros importantes segmentos da economia, como a construção civil e o turismo, ampliando o potencial de investimentos” (IPHAN, 2007).

Portanto, o patrimônio cultural de um povo confere-lhe “ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida das pessoas. Patrimônio cultural é, portanto, a soma dos bens culturais de um povo” (ANPUH, 2013).

O patrimônio cultural é subdividido pelo IPHAN (2007) em patrimônio material e imaterial. Considera-se patrimônio material, o composto por um conjunto de bens culturais registrados em seus quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Área de foco de estudo deste trabalho, na linha de definições da referida instituição acima citada, os sítios urbanos são bens patrimoniais autônomos que demandam instrumentos próprios de análise e critérios de intervenção adequados a essa especificidade. Estes bens não são obras de arte prontas e concluídas num determinado período, transpondo-lhe pura e simplesmente os procedimentos de restauração de edifícios; possuem natureza dinâmica e mutante, típica das áreas urbanas.

Patrimônio cultural imaterial, segundo a UNESCO (2006 *apud* IPHAN, 2007) define-se como práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas; e também os

instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Conclui-se que a cultura de um povo é um processo em permanente evolução, diverso e rico. É o desenvolvimento de um grupo social, de uma nação, de uma comunidade; fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais.

Apresentam s noções neste trabalho para demonstrar que, cultura e desenvolvimento, na contemporaneidade, estão cada vez mais imbricados e tornam-se cada vez mais indissociáveis no processo de desenvolvimento.

1.3 CULTURA

Conceito de cultura, segundo Johnson (1997, p. 59 *apud* ÁVILA, 2000):

É o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com estrutura social, população e ecologia, constitui um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica.

Ávila (2006) analisa a cultura do ponto de vista sociológico tomando como referência Johnson (1997, p. 59), que considera a cultura como um conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Considera a cultura sob dois aspectos: a cultura material, que inclui tudo o que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva; e a cultura não material, onde são incluídos símbolos – de palavras à notação musical –, bem como as ideias que modelam e informam a vida de seres humanos em relações recíprocas das quais participam, as atitudes, crenças, valores e normas.

De acordo com Polinari (2008, p. 2).

A cultura é composta pelo conjunto de conhecimentos compartilhados pelos indivíduos de uma população, pelo comportamento comum e aceito por um sistema de valores acordados pelos indivíduos deste grupo desta população. É também o conjunto de objetos e fenômenos materiais e imateriais produzidos por uma população, são os modos de sentir e pensar predominantes, é o modo predominante de uma população produzir e reproduzir o viver material, é também o conjunto das coisas que agregam esta população.

Para Almeida (2006) nesse âmbito, pode-se conceituar cultura como um “Conjunto de características humanas que não são inatas, as quais se criam e se preservam ou se aprimoram por meio da comunicação e cooperação entre indivíduos e sociedade”. Toda a comunidade, por mais simples que seja sua organização, possui cultura. A identidade cultural move os sentimentos, os valores, o folclore e uma infinidade de itens impregnados nas mais variadas sociedades do mundo e apresenta o reflexo da convivência humana.

1.4 MUSEUS

A palavra “museu” teve origem na Grécia Antiga, derivada de *Mouseion*, termo que denominava o templo dedicado às nove musas, divindades menores do panteão grego e que eram ligadas a diferentes ramos da arte e da ciência, sendo filhas de Zeus com Mnemosine, deusa da memória. A formação dos museus é também influenciada pela relação da humanidade com a memória e a história.

O museu retém o saber que os olhos deixam de observar no cotidiano, faz com que se possa lembrar o que está adormecido nas mentes e ainda, nos devolve o cotidiano de povos que não existem mais, mas foram os construtores do presente e por isso não devem ser esquecidos.

Para Hellwig (2008) os museus são especialistas na recordação da memória, pois esta estabelece um papel importante na construção do imaginário e da identidade de uma sociedade. A partir da memória pode-se imaginar como foi o modo de vida de uma civilização ou como era o planeta há milhões de anos. O museu deve conciliar as necessidades de evocação e celebração da memória com a responsabilidade de promover a consciência histórica.

Como afirma Bosi (2003), a função da memória hoje é o conhecimento do passado. Foi com base na memória que o museu foi concebido: para preservar o passado em suas formas imateriais e materiais. A memória deve estar presente nos museus, porém, não somente em objetivas e rever obras de arte, mas também como objeto de fortalecimento da cultura e do saber do ser humano.

A conexão existente entre memória e museu apenas é constatada quando são feitas visitas a estes espaços. Os objetos que compõem o acervo de um museu contêm lembranças referentes ao passado e aos feitos de um povo. Observa-se que as coleções pertencentes às grandes civilizações da Antiguidade como Egito, Mesopotâmia, Pérsia, Grécia e Roma, além

de outros povos, encontradas em grandes museus espalhados pelo mundo, principalmente na Europa, onde grande parte deste patrimônio encontra-se em exposição, atestam o esplendor e a pujança destas sociedades que mais tarde formaram as nações atuais e que hoje se orgulham do legado histórico e cultural que partilham com a humanidade. Nesse aporte, a memória tem um papel fundamental no resgate e preservação da cultura de todas as sociedades, sem a qual, torna-se impossível manter esta realidade.

A questão referente à memória talvez ainda tenha sido pouco debatida. O fato é que através desta o cidadão conhece sua história e os feitos de seus ancestrais, e acaba por se identificar com os museus, tornando-se um divulgador em potencial do conhecimento e da cultura. Hoje podemos observar que os museus passaram a atuar como instituições educativas e culturais de certa sociedade.

Portanto, observa-se que em sociedades complexas, multiculturais e pluriétnicas, os temas da cultura constituem um desafio constante. Nessas sociedades, o desenvolvimento passa necessariamente pelo respeito à diversidade cultural e pelo exercício de novos direitos, entre os quais se incluem os direitos à cultura, a memória, ao patrimônio e ao museu.

1.5 LIMITES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Na análise de Raffestin (1993), a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Esse poder é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação, exatamente porque o território possui limites, isto é, possui fronteiras, as quais constituem um espaço de “conflitualidades”.

A “Região Centro-Oeste do Brasil” é muitas vezes definida englobando os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Em termos de uma etnografia histórica e para este efeito, no entanto, as fronteiras contemporâneas são muitas vezes insatisfatórias, pois não refletem as condições nas quais os povos indígenas continuaram a existir; mesmo depois de uma nova delimitação geográfica. Dada a amplitude das relações culturais entre os diversos povos indígenas que habitam a região, qualquer desenho rigoroso das fronteiras é de certa forma, arbitrário.

É impossível a existência de um território sem que haja mobilidade em seu interior, protagonizada por seus habitantes, além das relações com o ambiente no qual este se encontra. “A idéia concebida sobre o território é de que se trata fundamentalmente de um espaço definido e delimitado a partir das relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78).

Essa região inclui a maior parte dos estados de Mato Grosso (exceto sua parte noroeste, o que, em termos culturais, já faz parte da Amazônia), Goiás e Mato Grosso do Sul (com exceção de sua parte sudoeste), mas se estende no norte e nordeste dos estados do Pará e Tocantins, no leste em Minas Gerais, e no oeste, até certo ponto através das fronteiras da Bolívia e do Paraguai (O'LEARY, 1963; Figura 2).

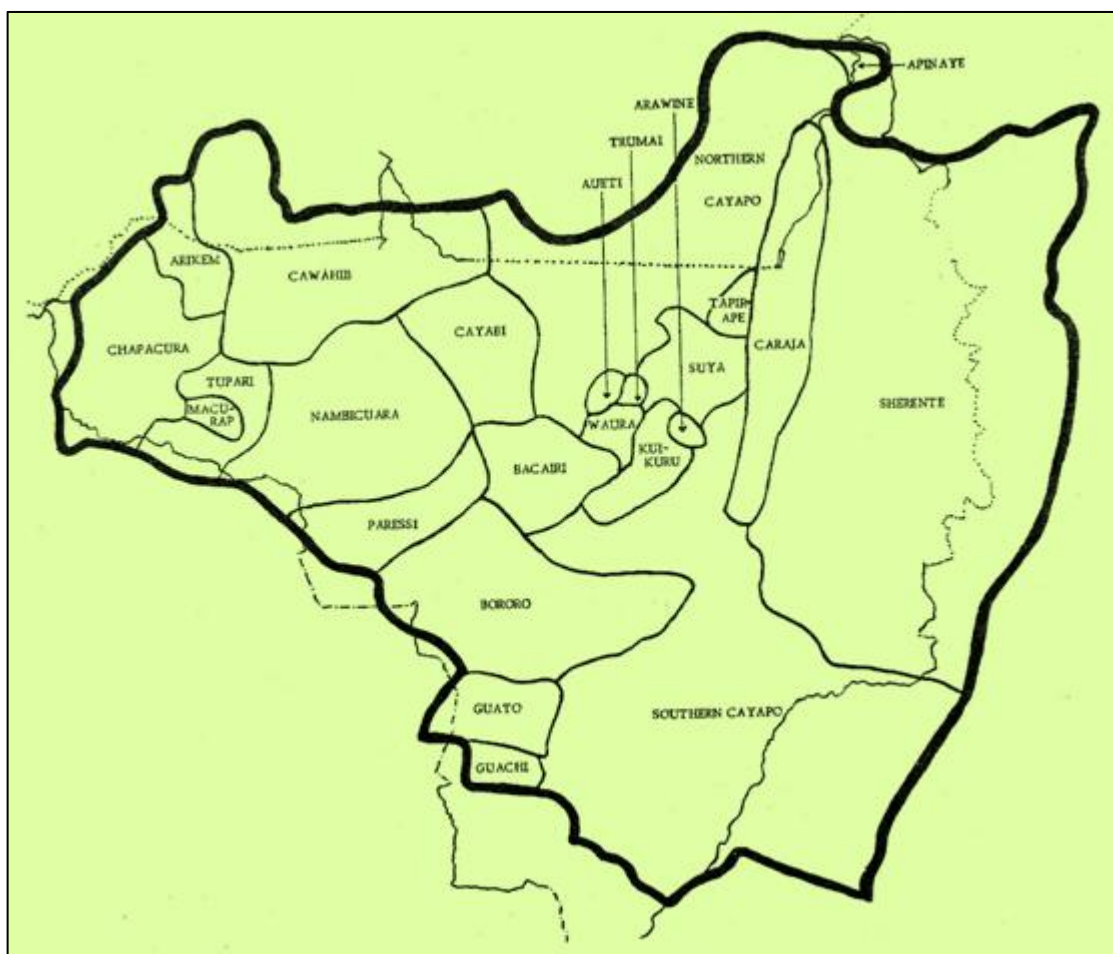


Figura 2 - Os povos indígenas da “Região Centro-Oeste do Brasil” (O'LEARY, 1963).
Fonte: O'LEARY (1963)

1.6 LIMITES TEMPORAIS

Apesar de algumas partes desta região terem sido descritas pela primeira vez por exploradores europeus no século XVII, o que ocorreu no século XVIII, a “Viagem Philosophica”, realizada por Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1791, foi o principal exemplo Português das “Viagens do Iluminismo” europeu que, no final do século XVIII, começou a descrever sistematicamente partes até então desconhecidas do mundo, em termos de

taxonomia do mundo natural, desenvolvida por Carlo Lineu em seu *Systema Naturae* (1740). Estas expedições foram em geral financiadas pelos países europeus, na esperança de garantir para si os lucros a partir dos recursos encontrados nessas regiões inexploradas, mas também provaram ser extremamente importante para o crescimento do conhecimento biológico. Quase espontaneamente também levaram ao surgimento de um novo ramo do conhecimento, designado como “etnografia” ou “etnologia”, dedicado à descrição sistemática e classificação dos povos do mundo e de sua diversidade cultural em analogia com o sistema de Lineu (FEEST, 2012, p. 22).

O nascimento desta nova disciplina resultou no primeiro estabelecimento de coleções etnográficas, geralmente em contextos de museus de história natural, o que incluiu o Museu Nacional no Rio de Janeiro em 1818 (FEEST, 2011, p. 23). Mas levou quase um século para a profissionalização deste campo e seu estabelecimento como uma disciplina acadêmica. No Brasil, esse “período de museu” da antropologia cultural foi estendido até o final de 1930, quando os antropólogos franceses Dina e Claude Lévi-Strauss ajudaram a criar o departamento de antropologia na USP.

Um segundo estímulo para a profissionalização acadêmica foi dado ao mesmo tempo por imigrantes alemães durante o período nazista, tais como Herbert Baldus e Emilio Willems. O surgimento de uma nova antropologia brasileira com alunos formados em universidades brasileiras, portanto, forneceu um limite lógico para a transição entre um período em que a maior parte da pesquisa antropológica ainda foi feita por estrangeiros, para o período da dominação de uma antropologia brasileira.

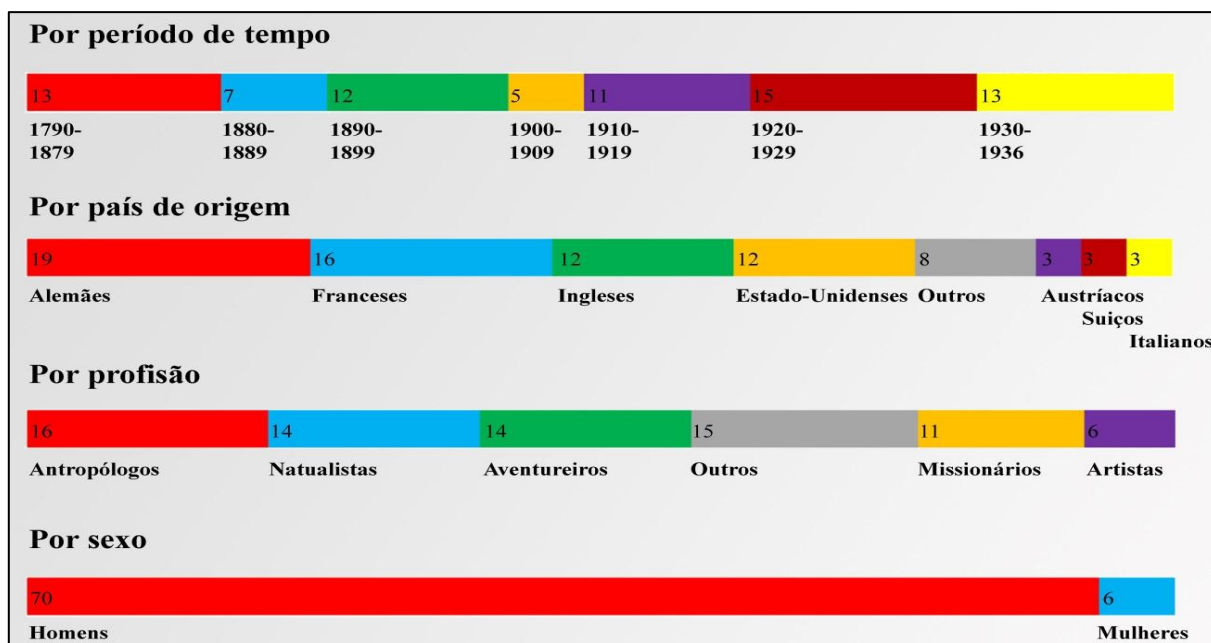
1.7 VIAJANTES E PESQUISADORES

Ao compartilhar um interesse mais relevante sobre a população indígena, os 76 viajantes e pesquisadores a serem discutidos a seguir formavam um grupo muito heterogêneo. Esta pesquisa permitiu concluir que a maioria era formada por homens (apenas seis mulheres estão incluídas), que vieram da Argentina e dos Estados Unidos, mas a maioria são provenientes dos países europeus. As profissões destes viajantes e pesquisadores eram: naturalistas (zoólogos, botânicos, geólogos), médicos (antropólogos, físicos), geógrafos, exploradores, aventureiros, artistas, missionários e fotógrafos. Alguns permaneceram no Brasil, apenas por algumas semanas, como o pesquisador argentino Júlio Koslowsky, outros, por 17 anos, como o naturalista austríaco Johann Natterer.

Devido as diferentes origens, interesses e duração da estadia, não é de se estranhar que o material recuperado por eles deve ser igualmente heterogêneo. Mas são precisamente esses diferentes pontos de vista que tornam os resultados do encontro tão interessante.

A seguir, o quadro1 apresenta os viajantes por período de tempo evidenciando que num período de 89 anos vieram 13 viajantes, em compensação entre os anos de 1880 a 1889 passaram pelo Brasil Central 7 viajantes devido a duas grandes expedições alemãs no Xingu; por país de origem os alemães saíram na frente em quantidade logo em seguida estão os franceses; por profissão destacam-se os antropólogos, naturalistas e aventureiros, outros neste caso são os geógrafos, exploradores e comerciantes e por gênero que o destaque são as mulheres a frente do seu tempo.

Quadro 1 - Os viajantes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas leituras realizadas.

1.8 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Os povos indígenas encontrados pelos viajantes no Brasil Central, entre o final do século XVIII até meados do século XX, eram de origem heterogênea e pertenciam a quatro troncos linguísticos principais (Aruak, Jê, Karib, Tupi-Guarani), cuja distribuição maior estendeu-se para o norte e leste; um menor grupo linguístico (Guaikurú), cujos outros

membros foram viver para o sul; e um número de famílias de línguas isoladas, que só foram encontrados no Brasil Central como: Bororo, Karajá, Nambikwara, Trumai.

A família Bororo ocupou uma posição central no planalto em ambos os lados do divisor de águas entre o rio Amazonas, no norte do Paraná e no sul. Enquanto seu território estendia-se por uma grande área, algumas outras regiões como o Alto Xingu foram caracterizadas por muitos grupos menores, pertencentes a diferentes grupos linguísticos que vivem uns ao lado do outro.

Deve-se notar que as designações utilizadas na literatura histórica e antropológica referem-se a “povos”, no sentido de um grupo de seres humanos que falam a mesma língua, que estão intimamente relacionados e possuem certo senso de identidade coletiva². Não podem ser nomeadas, subdivisões independentes desses povos, que aparecem na literatura de viagem histórica, sob diferentes nomes. Muitas das designações também não são utilizadas pelos povos para referir a si mesmos, só mais recentemente muitos povos indígenas insistiram em seu direito de escolher sua própria designação e sua ortografia.

Durante o período abrangido por este trabalho, os povos indígenas do Brasil Central entraram em maior contato com a população neo-brasileira, que avançou sobre seus territórios. Este processo, muitas vezes, resultou na dizimação das populações indígenas, decorrente das doenças trazidas pelos viajantes estrangeiros, ou dos conflitos violentos que levaram ao deslocamento dessas populações, acompanhado pelas mudanças de nome.

A entrada em terras indígenas no Brasil Central não ocorreu ao mesmo tempo, os povos indígenas em Goiás ou na bacia do Paraguai foram afetados muito mais cedo do que aqueles, por exemplo, que viviam no Alto Xingu. Os viajantes que atravessaram o Brasil Central enfrentaram o processo de deslocamento e/ou aculturação em diferentes estágios entre os diferentes povos.

No ano de 1880, os Bororos Orientais foram finalmente “pacificados” pela ação militar e colocados em “colônias” controladas pelo governo. Seus parentes distantes, os Bororos do Cabaçal, foram extintos, enquanto alguns grupos na região do Alto Xingu foram capazes de manter a sua independência. Apesar de todos os povos da região central do Brasil terem sido afetados, direta ou indiretamente, pela presença dos neo-brasileiros.

² A ortografia segue o padrão estabelecido pelo site <http://pib.socioambiental.org/pt> o que reflete, principalmente, as grafias preferidas pelos povos indígenas atuais. Para os povos indígenas não mais existentes e, portanto, não listados neste site, as grafias são aquelas utilizadas por O'Leary (1963). Em conformidade com o uso antropológico, os nomes são apresentados no singular como uma expressão da identidade coletiva.

O quadro 2 seguir apresenta os povos relatados nesta dissertação e fornece o padrão da escrita para seus nomes para o presente propósito, com plena consciência das dificuldades envolvidas.

Quadro 2 - População indígena brasileira relatada na pesquisa.

Nome do povo	Família ao qual pertencem ou Tronco Linguístico	Estados brasileiros onde habitaram
Apiaká	Apiaká	Mato Grosso
Aweti	Língua Aweti	Mato Grosso
Bakairi	Karib	Mato Grosso
Bororo da Campanha	Bororo	Mato Grosso
Bororo do Cabaçal	Bororo	Mato Grosso
Bororo Orientais	Bororo	Mato Grosso
Guachi	Guaikuru	Mato Grosso do Sul
Guato	Guató	Mato Grosso do Sul
Iranxe Manoki	Iranxe	Mato Grosso
Javaé	Karajá	Goiás, Tocantins
Kadiwéu	Guaikuru	Mato Grosso do Sul
Kaiabi	Tupi-Guarani	Mato Grosso do Sul
Kaiowá	Tupi-Gurani	Mato Grosso do Sul
Kamaiurá	Tupi-Gurani	Mato Grosso
Karajá	Karajá	Mato Grosso, Tocantins
Kayapó	Jê	Mato Grosso, Pará
Kinikinau (Guaná)	Aruaki	Mato Grosso do Sul
Kisêdjê (Suyá)	Jê	Mato Grosso
Kuikuro	Karib	Mato Grosso
Mehinako	Aruak	Mato Grosso
Nahukuá	Karib	Mato Grosso
Nambikwara	Nambikwara	Mato Grosso, Rondônia
Paresi	Aruak	Mato Grosso
Porekamekrá	Jê	Tocantins
Tapirapé	Tupi-Guarani	Mato Grosso
Terene	Aruak	Mato Grosso do Sul
Trumai	Trumai	Mato Grosso
Umutina	Bororo	Mato Grosso
Wauja (Waurá)	Aruak	Mato Grosso
Xavante	Jê	Mato Grosso
Xerente	Jê	Tocantins
Yawalapiti	Aruak	Mato Grosso

Fonte: IBGE (2010).

O censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revelou dados importantes sobre a população indígena brasileira na atualidade. Os dados apontam que o total da população indígena no país é de aproximadamente 896.917 (0,47% da população brasileira); 505 terras indígenas correspondem a 12,5% do território brasileiro. Nestas terras vivem 517.383 índios (57,7% de todos os indígenas).

Dentre as maiores etnias podemos destacar a Guaraní Kaiowá (43,4 mil) Terena (28,8 mil). O censo do IBGE (2010), também apontou que, aproximadamente 16% da população indígena, estão distribuídos na região Centro-Oeste; sendo o Estado de Mato Grosso do Sul o terceiro com a maior concentração de índios no país.

O próximo capítulo apresenta os viajantes que no período compreendido nesta dissertação, os naturalistas e pesquisadores engajaram-se nas expedições, que eram realizadas em territórios pouco explorados ao redor do mundo, procurando classificar e ordenar os elementos da natureza. Faziam parte das expedições os especialistas em minerais, flora e fauna, antropólogos, mas também um grupo de técnicos e artistas capazes de preservar e acondicionar o material coletado, assim como de gravar tudo o que era visto.

2 VIAJANTES E PESQUISADORES

Tomando-se o Brasil como ponto de partida, segundo Belluzzo (1996, p. 5)³ a literatura e o legado iconográfico dos viajantes e pesquisadores trouxeram a possibilidade de novas aproximações com a história do Brasil. Assim, nos territórios recém-conquistados, os habitantes autóctones tornaram-se objeto de interesse, bem como a fauna, a flora e as culturas diversas, gerando coletas, pesquisas, registros escritos e iconográficos.

Os viajantes colhiam milhares de exemplares da natureza e os remetiam para as academias de ciência, jardins botânicos, gabinetes imperiais, museus, universidades e demais centros especializados em pesquisa, muitas vezes responsáveis por parte do financiamento das viagens.

Da mesma forma que os naturalistas formaram coleções de elementos da natureza, também foram responsáveis pelas coletas indumentárias, ornamentos, utensílios, armas etc, que habitavam as matas brasileiras. O estudo da natureza e de populações não europeias fazia parte da procura de novas teorias sobre seus ciclos e sobre a origem da vida.

Em 1817, destaca-se a missão austríaca, formada por ocasião do casamento de D. Leopoldina com o príncipe D. Pedro, fato que trouxe um conjunto de sábios e artistas para estudarem o país. Foram nomeados para compor o séquito da arquiduquesa Leopoldina, o austríaco Johann Natterer (1787-1843), o zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826) e o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) (AUGUSTAT, 2012).

A participação mais importante desse grupo, sem dúvida, deve ser atribuída a Natterer que, durante aproximadamente 18 anos (1817-1835), dedicou-se à coleta e preparação de material biológico e etnográfico em enorme extensão do território brasileiro (incluindo vastas áreas da Amazônia, regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do País). (VANZOLINI, 1993).

³ Professora de história da arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em artigo publicado na Revista da USP, p. 8-19, em 1996.

Dentre os diversos povos que tiveram a cultura registrada por esses viajantes, cronistas e missionários, destacam-se os povos indígenas do Brasil Central, que a partir do século XVIII, foram estudados de forma mais sistemática e tiveram suas culturas representadas em vários museus do mundo. (DORTA, 1992).

O etnólogo alemão Karl von den Steinen, por exemplo, realizou duas grandes viagens e fez contatos com diversos grupos indígenas. A coleção de objetos indígenas, adquirida por von den Steinen em 1889, permanece no Museu de Berlim.

Os objetos da cultura bororo, coletados por Natterer, foram alvo de permuta, no século XIX, com outros museus, dentre os quais os museus de Dresden, de Berlim e de Hamburgo (FEEST, 2012a). A coleção da Baronesa Amanda Loreto, irmã de José Paranaguá (o presidente da província do Amazonas no início dos anos 1880), foi adquirida pelo Museu de Viena em 1907 e inclui 59 objetos bororo. Neste mesmo ano, foram adquiridos dois objetos em intercâmbio com o Museu Paulista, e um objeto bororo de Josef Gustav Foetterle (também de Petrópolis). (HEGER, 1908).

Claude Lévi-Strauss relata sua experiência no Brasil entre 1935 e 1939, desenvolvendo pesquisas etnográficas, com índios Bororo, Kadiwéu e Nambikwara. Para Lévi-Strauss, como antropólogo, a viagem ao Brasil teve um significado de reconhecimento e construção de identidade das culturas registradas. O contato com os Bororo foi de suma importância. Pesquisou a cultura durante os períodos 1935-1936, depois voltou para a França, levando objetos da cultura bororo coletados durante este período de permanência, que passaram a fazer parte do acervo do Musée de l'Homme, transferidos, posteriormente, para o Musée du quai Branly. (GRUPIONI, 2005b).

Embora os naturalistas tenham deixado informações valiosas sobre as sociedades indígenas do século XIX, coletando e preservando instrumentos e artefatos hoje inexistentes, a tentativa de classificar os grupos indígenas por suas características físicas foi responsável por identificações inadequadas e contraditórias.

No século XIX, paralelamente à visão romântica do índio integrado à natureza, os naturalistas procuraram classificar os indígenas como uma raça inferior, intermediária entre os seres humanos e animais. Alguns dos viajantes deram aos indígenas o mesmo tratamento científico empregado para analisar os elementos da natureza; coletaram seus crânios, descreveram seus hábitos e os expuseram para o público europeu.

2.1 “VIAGEM PHILOSOPHICA”

As “Viagens Filosóficas” foram a versão específica de Portugal das Viagens do Iluminismo realizadas por várias nações europeias, na segunda metade do século XVIII. A ideia de tais viagens foi idealizada no ano de 1770 pelos cientistas do Real Museu da Ajuda, em Lisboa, que estudaram na Universidade de Coimbra.

Em 1779, o naturalista italiano Domingos Vandelli reuniu seus conhecimentos para a viagem sob o título “Viagens Filosóficas”, resultando na dissertação que relatava sobre as importantes normas de um filósofo naturalista, que nas suas peregrinações desenvolveu principalmente o método de observar (PORTO FRANCISCO, 2013).

Os objetivos dessas expedições foram uma descrição sistemática bem como a catalogação do mundo, especialmente suas partes até então inexploradas, e a aquisição do conhecimento prático sobre os recursos no contexto da exploração colonial (PORTO FRANCISCO, 2013). Observações etnográficas faziam parte do programa destas viagens, mas a ênfase era sobre a flora, fauna e recursos minerais.

Em 1783, várias expedições seguiram a experiência de Domingos Vandelli e o financiamento pela Real Academia das Ciências de Lisboa que foram enviados para Cabo Verde, Moçambique, Angola e Brasil; este último sob a responsabilidade de Alexandre Rodrigues Ferreira, cuja expedição nomeou-se “Viagem Philosophica” e durou desde sua chegada em Belém do Pará, em outubro de 1783, até seu retorno a essa cidade em janeiro de 1792. No decorrer de mais de nove anos, a expedição subiu o Rio Amazonas, incluindo passeios laterais para o Rio Negro e Rio Branco, o Rio Madeira e o Rio Guaporé para Mato Grosso. Ferreira estava acompanhado de dois artistas do Museu da Ajuda, José Codina e José Joaquim Freire, e um jardineiro botânico (RAMINELLI, 1997).

2.1.1 Alexandre Rodrigues FERREIRA

Naturalista português

* 27 de abril de 1756, Bahia [Salvador] (Brasil)

† 23 de abril de 1815, Lisboa (Portugal)

Ferreira nasceu no Brasil e era filho de comerciante. Foi para Coimbra estudar Direito, mas começou a desenvolver seu interesse pela história natural, fazendo o doutorado

nesta área em 1779. Começou a trabalhar para o Museu da Ajuda e tornou-se membro da Real Academia das Ciências.

Após o seu regresso do Brasil, pela expedição “Viagem Philosophica”, Ferreira ocupou vários cargos administrativos, incluindo o de diretor do Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, mas não deu continuidade aos dados que havia reunido em sua “Viagem Philosophica”.

A permanência de Ferreira em Mato Grosso foi relativamente curta e ocorreu em 1791, pouco antes de seu retorno a Belém do Pará. Em seu trabalho etnográfico no Brasil Central, focou especialmente a etnia Kadiwéu, mas também obteve material relacionado aos índios Bororo, Guató e Kinikinao (“Guanaãs”).

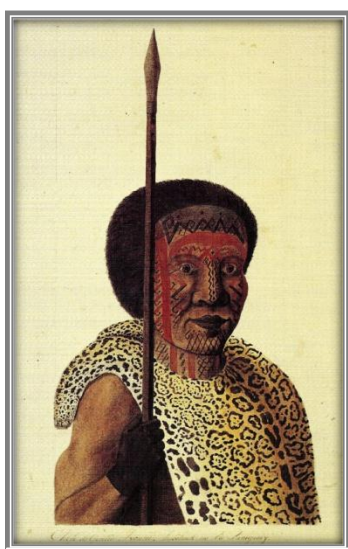


Figura 3 - José Codina (?) - Chefe do Gentio Aycurú [Guaikurú], habitante no Rio Paraguay, 1791.

Fonte: Monteiro Soares; Ferrão (2005, p. 23).

O livro da sua viagem foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1885-1888 e reimpresso em 1972-1974, contém algumas observações etnográficas. (BALDUS, 1954, p. 238, nº 484). Um relato conciso das etnias Kinikináo e Kadiwéu oferece numa de suas cartas, publicadas por Monteiro Soares e Ferrão (2005, p. 19-27) (ver Figura 3).

A grande coleção etnográfica está acondicionada em Portugal, dividida entre o Mayenense Museu da Real Academia das Ciências e o Museu da Universidade de Coimbra. Dos 933 objetos coletados, a maioria aparentemente permanece em bom estado, Apesar de terem Sido parcialmente misturados com outras coleções etnográficas.

Apenas 25 desses objetos vêm do Brasil Central, mas eles são os primeiros objetos etnográficos desta região a terem sido preservados (RODRIGUES DE AREIA, MIRANDA; HARTMANN, 1991; MONTEIRO SOARES; FERRÃO, 2005), além três desenhos que ilustram a etnia Kadiwéu, feitos talvez por José Codina, que também estão preservados.

2.2 WILHELM LUDWIG VON ESCHWEGE

Geólogo alemão

* 15 de novembro de 1777, Auer Wasserburg (Alemanha)

† 1 de fevereiro de 1855, Wolfsanger (Alemanha)

Em 1803, o mineralogista alemão Eschwege (Figura 4), foi para Portugal e logo em seguida foi nomeado para o cargo de diretor das ferragens. De 1810 a 1821 foi responsável pela exploração geológica do Brasil, especialmente em Minas Gerais.

Em 1816, fez uma viagem a Goiás. Seu relatório inclui referências aos índios Bororo Orientais, Karajá, Kayapó, e Tapirapé (ESCHWEGE, 1830, p. 4-82; BALDUS, 1954, p. 221-222).

Seus vocabulários de línguas indígenas, mais especificamente dos índios da região de Minas Gerais, são usados em listas de palavras padronizadas como estudo sistemático, que foram posteriormente adotadas por Johann Natterer em seu trabalho linguístico.



Figura 4 - Wilhelm Ludwig von Eschwege.

Fonte: skyscra percily.com, 2013.

2.3 AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

Botânico francês

* 4 de outubro de 1777, Orléans (França)

† 30 de setembro de 1853, Orléans (França)

O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (Figura 5), chegou ao Brasil em 1816 em uma missão diplomática para resolver o conflito entre a França e Portugal sobre a Guiana.

Ele ficou por seis anos realizando pesquisas botânicas, especialmente nas regiões sul e central do Brasil ao longo do Rio Paraguai.

Na terceira parte da narrativa da sua viagem (Sainte-Hilaire, 1847-1848, tradução Português, 1937), ele descreve suas experiências em Goiás, em 1819, com uma descrição dos índios Kayapó, juntamente com um vocabulário da língua (BALDUS, 1954, nº 1403; KURY, 2004 (IHGRGS, 2013).



Figura 5 - Auguste de Sainte-Hilaire.

Fonte: Terra de André. 2013.

Com o enlace matrimonial da arquiduquesa austríaca Leopoldina e o príncipe Dom Pedro no ano de 1817, o príncipe Metternich vislumbrou uma oportunidade de expandir a influência política da Áustria sobre o Brasil; a corte Portuguesa havia se transferido para país em 1807, fugindo de Napoleão.

Esta ocasião representava também a chance única de enviar uma expedição científica ao país, ainda relativamente desconhecido; a chance foi aproveitada com uma expedição que oficialmente durou apenas quatro anos, de 1817 a 1821. Um de seus participantes, no entanto, acabou permanecendo voluntariamente por 18 anos no Brasil, o taxidermista Johann Natterer, responsável pela zoologia desta expedição. Ali, coletou e descreveu uma incansável lista de objetos da coleção da fauna, flora e etnográfica.

Pelo grande número de objetos das coleções zoológicas, botânicas e etnográficas enviadas para a Áustria tornou-se necessário abrir um museu chamado Museu Brasileiro, em Viena, este vasto material foi exibido 1821-1836. Embora os resultados da expedição botânica e zoológica foram publicados subitamente, os resultados referentes aos povos indígenas foram recentemente descobertos e publicados em parte desta expedição (AUGUSTAT, 2012; FEEST, s/d).

2.4.1 Johann Emanuel Pohl

Botânico austríaco

* 23 de fevereiro de 1782, Böhmisch Kamnitz (Boêmia, Áustria)

† 22 de maio de 1834, Viena (Áustria)

Pohl (Figura 7) era um botânico respeitado, mas foi nomeado na equipe da expedição como mineralogista, porque a botânica já havia sido reservada ao Johann Christian Mikan.

Quando Mikan retornou à Viena em 1818, Pohl assumiu a pesquisa da botânica. Após seu retorno a Viena, em 1822, ele atuou como diretor do Museu Brasileiro.

Pohl manteve contato com pelo menos oito etnias, entre elas Caiapó, Krenak e Botocudo, bem como a população neobrasileira das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Pará.

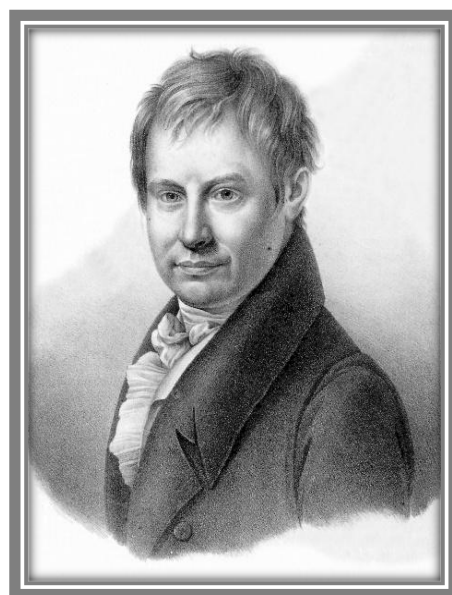


Figura 7 - Johann Emanuel Pohl.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

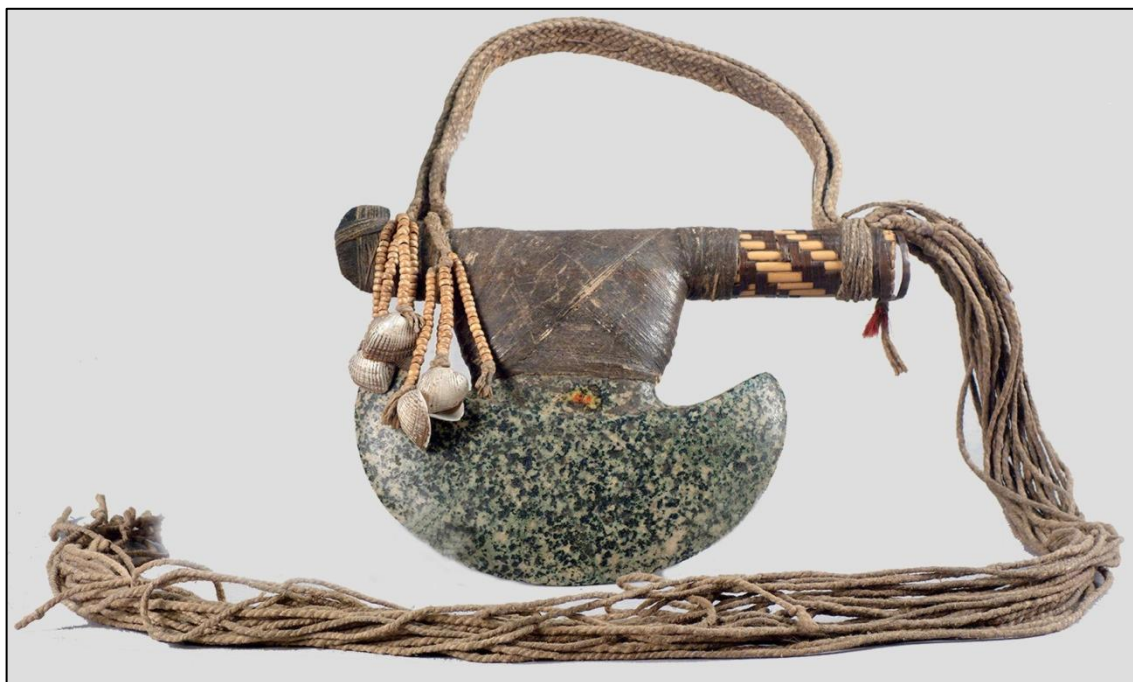


Figura 8 - Machada, Porakamekrá (Goiás), coletado por Johann Emanuel Pohl.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, n° 475.

Pohl fez uma longa viagem, foi às províncias de Minas Gerais a Goiás entre setembro de 1818 a fevereiro de 1821. Essa viagem que está documentada com grande riqueza de detalhes em seu livro *Reise im Inneren von Brasilien* (Viagem ao interior do Brasil 1832-1837). O livro também inclui um vocabulário da língua Kayapó. Além disso, ele recolheu cerca de 50 objetos das etnias Kayapó, Porakamekrá e Xavante, que estão agora preservados nos museus de Viena (Figura 8) e Dresden.

Sua obra destaca-se pela riqueza de detalhes nas descrições dos objetos coletados que não apenas demonstram uma visível simpatia pelos povos indígenas, bem como suas informações que foram complementadas pelos chefes das aldeias que haviam oferecido apoio na aquisição dos objetos coletados (AUGUSTAT, 2012).

2.4.2 Johann NATTERER

Zoólogo austríaco

* 9 de novembro de 1787, Laxenburg (Áustria)

† 17 de junho de 1843, Viena (Áustria)

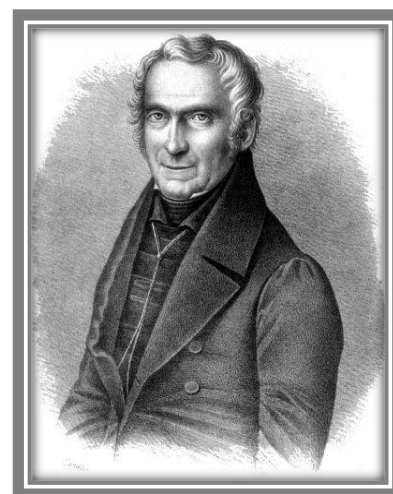


Figura 9 - Johann Natterer

Fonte: Museu de Etnología. Viena.

Johann Natterer (Figura 9), e seu irmão Joseph foram filhos de um taxidermista, cuja coleção de pássaros foi adquirida pelo imperador austríaco para o seu Gabinete de História Natural. Tanto Johann quanto Joseph continuaram trabalhando para a coleção imperial.

Enquanto Joseph se tornou curador da coleção, Johann colaborou como coletor e taxidermista. Devido a sua grande experiência em trabalho de campo, Johann Natterer foi selecionado para ser responsável pela parte da zoologia da expedição austríaca ao Brasil.

Ao contrário dos outros membros da expedição, Natterer, aparentemente, não tinha problemas em adaptar-se às condições do Brasil, que eram tão diferentes do seu país de origem, a Áustria. Depois que todos os outros membros da expedição austríaca haviam retornado, ele conseguiu convencer as autoridades de Viena a deixá-lo continuar suas viagens pelo Brasil, com o objetivo de montar a coleção mais proeminente do Brasil para o Gabinete de História Natural imperial.

No decorrer de seus 18 anos no Brasil, Natterer começou a desenvolver um forte interesse em línguas e culturas indígenas em 1821, em Mato Grosso, nos anos de 1823/4 e 1826/7. Após a morte do seu companheiro de viagem, o caçador Dominik Sochor, casou-se com Maria Josefa do Rego em Barcelos em 1831. Em seu retorno a Viena, em 1836, foi ordenado pelo imperador para encerrar o Museu Brasileiro.

Enquanto as coleções de história natural foram transferidas para o Gabinete de História Natural, Natterer tornou-se o diretor do Museu Etnográfico por um pequeno período de tempo, pois ele morreu em 1843, sem receber o reconhecimento que teria merecido e antes que pudesse tentar publicar os resultados de suas pesquisas. (GOELDI 1894-1897; SCHMUTZER 2011; RIEDL-DORN, 2000a, 2000b).



Figura 10 - Adorno de orelha, Bororo da Campanha (Mato Grosso), coletado por Johann Natterer in 1826.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, n° 807.

Em outubro de 1822, Natterer deixou o Rio de Janeiro para Goiás, chegando em agosto de 1823. Em dezembro do mesmo ano, rapidamente iniciou seu trabalho de campo em Cuiabá.

Permanecendo em Mato Grosso até julho de 1829, quando continuou suas viagens no Guaporé e Madeira para a Amazônia, fez várias visitas aos índios Bororo da Campanha e fez amizade com alguns Guanás, que também lhe forneceram material etnográfico de outros povos da vizinhança.

Outras coleções etnográficas foram obtidas a partir de vários conhecidos brasileiros, incluindo o seu “aluno”, o oficial do exército brasileiro Capitão Antônio Peixoto de Azevedo. Sua visita planejada à etnia Guató foi cancelada devido à doença de Natterer. (FEEST, 2012a; FEEST, s/d).

Diferentemente de Pohl, Natterer jamais publicou uma apresentação coerente das suas viagens e, mesmo as cartas, foram de forma resumida. Suas anotações linguísticas e registros etnográficos por um bom tempo permaneceram inacessíveis. (KANN, 1989).

Sua expedição duradoura, no entanto, consistiu em uma relevante coleção de objetos etnográficos e de vocabulário de línguas indígenas. As coleções etnográficas foram coletadas concomitantes da história natural perfazendo um total de 50.825 objetos sendo que 32.825 insetos, 12.293 aves, 1.146 mamíferos, 1.678 anfíbios, 1.621 peixes, 409 crustáceos, 951 conchas, 73 moluscos, e a quantidade de 2.119 objetos de aproximadamente 70 etnias

diferentes. Destes, 367 são do Brasil Central e incluem objetos das etnias Apiaká, Bakairi, Bororo da Campanha, Bororo do Cabaçal, Guató, Kinikinau (Guaná), Nambikwara (“Cabixi”) e Paresi. (STEINLE, 2002; HÖLDRICH, 2002; FEEST, 2012; DORTA, 1992, 1997).

Sua coleção de vocabulários indígenas é de longe a maior realizada no Brasil no século XIX: ele gravou 75 listas de palavras de 65 línguas indígenas, inclusive do Brasil Central, amostras das línguas dos Apiaká, Bororo da Campanha, Bororo Cabaçal, Bororo Oriental, Guachi, Guató, Kinikinau (Guaná), Nambikwara (“Cabixi”) e Paresi (NOWOTNY, 1949; FEEST, SA b).

Em 1827, Natterer fez contato com a expedição russa que estava no Brasil, liderada por Georg Heinrich von Langsdorff (item 2.5.1), que durante suas viagens também colecionava artefatos indígenas, dos quais alguns objetos foram preservados no Museu de Etnografia e Antropologia em São Petersburgo. (MANIZER, 1967; BERTHELS *et al.*, 1981; KOMMISSAROV 1994).

2.5 EXPEDIÇÃO LANGSDORFF

Apesar de ter Sido organizado pela Academia de Ciências da Rússia, em São Petersburgo, a Expedição Langsdorff foi essencialmente constituída por membros não-russos, com exceção do cartógrafo. Em 1825 os exploradores subiram o Rio Tietê para Cuiabá e investigaram a região dos rios Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá.

A expedição foi marcada pelo grave problema que culminou na morte de Aimé-Adrien Taunay e a grave doença de Langsdorff, o que resultou no cancelamento da expedição em 1829. Os resultados científicos, incluindo objetos etnográficos, desenhos, mapas e notas de campo, são preservados em São Petersburgo. (MANIZER, 1967; BERTHELS *et al.*, 1971, 1983)

Esta expedição contava com a presença dos artistas Hércules Florence (item 2.5.2.) e Aimé Adrien Taunay (item 2.5.3). O relato da expedição Langsdorff está contido na Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829 (1977) por Hércules Florence, que também produziu uma série de desenhos indígenas (entre eles experiências de Florence com fotografias em 1832; cp. OLIVEIRA, SA). Outro artista que acompanhou a expedição foi Aimé-Adrien Taunay, alguns desenhos indígenas também estão preservados. (AMBRIZZI, 2008; VON DEN STEINEN, 1899).

2.5.1 Georg Heinrich von Langsdorff

Diplomata e naturalista alemão em serviço da Rússia

* 18 de abril de 1777, Wöllstein (Alemanha)

† 29 de junho de 1852, Freiburg im Breisgau (Alemanha)

Depois de concluir sua formação acadêmica como Médico na Universidade de Göttingen em 1797, Langsdorff (Figura 11) serviu o exército Português na guerra contra a Espanha em 1801.

Nesta ocasião, devido a seus contatos com oficiais russos foi convidado para juntar-se a circunavegação russa por Adam Johann von Krusenstern 1803-1807. Em seguida, tornou-se membro da Academia de Ciências da Rússia e em 1813 foi nomeado cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro.

A Academia de Ciências da Rússia também financiou sua expedição ao Brasil Central, Langsdorff teve alucinações fortíssimas devido a uma grave febre tifoide, a partir da qual ele nunca se recuperou e que ocasionou seu regresso à Alemanha, onde viveu até sua morte. (BECHER, 1987).

Devido a doença, Langsdorff nunca escreveu um relato da expedição, mas seus diários brasileiros foram, finalmente, publicados mais de 150 anos após a expedição. (LANGSDORFF, 1997-1998, cp. KOMMISSAROV, 1977, 1994). Sua coleção etnográfica está acondicionada em São Petersburgo. (DORTA, 1992, p. 503, nº 7) incluindo material das etnias Apiaká, Bororo da Campanha e Guató. (MANIZER, 1967).



Figura 11 - Georg Heinrich Langsdorff.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

2.5.2 Hércules FLORENCE

Artista franco-brasileiro em serviço da Rússia

* 29 de fevereiro de 1804, Nice (França)

† 27 de março de 1879, Campinas (Brasil)



Figura 12 - Hércules Florence.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Florence foi um pintor autodidata que em 1824 entrou em um navio de guerra francês para o Brasil.

No ano seguinte da sua chegada ao Brasil, foi contratado por Langsdorff para acompanhá-lo como ilustrador científico em sua expedição. Em 1829 após o término da expedição, Florence (Figura 12) estabeleceu-se em Campinas, onde se tornou agricultor e fundou uma editora. Uma de suas maiores conquistas foi a invenção independente da fotografia em 1833.

Seu diário francês dos eventos da expedição Langsdorff foi publicado em português em 1875, sem ilustrações; e em 1941, em uma nova edição ilustrada com seus próprios desenhos. (FLORENCE, 1875 e 1977; cp. BALDUS, 1954, p. 243, nº 496). Os desenhos originais das etnias Apiakás (Figura 13), Bororo da Campanha, Guató, Kinikinao, “Cabixi” e paresi, permanecem em São Petersburgo.

Os desenhos que contam e ilustram sua história e de sua família em São Paulo foram estudados pela primeira vez por Von Den Steinen (1899) e, mais recentemente, foram reproduzidos e discutidos por Carelli (1992), Monteiro e Kaz (1988), Ambrizzi (2008) e Oliveira (s/d).



Figura 13 - Hércules Florence, “Apiakás”, 1828.

Fonte: Academia de Ciências, São Petersburgo.

2.5.3 Aimé-Adrien Taunay

Artista francês em serviço da Rússia

* 1803, Paris (França)

† 5 de janeiro de 1828, Rio Guaporé (Brasil)

Aimé-Adrien Taunay (Figura 14) era filho de um pintor francês que, em 1816, veio com o pai para o Brasil. No ano seguinte, com quatorze anos, juntou-se na expedição francesa de Louis de Freycinet para as ilhas do Pacífico em que ele produziu desenhos etnográficos notáveis. Em Janeiro de 1820 Taunay retornou da expedição francesa e continuou seu trabalho como artista.

Em 1825 estava no Rio de Janeiro, onde continuou a trabalhar como artista e juntou-se à expedição Langsdorff, vindo a óbito depois que se afogou ao tentar atravessar o Rio Guaporé.

Seus desenhos (Figura 15) feitos durante a expedição mostram índios Bororo da Campanha, bem como os Paresi. Ele também produziu desenhos dos objetos coletados por Langsdorff (MONTEIRO e KAZ, 1988; veja também COSTA, 2007).

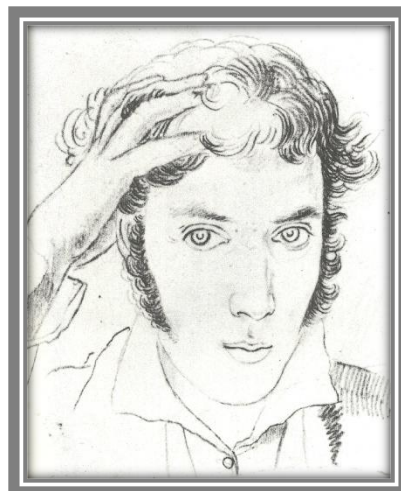


Figura 14 - Aimé-Adrien Taunay.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

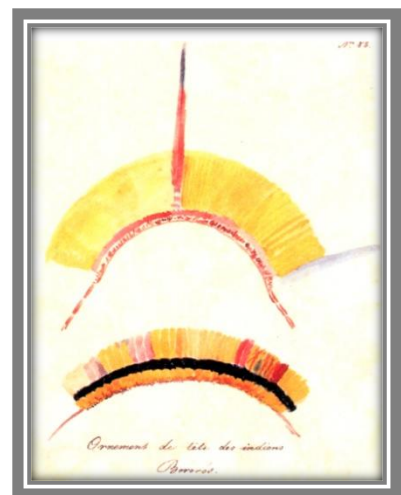


Figura 15 - Aimé-Adrien Taunay, "Enfeites de cabeça dos índios Bororo", 1827.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

2.6 EXPEDIÇÃO CASTELNAU

Em 1843, o naturalista francês Francis de La Porte de Castelnau foi solicitado pelo rei francês Louis Philippe para empreender uma expedição na América do Sul. Castelnau foi acompanhado por dois botânicos (incluindo Hugh Algernon Weddell, veja abaixo) e um taxidermista. A expedição partiu do Rio de Janeiro, cruzou o Brasil Central, e terminou em Lima, Peru, em 1848. Os resultados desta expedição foram publicados em uma narrativa de viagem de seis volumes (CASTELNAU, 1850-1851), acompanhado por um volume de "Vistas e Cenas" (CASTELNAU, 1852), e seguido por várias séries de volumes ricamente ilustrados sobre botânica, zoologia, arqueologia e geografia. (CASTELNAU, 1853-1854).

Uma vez que apenas um fragmento desta série de viagens foi traduzido para o Português e publicado no Brasil (CASTELNAU, 1949), a importância desta expedição é frequentemente subestimada.

2.6.1 Francis de La Porte de Castelnau

Naturalista francês

* 25 de dezembro de 1812, Londres (Inglaterra)

† 4 de fevereiro de 1880, Melbourne (Austrália)



Figura 16 - Francis de La Porte de Castelnau.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

Castelnau (Figura 16) nasceu na Inglaterra, embora seus pais fossem franceses. Depois de ter estudado ciências naturais em Londres, embarcou em uma expedição para a região ocidental dos Grandes Lagos, na América do Norte e mostrou um grande interesse na cultura indígena.

Os resultados foram publicados em dois volumes e um atlas de ilustrações impressos em 1842; pode ter sido este o motivo da sua convocação para realizar a expedição à América do Sul. Depois de voltar do Peru, Castelnau atuou brevemente como cônsul francês na Bahia, mais tarde foi cônsul francês na Tailândia (1849-1861) e na Austrália (1862-1880), onde continuou suas pesquisas botânicas.

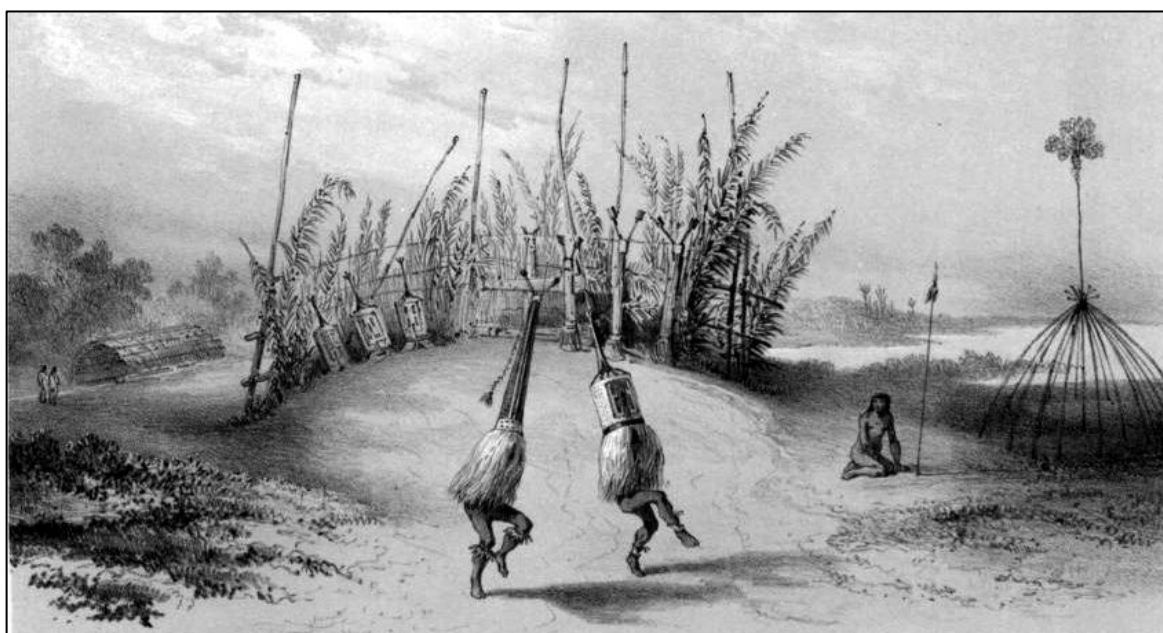


Figura 17 - Francis de La Porte de Castelnau, “Templo dos cocares entre os Karajá”, 1843.

Fonte: Castelnau (1852: pl. IX).

Além disso, Castelnau coletou 28 vocabulários de 26 línguas indígenas (CASTELNAU, 1850-1851, v. 5, p. 249-301), inclusive do Brasil Central como das etnias Xerente, Xavante, Karajá, Apiaká, Bororo do Cabaçal, Guachi, Guató, Kaidwéu, Kaiowá e Kinikináo. (BALDUS, 1954, p. 164).

Baldus e outros pesquisadores parecem ter esquecido o vasto material etnográfico nos vários volumes de ilustrações. Castelnau (1852) que inclui gravuras, algumas coloridas, com base em desenhos de Castelnau e Weddell, incluindo os índios Apiaká, Bororo do Cabaçal, Guató, Kadiwéu, Terena e Xerente.

Os volumes de geografia Castelnau (1853-1854) contêm mapas extremamente detalhados que mostram as localizações dos grupos indígenas e as suas aldeias.

Os vocabulários de Castelnau do Bororo do Cabaçal e Guachi (juntamente com vocabulários de línguas de Natterer) são os únicos documentos existentes sobre as línguas desses povos. Igualmente exclusivas são as duas imagens relativas à Bororo não Cabaçal, enquanto outros grupos, como os Terena ou Karajá, não são os únicos, mas os primeiros documentos visuais que foram preservados.

O destino de suas coleções etnográficas permanece desconhecido, mas algumas espécimes zoológicas coletadas por ele no Brasil estão preservadas no Museu Britânico de História Natural, em Londres.

Os vocabulários das etnias Bororo do Cabaçal e Guachi, juntamente com vocabulários de Nattere, são os únicos documentos existentes sobre as línguas desses povos. Igualmente, exclusivas são as duas imagens relativas aos índios Bororo ditos não Cabaçal. Enquanto os grupos indígenas como os Terena e Karajá não são os únicos, mas os primeiros documentos visuais que foram preservados.

2.6.2 Hugh Algernon Weddell

Médico e botânico britânico em serviço francês

* 22 de junho de 1819, Painswick (Inglaterra)

† 22 de julho de 1877, Poitiers (França)



Figura 19 - Hugh Algernon Weddell.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Nascido na Inglaterra, Weddell (Figura 19) cresceu na França, onde estudou medicina e botânica. Participou de expedições para coletar

material de botânica. Em 1843 juntou-se a Francis de La Porte de Castelnaud em sua expedição à América do Sul, mas deixou Castelnaud em 1845 para prosseguir os seus estudos de botânica na Bolívia e no Peru. Depois de regressar a Paris, foi contratado pelo Museum d'Histoire Naturelle e empreendeu uma segunda viagem para o Peru e Bolívia, em 1851.

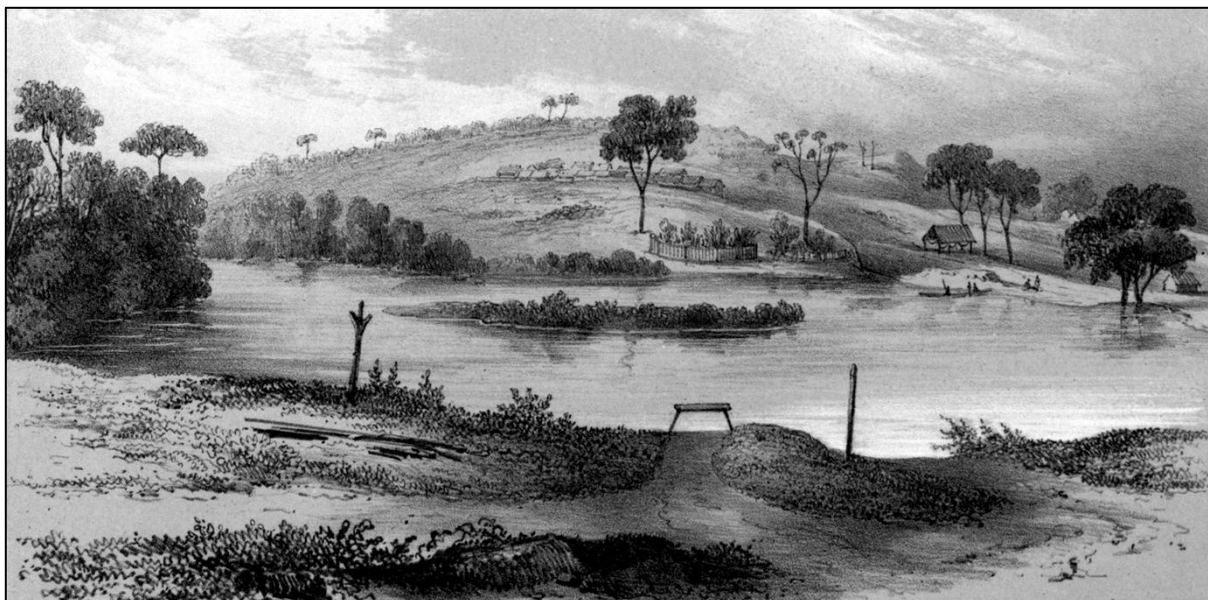


Figura 20 - Hugh Algernon Weddell, “Aldeia dos índios Cabaças”, Rio Jaurú, 1844.

Fonte: Castelnaud (1852, pl. XXX).

Weddell viajou pelo Brasil Central, principalmente com Castelnaud, mas algumas vezes eles se separavam devido seus interesses pessoais.

Sua obra está inserida no relato de viagem de Castelnaud e inclui a descrição de uma aldeia dos Bororo do Cabaçal (Figura 20), em 1844. (CASTELNAU 1850-1851, p. 47-49, 1852, p. 30; FEEST e SILVA, 2011, p. 171).

2.7 WILLIAM BRAGGE

Engenheiro civil e coletor antiquário britânico

* 31 de maio de 1823, Birmingham (Inglaterra)

† 6 de junho de 1884, Handsworth, Birmingham (Inglaterra)

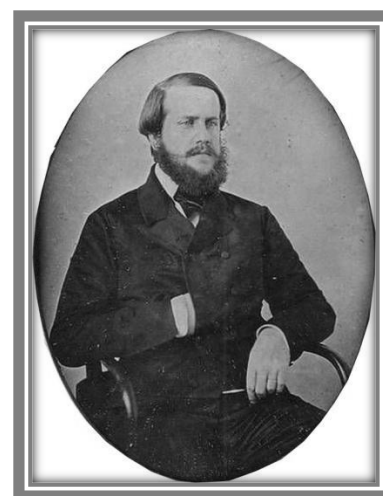


Figura 21 - William Bragge.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Bragge (Figura 19), filho de um joalheiro, estudou engenharia civil, empenhado na construção da

ferrovia da sua cidade. Em 1855, foi enviado ao Brasil para instalar o sistema de iluminação a gás no Rio de Janeiro e fez o levantamento para a primeira ferrovia brasileira do Rio de Janeiro a Petrópolis. Ele também construiu a primeira ferrovia na Argentina. Após o seu regresso da América do Sul em 1858, ele se envolveu em várias empresas técnicas na Inglaterra e na França.

Bragge é mais lembrado como um coletor com um interesse especial em canos e publicou uma extensa bibliografia sobre o uso do tabaco (BRAGGE, 1874). Os canos da coleção Bragge foram comprados em 1882 por Henry Christy e hoje estão acondicionados no Museu Britânico (KING, 1979, p. 32). O material etnográfico de todos os continentes que ele coletou foi doado na mesma instituição.

A única indicação de que Bragge passou no Brasil Central vem da sua própria coleção, que inclui também objetos da etnia Payaguá do lado paraguaio próximo ao Rio Paraguai. A coleção Bragge no Museu Britânico inclui uma série de objetos Guató e Karajá (BRITISH MUSEUM, 2013).

2.8 BARTOLOMÉ BOSSI

Explorador e comerciante italiano

* 1819, Genova (Italia)

† 1890, Nice (França)

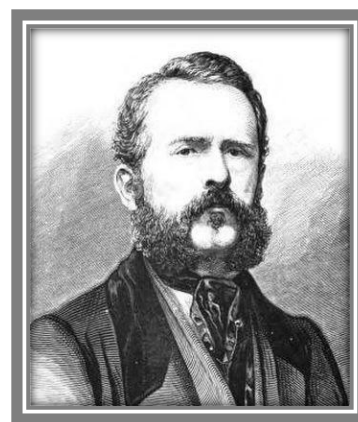


Figura 22 - Bartolomé Bossi.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Bossi (Figura 22) foi um navegador italiano que mudou para a América do Sul com 18 anos de idade, onde se tornou sócio proprietário da Companhia de Navegação Rioplatense, que transportava mercadorias entre Montevideu e Buenos Aires. Em 1862, começou uma série de viagens a fim de explorar o Brasil, Chile e Argentina (Figura 23), países que se tornaram temas de suas publicações. Mais tarde retornou para a Europa e morreu na França.

Em 1862 ocorreu sua primeira expedição, que o levou para Mato Grosso. Após, foi do Paraná até o Rio Paraguai e Rio São Lourenço em Cuiabá para explorar as possibilidades comerciais da região.

Em seu relato escrito em espanhol publicado na França, Bossi (1863) fornece uma descrição extensa dos índios Kadiwéu, Guató, Bororo Orientais (“Coroados”), Tapuia,

Apiaká, Paresi, e “Cabixi”, onde acrescenta uma pequena lista de palavras da etnia Paresi (cf. BALDUS, 1954, p. 238-239).

Entre as ilustrações, há imagens das etnias Kadiwéu, Tapuia e três imagens da etnia Paresi (Figuras 24 e 25), sendo aparentemente baseadas nas fotografias registradas por Bossi – as primeiras fotos etnográficas do Brasil Central.

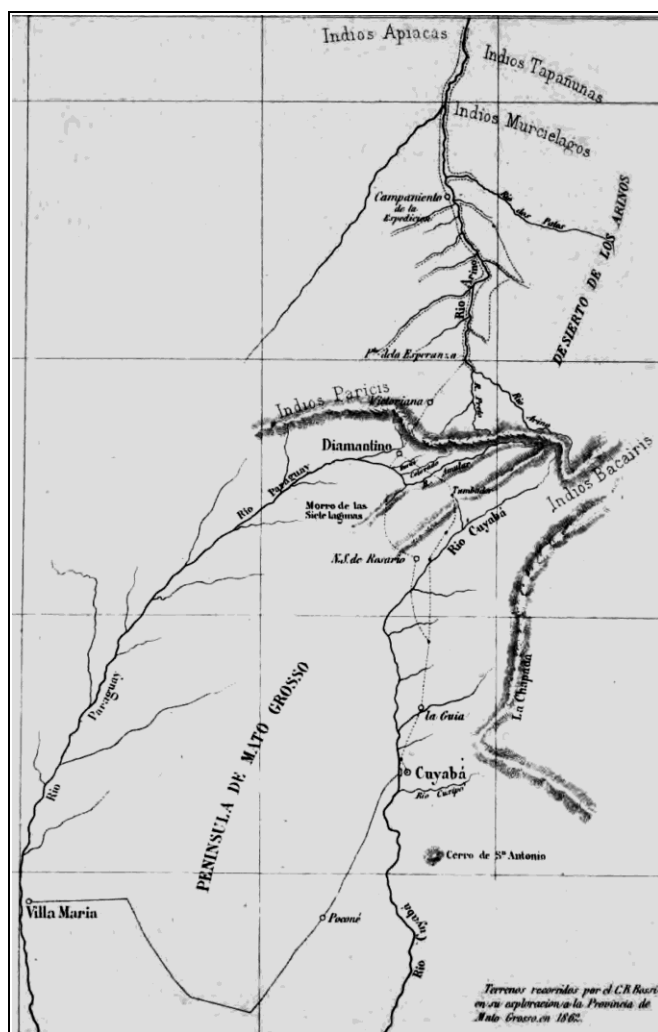


Figura 23 - Locais percorridos por Bossi (1863, mapa depois p. 153).

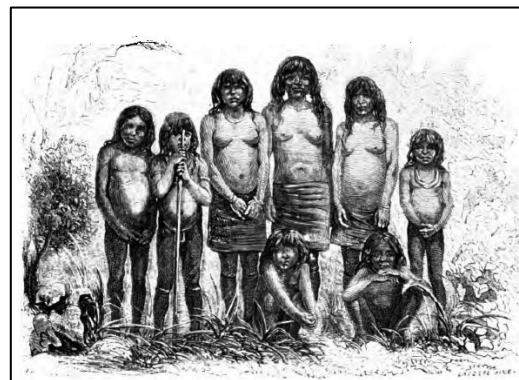


Figura 24 - Bartolomé Bossi - Grupo de índios Paresis A.

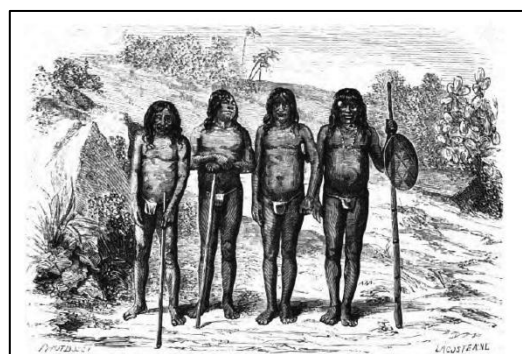


Figura 25 - Bartolomé Bossi - Grupo de índios Paresis B.

2.9 SAVINO DA RIMINI

Missionário italiano

* 1836, (Itália)

† 1918, Fossò (Itália)

Rimini (Figura 26) foi um monge capuchinho que serviu como capelão militar no Brasil e foi o fundador e comandante militar do Chamboiás, hoje, Xambioá, próximo do Rio Araguaia, entre os anos de 1869. Em seu retorno à Itália, em 1918, estava em frequente contato com os povos indígenas da região do Araguaia.

Rimini passou 20 anos como missionário entre os índios no Araguaia e Tocantins, incluindo os índios Karajá e Xerente.

Seu livro, que contem suas memórias, escritas após seu retorno à Itália, foi publicado posteriormente ao seu falecimento (RIMINI, 1925).

Baldus (1954, p. 586) admite que Rimini ofereceu informações úteis sobre a história dos contatos entre os povos indígenas, embora o livro não faz nenhuma descrição etnográfica adequada. Palma dos Santos e Stauber Caprara (2003) oferecem traduções selecionadas do livro e comentam sobre sua percepção dos índios.

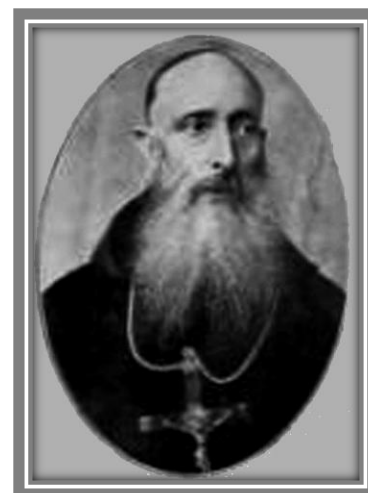


Figura 26 - Savino da Rimini.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

2.10 RICHARD OTTO ROHDE

Coletor etnográfico alemão

* maio de 1855, Tilsit [Sowetsk] (Russia)

† desconhecido

Rohde (Figura 27) nasceu na Prússia na cidade de Tilsit, filho de um oficial da Lituânia. Em outubro de 1882, mudou para Assunção, que foi contratado pelo Museu Real de Etnologia de Berlim para coletar objetos etnográficos, que fez em duas expedições em 1883 e 1884.

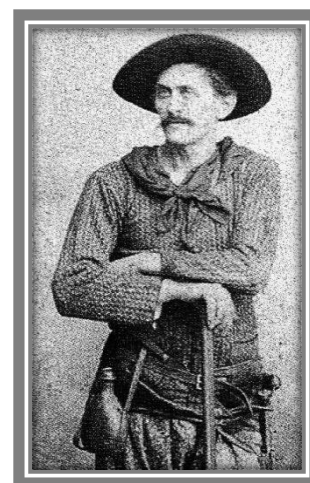


Figura 27 - Richard Otto Rohde.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Depois de trabalhar brevemente para o museu em Berlim, tornou-se oficial alemão na colônia da Nova Guiné (1887-1891). De 1891 a 1901, viveu como agricultor, mas continuou recolhendo objetos para os museus de Berlim e Dresden. Mudou-se para Camarões em 1903 e iniciou a coleta de objetos etnográficos para o museu em Frankfurt. Voltou a Berlim em 1909, antes de aparecer conforme um registro de 1911 (HERMANNSTÄDTER, 2002, p. 50-55).

Em sua primeira expedição reuniu objetos para o museu de Berlim, e em setembro de 1883, Rohde partiu de Assunção para Corumbá, onde visitou as etnias Terena e Kadiwéu, antes de voltar para Assunção em janeiro de 1884.

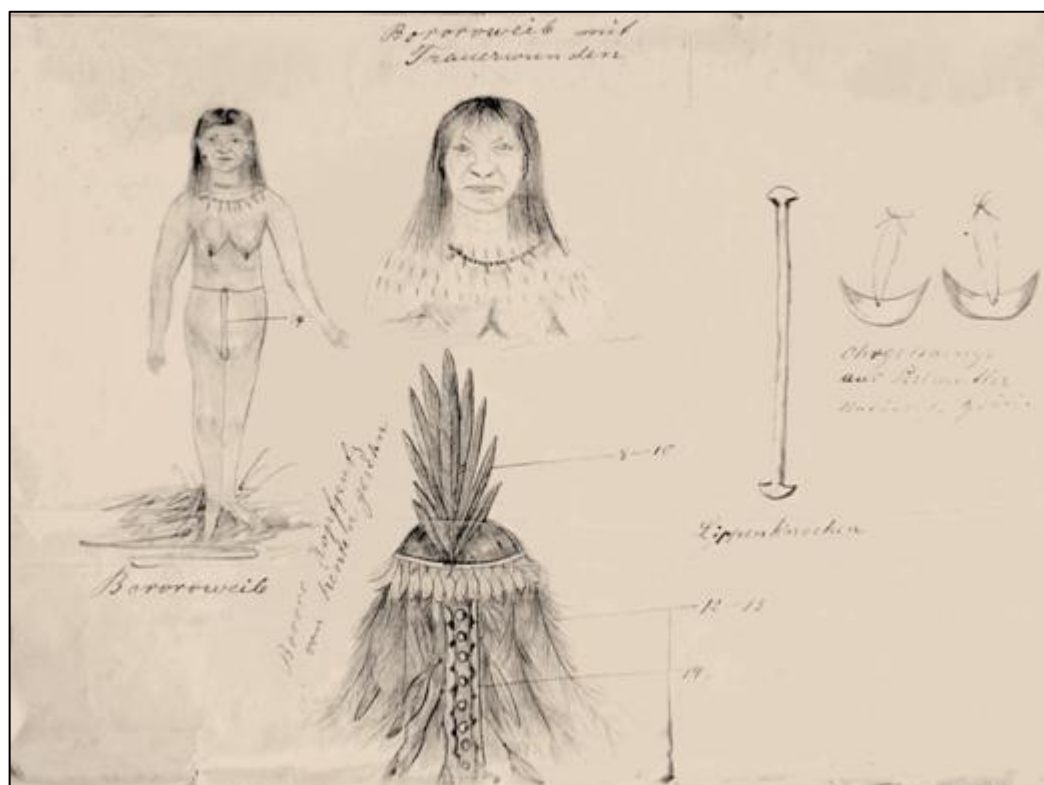


Figura 28 - Richard Otto Rohde, “Mulher dos Bororo [da Campanha]”, 1884.

Fonte: Museu Etnológico, Berlim, Arquivo.

Em agosto de 1884, voltou para Corumbá e de lá seguiu para o acampamento dos Descalvados para realizar pesquisas arqueológicas e recolher artefatos da etnia Bororo da Campanha (Figura 28). Em seu retorno a Corumbá, visitou a aldeia Guató chegando a Assunção em novembro de 1884.

Seus dois conjuntos de 1883 incluem 750 exemplares etnográficos e arqueológicos, cerca da metade dos objetos são das etnias Terena, Kadiwéu, Bororo da

Campanha e Guató. O restante é dos índios Payaguá, etnia indígena localizada no Paraguai. Alguns dos objetos Kadiwéu e Terena foram trocados com o Museu de Etnologia, em Dresden (DORTA, 1992, p. 505, sob “Rhode”).

Nas observações etnográficas de Rohde (1885) contém material valioso especialmente Terena e foram parcialmente ilustradas com desenhos que tinha feito, embora, em suas cartas a Berlim, relate a sua preferência pelo uso de uma câmera. Mais desenhos inéditos feitos por Rohde estão nos arquivos do Museu Etnológico de Berlim.

2.11 EMIL HASSLER

Zoólogo teuto-suíço

* 20 de junho de 1861, Aarau (Suíça)

† 4 de Novembro de 1937, Assunção (Paraguai)

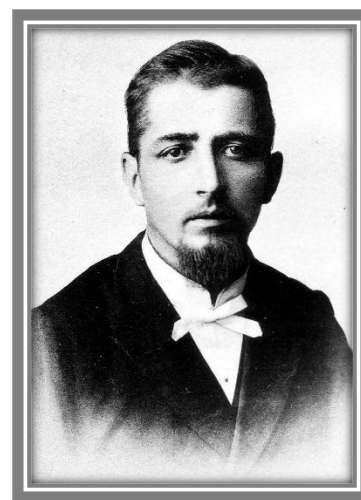


Figura 29 - Emil Hassler.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

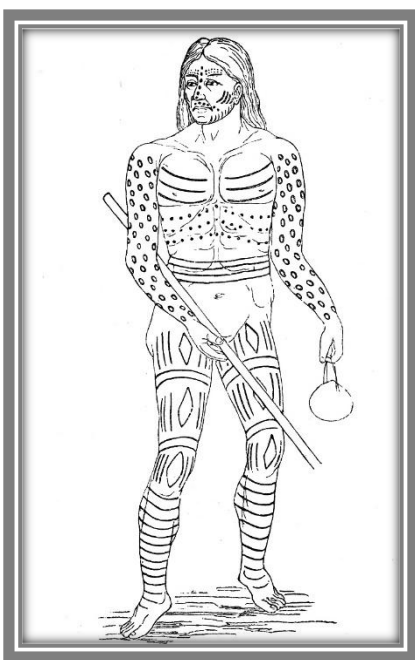


Figura 30 - Emil Hassler, “Pintura corporal Kayapó”.

por Baldus (1954, p. 297) como superficial.

nas quais também adquiriu objetos etnográficos, primeiro no Brasil Central e, posteriormente, na Bolívia e no Paraguai, onde se estabeleceu como botânico.

Em 1893 foi o responsável pela exposição paraguaia na Feira Mundial de Chicago (VISCHER, 1938).

Em sua primeira expedição, nos anos de 1885 a 1887 viajou nas cabeceiras dos Rios Paraguai e Tocantins para contribuir com a geografia das plantas no Brasil.

No início do século XX, ele continuou coletando espécimes de botânicas e etnográficas, na região de fronteira do Brasil com a Bolívia e com Paraguai.

O relato das suas viagens (HASSLER 1888) inclui várias observações sobre os índios Xavante, Karajá, Kayapó (Figura 30), Kinikináo e Guató, mas foi criticado

O relato das suas viagens inclui alguns desenhos e um catálogo de aproximadamente 300 objetos etnográficos, acondicionados no museu da Sociedade Geográfica em Aarau.

O atual paradeiro desta coleção permanece desconhecido. A coleção mostrada em Chicago, em 1893, foi adquirida pelo Museu Field, em Chicago, que trocou muitos objetos com museus americanos e canadenses (Toronto, St. John, Nova Iorque).

Uma coleção ainda maior, cerca de 2.400 objetos foi doada, em 1919, ao Museu de Etnologia, em Basel, na Suíça, que também foi negociada com as coleções repetidas. Estas trocas foram feitas com os museus da Suíça e da Alemanha (Genebra, Berna, Zurique, Frankfurt, Munique). Parte desta coleção é descrita no catálogo publicado por Hassler em 1897.

Estas coleções incluem materiais das etnias Apiaká, Bororo da Campanha, Bororo Orientais, Guató, Kadiwéu, Kayapó, Kinikinao, Paresi e Xavante. (KAUFMANN *et al.*, 1979, p. 110-111, 280-281, 418-419, e DORTA, 1992, p. 505, 511).

A palestra sobre “Os índios do Gran Chaco”, que Hassler ministrou em 1893, no Congresso Internacional de Antropologia em Chicago (HASSLER, 1894) inclui referências aos índios Kinikinao (Guaná).

Nos relatos das suas viagens Hassler (1888) inclui várias observações sobre os indígenas habitantes da região.

2.12 HERBERT HUNTINGDON SMITH

Naturalista norte-americano

* 21 de janeiro de 1851, Manlius, Nova Iorque (Estados Unidos)

† 22 de março de 1919, Tuscaloosa, Alabama (Estados Unidos)

Com 19 anos de idade, Smith (Figura 31) acompanhou a expedição naturalista do geólogo canadense Charles Frederick Hartt, que mais tarde tornou-se o fundador da Comissão Geológica Imperial do Brasil.

Depois de terminar seus estudos nos Estados

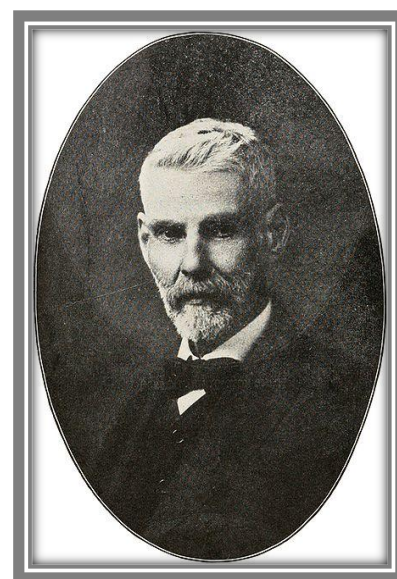


Figura 31 - Herbert Huntingdon Smith.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Unidos, retornou ao Brasil, primeiro a Santarém (1874-1876) e, posteriormente, para o Mato Grosso (1881-1885). Mais tarde, trabalhou nas Índias Ocidentais, no México e na Colômbia e, finalmente, tornou-se curador do Museu de História Natural Alabama. Em 1919, o naturalista, com problemas auditivos, foi morto por um trem enquanto estava caminhando para ir ao museu.

Durante a sua estada em Mato Grosso, Smith e sua esposa Daisy W. Smith, que também era naturalista, estavam envolvidos em estudos geológicos na Chapada dos Guimarães, mas também viajou para o Paraguai, provavelmente por interesses etnográficos de seu professor Hartt, dedicando algum tempo para o estudo dos índios Kadiwéu.

Foi em Mato Grosso, onde conheceu Karl von den Steinen, em 1884, que também contribuiu para a sua viagem pelo Brasil do Rio de Janeiro a Cuiabá (1886), tendo uma descrição da cidade de Cuiabá.

Dessas viagens inclui-se um interessante capítulo sobre “A Fabricação das cerâmicas dos Cadiueus” (SMITH, 1886, p. 305-312). Smith observa que fez uma coleção de cerâmica Kadiwéu, que posteriormente fez parte da coleção de Orville A. Derby (SMITH, 1886, p. 305), foi um aluno de Hartt e trabalhou como geólogo no Brasil que desconhece se esta coleção sobreviveu.

Seu nome do meio é muitas vezes mal escrito “Huntington” (como no DA SILVA 2011 e nas versões em inglês do Wikipedia).

2.13 PRIMEIRA E SEGUNDA EXPEDIÇÃO XINGU

Em 1884, o etnógrafo e médico Karl von den Steinen (item 2.13.1), juntamente com seu primo Wilhelm von den Steinen (item 2.13.2) realizou uma expedição para explorar as cabeceiras do Xingu, a fim de encontrar o melhor canal para ligar Mato Grosso ao Pará. Os exploradores passavam de Cuiabá para o Rio Batovi para investigar a sua saída para o Xingu. O encontro de von den Steinen com os índios Bakairi ainda é desconhecido na segunda expedição em 1887/8, em que os dois primos von den Steinen foram acompanhados pelo antropólogo Paul Ehrenreich (item 2.13.3) e o geógrafo Peter Johann Vogel (item 2.13.4). Os dois irmãos Carlos e Pedro Dhein do Rio Grande do Sul atuaram como guias locais.

A Segunda Expedição Xingu, que explorou principalmente a região ao longo do Rio Kuluene, foi uma das explorações mais importantes do Brasil Central no final do século XIX (VON DEN STEINEN, 2010).

2.13.1 Karl von den Steinen

Médico e antropólogo alemão

* 7 de março de 1855, Mühlheim an der Ruhr (Alemanha)

† 4 de Novembro de 1929, Kronberg im Taunus (Alemanha)

Depois de estudar medicina em Zurique, Bonn e Estrasburgo, Karl von den Steinen (Figura 32), praticou a medicina brevemente em Berlim antes de fazer uma viagem ao redor do mundo de 1879 a 1881.

Este empreendimento foi inspirado nas viagens de Adolf Bastian, o fundador da antropologia e diretor do Museu Real de Etnologia, em Berlim. Em 1882-1883, Karl von den Steinen participou de uma expedição à Antártida.

Após suas duas expedições ao Xingu tornou-se, em 1891, professor de antropologia na Universidade de Marburg, mas em 1892 mudou-se para Berlim, onde se tornou chefe do departamento americano do museu. A última viagem o levou em 1897-1898 para as Ilhas Marquesas na Polinésia (SCHADEN, 1955).

No decorrer das duas expedições Xingu von den Steinen desenvolveu seu interesse em antropologia cultural, bem como estudo de línguas. Sua principal obra linguística era uma monografia sobre a linguagem Bakairi (1888), mas ele também recolheu extensas listas de palavras das línguas Bororo e Kamaiurá.

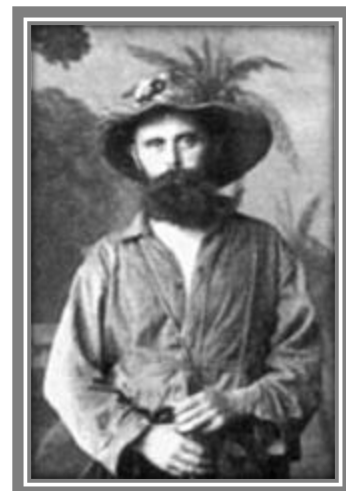


Figura 32 - Karl von den Steinen.

Fonte: Museu de Etnología, Viena. Arquivo.

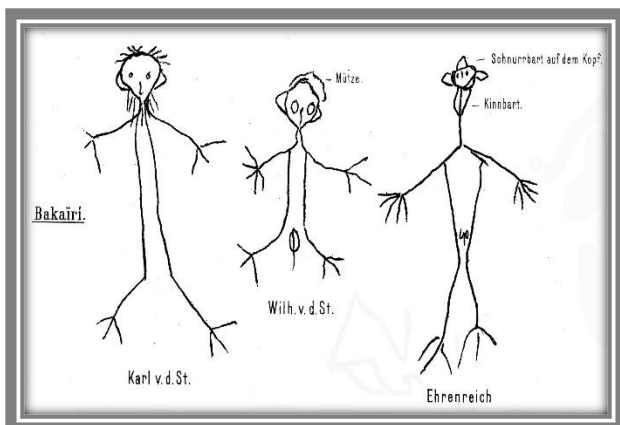


Figura 33 - Karl von den Steinen, Wilhelm von den Steinen e Paul Ehrenreich representado por um índio Bakairi, 1888.

Fonte: Von Den Steinen (1894, pl. 16).

Detalhadas e perspicazes descrições etnográficas dessas etnias (Figura 33), bem como do Aweti, Mehinako, Nahuku, Paresi, Trumai e Yawalpiti são encontradas em seus dois livros (1886, 1894). O primeiro foi apenas parcialmente traduzido para o português.

Sua coleção etnográfica reuniu-se principalmente durante a segunda expedição e foi doada ao Museu Etnológico de Berlim (DORTA, 1992, p. 505-506, nº 31, 36; G. HARTMANN em COELHO, 1993; G. HARTMANN, 1986), embora alguns objetos foram trocados com outros e agora são encontrados em museus fora da Alemanha (Roma, Oxford).

Sua importância para a antropologia brasileira é discutida por vários autores de diferentes perspectivas (COELHO, 1993; BALDUS, 1954, p. 697-699, nº 1596-1599).

Von den Steinen (1899), também foi o primeiro a publicar alguns dos desenhos etnográficos do Brasil Central feitos por Hércules Florence (item 2.5.2).

2.13.2 Wilhelm von den Steinen

Artista alemão

* 1859, (Alemanha)

† 1892, (Alemanha)

Muito pouco se sabe sobre Wilhelm (Figura 34), primo de Karl, que o acompanhou nas duas expedições ao Xingu e morreu poucos anos após o retorno da segunda expedição.

Alguns de seus desenhos foram usados como ilustrações em livros de Karl von den Steinen, mas um número muito maior de imagens, bem como as descrições e material linguístico coletado por ele encontram-se no Museu de Etnologia em Lúpsia (FEEST; SILVA, 2011, p. 171-172).

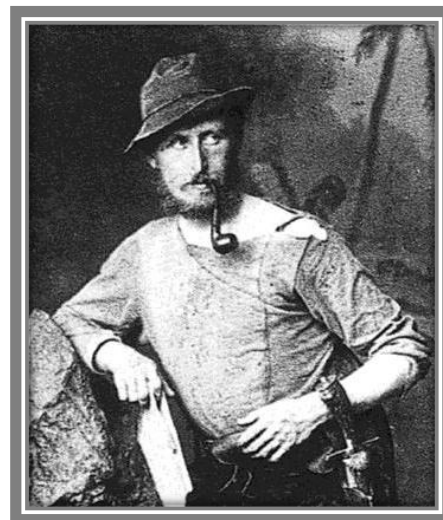


Figura 34 - Wilhelm von den Steinen.
Fonte: Museu de Etnología, Viena,

2.13.3 Paul Ehrenreich

Antropólogo alemão

* 27 de dezembro de 1855, Berlim (Alemanha)

† 4 de abril de 1914, Berlim (Alemanha)

Depois de estudar medicina e ciências naturais em Berlim, Heidelberg e Würzburg, Paul Ehrenreich (Figura 35), em 1884/5, realizou uma expedição ao Nordeste do Brasil, onde, além de coleta de coleções zoológicas e etnográficas, também se envolveu em estudos antropológicos e linguísticos entre os Krenak.



Figura 35 - Paul Ehrenreich.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Depois de participar da segunda expedição Xingu, de Karl von den Steinen, lecionou na Universidade de Berlim e fez outras expedições ao Oriente, Índia, leste da Ásia, América do Norte e México.



Figura 36 - Mapa etnográfica do Brasil.

Fonte: Ehrenreich (1891b, pl. 6).

Além de publicar muito sobre suas pesquisas no Brasil, tornou-se amplamente conhecido por suas visões de etnografia brasileira (por exemplo, EHRENREICH, 1891b), seu trabalho sobre as primeiras ilustrações dos índios brasileiros, e seus estudos comparativos da mitologia (RIVET, 1919).

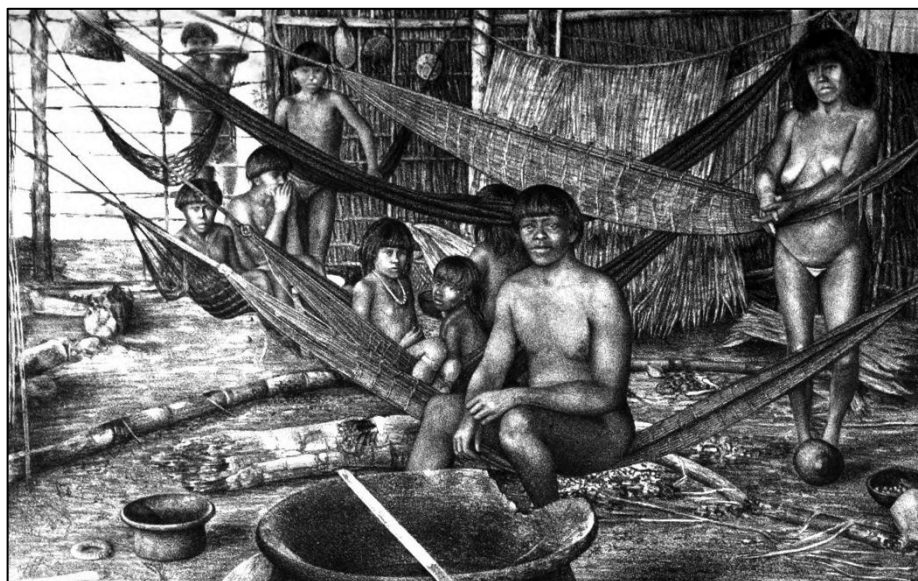


Figura 37 - Paul Ehrenreich, Interior de uma casa Kamaiurá.

Fonte: Ehrenreich (1890, pl. 3).

No final da expedição Xingu, Ehrenreich ficou no Brasil Central e continuou a trabalhar sobre os povos indígenas da bacia do Araguaia.

Suas publicações são impressionantes devido a grande variedade dos assuntos, incluindo a antropologia física. (EHRENREICH, 1897). Seu breve relato da segunda expedição Xingu (EHRENREICH, 1890) foi publicado três anos antes de o relatório de von den Steinen (1894), foi seguido por um volume das observações etnográficas (1891a) e um relatório sobre suas investigações entre os Karajá, Kayapó, Xerente e Xavante (1892).



Figura 38 - Máscaras karajá coletado por Paul Ehrenreich (1891a, pl. XIA).

Em 1894 e 1895 ele publicou esboços perspicazes das línguas de Apiaká, Karajá, Kayapó, Xavante e Xerente. A maioria de suas publicações é ilustrada com os seus próprios desenhos e fotografias e refletem seu interesse pela cultura material.

Suas coleções etnográficas, principalmente do Karajá, foram preservadas no Museu Etnológico de Berlim (DORTA, 1992, p. 520), enquanto suas fotografias encontram-se, em parte, no Instituto Ibero-Americano em Berlim (KÜMIN, 2007), e outra parte no Instituto de Estudos Regionais em Lúpsia (KARP VASQUEZ, 2000, p. 184-187).

2.13.4 Peter Johann Vogel

Matemático e geógrafo alemão

* 17 de dezembro de 1856, Uehlfeld (Alemanha)

† 27 de outubro de 1915, Munique (Alemanha)

Vogel (Figura 39) estudou matemática e física nas universidades de Erlangen e Munique, desde 1878 ele tornou-se professor e, mais tarde em várias academias militares na Baviera. Em 1882/3, participou juntamente com Karl von den Steinen, de uma expedição da Alemanha à Antártida, na qual atuou como geógrafo (NUERNBERGWIKI, 2013).

Com base nessa experiência, juntou-se a Karl von den Steinen em sua segunda expedição Xingú, 1887/8.

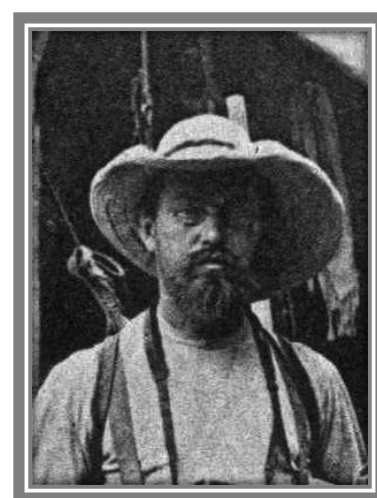


Figura 39 - Peter Johann Vogel.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

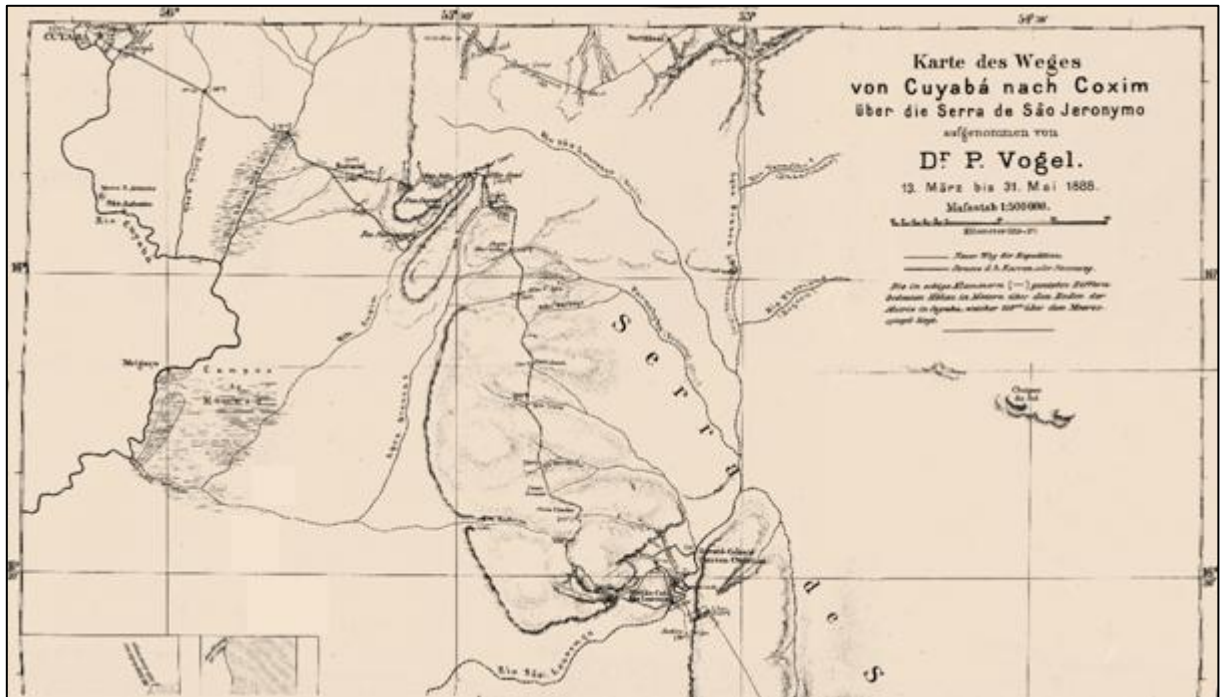


Figura 40 - Peter Vogel, Mapa caminho de Cuiabá a Coxim.

Fonte: Vogel (1893, pl. 4).

Publicou um relato independente da expedição (VOGEL, 1893) que, além de descrições interessantes inclui-se uma série de mapas muito detalhados e interessantes etnograficamente. Forneceu mapas mais minuciosos para a pesquisa publicada de von den Steinen em 1894 (BALDUS, 1954, p. 749).

2.14 F. E ROGELIO MACHON

Viajantes franco-suiços (?)

* desconhecido

† desconhecido

Nada se sabe sobre F. e Rogelio Machon, exceto que eles visitaram o Caingá no Paraguai em 1891 e relataram esta visita à Sociedade de Geografia de Neuchâtel, na Suíça, em 1894, relato este reeditado em uma tradução em Inglês, em 1898.

Entre 1927 e 1948, o Musée d' Ethnographie em Neuchâtel recebeu 114 objetos coletados por Dr. F. e Rogelio Machon, das etnias Kadiwéu, Caingá, Guayaki e outros povos da região da fronteira brasileira.

A coleção inclui uma fotografia de Louis de Boccard, pesquisador do Fribourg (Suíça), que desde 1889 trabalhava para o Museo de La Plata, na Argentina e mais tarde mudou-se para o Paraguai, entre os Caingá. Boccard pode ter sido o intermediário para apresentar F. e Rogelio Manchon aos índios.

F. e Rogelio Machon devem ter visitado os Kadiwéu durante sua viagem à região em 1891.

O material Kadiwéu no museu Neuchâtel (KAUFMANN *et al.*, 1979, p. 352-353) ainda não foi inserido no banco de dados do museu.

2.15 GUIDO BOGGIANI

Artista e antropólogo italiano

* 30 de setembro de 1861, Omegna (Itália)

† 7 de maio de 1902, Chaco (Paraguai)

Guido Boggiani (Figura 42) formou-se como artista especializado em pintura de paisagem na Academia de Arte em Milão e conseguiu estabelecer uma reputação no mundo da arte na Itália.



Figura 42 - Guido Boggiani.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena,

Quando chegou à Argentina, em 1887, para expor sua pintura, interessou-se pelas artes dos povos indígenas, especialmente do Paraguai, onde começou seus estudos etnográficos e coleções entre os Chamacoco em 1887.

Em 1892, estendeu sua pesquisa para regiões adjacentes do Brasil Central, especialmente entre os Kadiwéu, Guató e Bororo Orientais. Depois de alguns anos na Itália, voltou para o seu trabalho de campo na bacia do Paraguai, em 1896, usou uma câmera para fazer registro fotográfico e complementar seus desenhos.

Boggiani desapareceu no curso de suas explorações em 1902 e várias expedições foram enviadas para procurá-lo. Uma expedição italiana encontrou seus ossos em 1904 e concluiu que Boggiani tinha sido morto pelos índios Chamacoco (ANÔNIMO, 1903).



Figura 43 - Mapa das viagens de Boggiani entre os Kadiwéu (“Caduvei”).

Fonte: Boggiani (1895, p. 240).

Suas publicações relativas ao Brasil Central dizem respeito, sobretudo, à etnia Kadiwéu e suas artes; foram baseados em sua pesquisa anterior (BOGGIANI, 1895a, b, 1897, 1899, 1930, apenas alguns deles listados por BALDUS, 1954, p. 134-136), alguns dos resultados da sua segunda expedição foram publicados por Scotti (1963).



Figura 44 - Vaso kadiwéu coletado por Guido Boggiani.

Fonte: Museu Luigi Pigorini, Roma, n° 49557.

Reuniu coleções etnográficas muito substanciais dos índios Kadiwéu e Guató, que hoje são encontrados não apenas em museus na Itália (Roma e Florença), mas também em Berlim e

Viena (SCOTTI, 1946-1950; HEGER, 1908; DORTA, 1992, n° 17, 41).

A maioria das suas fotografias Kadiwéu está na coleção dos descendentes de Alberto Vojtech Fric (FRIC, 2001), mas uma série delas também foi publicada logo após sua morte por Lehmann-Nitsche (1904a, b).

Entre todos os grupos que estudou Boggiani também coletou informações linguísticas da etnia Kadiwéu.

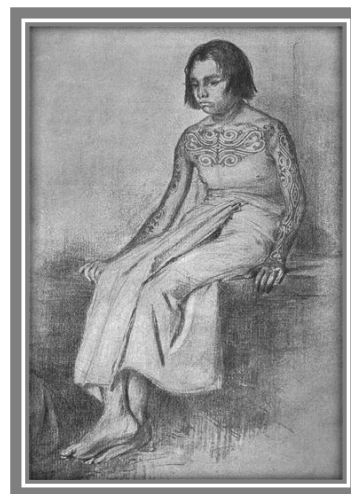


Figura 45 - Guido Boggiani, Desenho de um jovem Kadiwéu, 1892.

2.16 CARL AXEL MAGNUS LINDMAN

Botânico sueco

* 6 de abril de 1856, Halmstad (Suécia)

† 21 de junho de 1928 (Suécia)

Lindmann (Figura 46) formou-se como botânico e zoólogo na Universidade de Uppsala, onde concluiu o doutorado em botânica em 1884. Trabalhava para o Museu Sueco de História Natural, em Estocolmo, onde foi nomeado professor de Botânica em 1905. Ele é mais conhecido como um artista botânico, devido ao seu livro sobre a flora do Norte (NATURHISTORISKA RIKSMUSEET, 2013).



Figura 46 - Carl Axel Magnus Lindmann.

Fonte: Museu de Etnología, Viena,

Em 1892 recebeu uma bolsa de viagem que lhe permitiu realizar uma expedição botânica no Brasil e no Paraguai, em 1892-1894, permitindo que viajasse até Mato Grosso.

Suas publicações sobre o Brasil tiveram como objetivo publicar matéria sobre a botânica, mas montou uma coleção etnográfica para o museu em Estocolmo, que inclui objetos do Bororo “Coroados” do Rio Cuiabá, Kadiweu, Nambikwara e Paresi.

2.17 JULIO GERMÁN KOSLOWSKY

Zoólogo e antropólogo lituano-argentino

* 15 de setembro de 1866, Steinholm (Letônia)

† setembro de 1923, Monte Solo (Argentina)

Julio Koslowsky (Figura 47), era de uma família nobre na Letônia, chegou a Buenos Aires em 1886, tinha apenas 20 anos, já falava nove línguas e tinha um amplo conhecimento em ciências naturais. Foi colaborador do Museo Argentino de Ciencias Naturales em Buenos Aires



Figura 47 - Júlio German Koslowsky.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

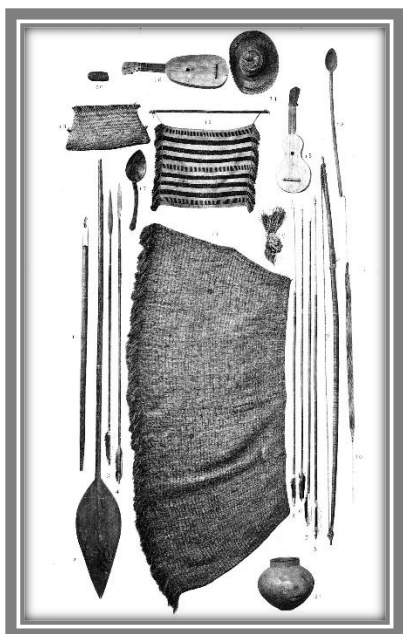


Figura 48 - Objetos guató coletados por Júlio Koslowsky em 1894

que, em 1892, mudou para o Museo de La Plata. Em 1894 realizou expedições na Argentina, Bolívia, Paraguai e Mato Grosso.

Hoje é considerado o fundador da herpetologia na Argentina. No decorrer de sua tentativa em estabelecer uma colônia da Letônia na Argentina, contribuiu para a obtenção de uma grande parte da Patagônia para a Argentina (AGUADO, 2003).

Em uma expedição zoológica e etnográfica para o Museo de La Plata, em 1894, visitou as aldeias dos índios Guató e Bororo da Campanha em Mato Grosso, permanecendo nas aldeias por várias semanas.

Duas publicações relatam uma das suas realizações como um etnógrafo (KOSLOWSKY, 1895).

Ambas são ilustradas com fotografias de objetos coletados para o Museo de La Plata (DORTA, 1992, p. 506). O relatório sobre os Bororo da Campanha também conta com

fotografias tiradas por ele. Infelizmente, nenhuma das suas fotografias sobreviveram em La Plata (FEEST; SILVA, 2011, p.174-175).

2.18 FERDINAND EMMERICH (-HÖGEN)

Aventureiro e escritor alemão

* 8 de julho de 1858, Vierssen-Hamm (Alemanha)

† 2 de agosto de 1930, Munique-Pasing (Alemanha)

Ferdinand Emmerich (Figura 49), que nos últimos anos da sua vida, usou o nome de Emmerich-Högen, estudou medicina e biologia, mas após o término de seus estudos deixou a Alemanha em 1886 para iniciar uma vida como um aventureiro. Por quase 30 anos, viajou toda a África, Ásia, Indonésia, Ilhas do Pacífico, América Central e América do Sul.



Figura 49 - Ferdinand Emmerich.
Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

Após o início da Primeira Guerra Mundial, voltou para a Alemanha em 1915, e em 1917 começou a publicar histórias baseadas em suas experiências em livretos de 24 páginas.

Com o término da guerra, quando muitos alemães estavam procurando uma nova vida no exterior, publicou um guia para imigrantes (EMMERICH, 1919), e em 1921 começou a publicar mais de 50 livros que contavam suas aventuras de forma um tanto fictícia.

Muitos desses livros foram projetados para leitores de 14 a 18 anos, aparentemente passaram por várias edições e venderam mais de 10.000 cópias. Os livros continuaram a ser editados após sua morte, com novas edições publicadas nos anos de 1930 e 1940 (M. MEYER, 1972). Depois de perder a popularidade, após a Segunda Guerra Mundial, os livros foram recentemente redescobertos, reimpressos e parcialmente disponibilizados como e-books.

Os livros de Emmerich são a única fonte da sua presença no Brasil Central. Não há registro no antigo governo imperial referente a sua presença em 1890. Segundo seu relato, veio para o Brasil através do Paraguai para realizar uma expedição às nascentes do Rio Xingu, partindo de Macedina perto da fronteira com Goiás e Mato Grosso. Depois de evitar conflito

hostil com os Xavante, Emmerich e seus companheiros brasileiros ficaram conhecidos como “Rinhas”.

As aventuras de Emmerich em Mato Grosso foram o tema de dois livros, ambos publicados em 1926: “Guardiões do deserto” e “Entre os índios em Mato Grosso”. As ilustrações dos livros foram produzidas por um artista alemão e não têm qualquer valor artístico ou etnográfico.

Nem estes volumes, nem outros três livros de Emmerich sobre o Brasil (EMMERICH 1925a, b, c, incluindo “Entre os Povos Indígenas do Sul do Brasil”) são mencionados na bibliografia Baldus (1954, 1968). O’Leary (1963), no entanto, apresenta-os como obras etnográficas, mas um olhar mais atento revela que, Apesar de baseado em alguma experiência pessoal, a ficção parece ser mais forte do que os fatos. Os “Rinhas” permanecem como não identificados como “Karapaky” no livro de Emmerich no Gran Chaco (EMMERICH, 1925d).

2.19 JOSEF BACH

Comerciante alemão (?)

* desconhecido

† desconhecido

A única informação sobre Bach foi encontrada em sua própria publicação (Bach 1916). A partir desta descobre-se que ele era comerciante, provavelmente, de origem alemã, com sede na Argentina. Church (1898) relata sobre a visita de um Dr. Bach na aldeia da etnia Katukina no vale do Juruá Acre.

Bach visitou os Terena no Mato Grosso do Sul de 21 de fevereiro a 14 de abril de 1896, mas publicou somente 20 anos depois da sua visita e incluiu um curto vocabulário Terena (BALDUS, 1954, p. 89).

Uma grande coleção Tukano montada por Bach está no Museu de Arqueologia e Etnografia/USP (DORTA, 1992, p. 508).

2.20 PRIMEIRA E SEGUNDA EXPEDIÇÃO MEYER AO XINGU

Em 1895, o jovem antropólogo alemão Hermann Meyer (2.20.1) decidiu continuar a pesquisa no Brasil Central que Karl von den Steinen (2.13.1) iniciou junto a Karl Ernst Ranke (2.20.2), outro membro da expedição que morreu pouco depois de sua chegada ao Brasil quando foi para as colônias alemãs no Rio Grande do Sul.

Meyer contratou como guia Carlos Dhein, que já havia acompanhado von den Steinen, para explorar a região do Alto Xingu por cerca de seis meses. Em 1898/9, Meyer realizou uma segunda expedição ao Brasil Central, desta vez, acompanhado por Theodor Koch-Grünberg (2.20.3) e Alfred Mansfeld (2.20.4), bem como Carlos Dhein.

Esta segunda expedição foi assolada por muitos problemas, incluindo a perda de grande parte do equipamento enquanto exploraram o Rio Ronuro (ver especialmente KOCH-GRÜNBERG, 2004; KRAUS, 2004).

2.20.1 Herrmann Meyer

Empresário e antropólogo alemão

* 11 de janeiro de 1871, Hildburghausen (Alemanha)

† 17 de março de 1932, Lúpsia (Alemanha)

Herrmann Mayer (Figura 50) era o filho mais novo do dono de uma grande editora em Leipzig. Enquanto seus irmãos mais velhos entraram nos negócios de seu pai, Hermann estudou antropologia e etnologia, em Estrasburgo, Berlim e Jena.

Entre suas duas expedições à América do Sul, nas quais ele também tentou promover assentamentos alemães no Uruguai, Meyer trabalhou como curador no Museu de Etnologia, em Leipzig. Mas em 1903 se juntou à equipe da editora de seu pai, onde exerceu uma posição de liderança até sua morte.



Figura 50 - Hermann Meyer.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

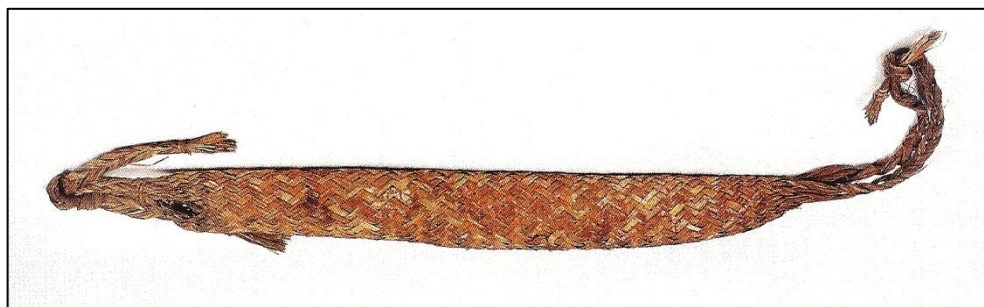


Figura 51 - Tipiti, coletado por Herrmann Meyer entre os Cabixi. Museu de Etnologia, Lúpsia, nº 71.

Fonte: Kästner (2009, ill. 155).

Entre 1896 e 1906, Meyer publicou vários relatos alemães sobre os resultados de suas duas expedições (1896, 1897a, b, 1900), bem como uma palestra sobre a arte dos povos do Alto Xingu (1906) e um relatório pequeno em Português em sua primeira expedição (1899, ver também BALDUS, 1954, 463-465, nº 1028-1033).

Suas grandes coleções etnográficas, incluindo material do Aweti, Bakairi, Bororo Orientais, Kamaiurá, Kuikuro, Mehinako, Nahukuá, Nambikwara, Trumai, Wauja e Yawalpiti, são preservadas no Museu Etnológico, Berlim (G. HARTMANN, 1986), no Museu de Etnologia em Lúpsia (Kästner, 2009), no Lindenmuseum, Estugarda (DORTA, 1992, p. 507, nº 50), e no Museu de Etnografia e Antropologia, São Petersburgo. Notas de campo inéditas, fotografias e desenhos estão no Museu de Etnologia em Lúpsia (KRUSCHE, 1977).

2.20.2 Karl Ernst Ranke

Médico alemão

* 29 de janeiro de 1870, Munique (Alemanha)

† 5 de novembro de 1926, Munique (Alemanha)

Ranke (Figura 52) era o filho do antropólogo físico alemão Johannes Ranke e estudou medicina na Universidade de Munique.

Imediatamente após concluir o doutorado, juntou-se a Hermann Mayer para a primeira expedição no Xingu. Após seu retorno seguiu sua carreira como médico, em Munique.

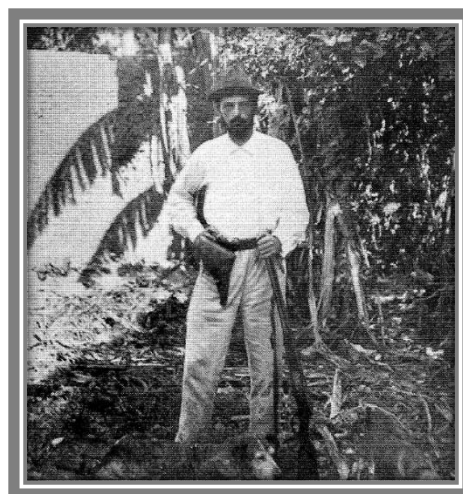


Figura 52 - Karl Ernst Ranke.

Fonte: Museu de Etnología, Viena,

Ranke publicou um relato popular da expedição em um jornal de Munique (RANKE, 1897), seguido por um artigo científico contendo as questões demográficas relativas aos índios Trumai e Nahukuá (RANKE, 1898). Doze anos mais tarde da sua publicação principal sobre a antropologia física do Brasil Central foi publicada (RANKE, 1910).

Baldus (1954, p. 569) chama de “importantíssima contribuição para Antropologia Física brasileira”. Baldus também Lista algumas outras publicações, que tratam apenas sucintamente o Brasil Central.

2.20.3 Theodor Koch-Grünberg

Antropólogo alemão

* 9 de abril de 1872, Grünberg (Alemanha)

† 8 de outubro de 1924, Vista Alegre, RR (Brasil)

Theodor Koch (Figura 53), que assumiu o nome Grünberg, o local do seu nascimento, filólogo clássico, trabalhou como professor antes de juntar-se a segunda expedição Xingu de Hermann Meyer. De 1903 a 1905, fez sua primeira expedição independente para os Baniwa do Rio Negro, estabelecendo sua reputação como um dos principais antropólogos da Alemanha, e uma segunda expedição do Rio Branco para o Orinoco, que durou de 1911-1913.

Em 1901, Koch-Grünberg começou a trabalhar como curador no Museu Real de Etnologia, em Berlim e, em 1909, ensinou antropologia na Universidade de Freiburg, em 1915, finalmente, tornou-se diretor do Lindenmuseum em Estugarda. Morreu em 1924, no início da sua última expedição a Rio Branco.

Comparado com o seu trabalho mais tarde, sua participação na expedição de Hermann Meyer no Xingu tem uma importância menor, embora mostrasse sua capacidade como pesquisador de campo, bem como seu interesse pela cultura material e da antropologia visual. Seu diário publicado recentemente da expedição Xingu é a melhor fonte para essa pesquisa (KOCH-GRÜNBERG, 2004), do qual já havia publicado anteriormente apenas dois pequenos artigos (KOCH-GRÜNBERG, 1902b, 1903b). Suas publicações etnográficas dessa

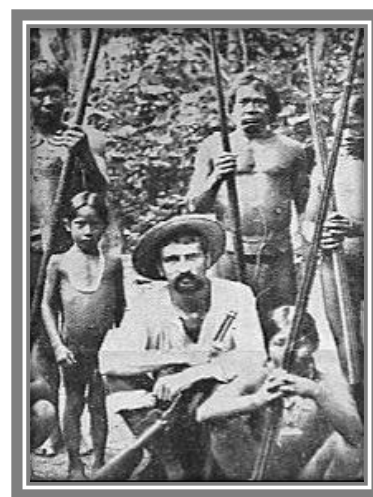


Figura 53 - Theodor Koch-Grünberg.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

expedição focam os índios Kadiwéu (KOCH-GRÜNBERG, 1902a, 1903a), mas, seu livro, sobre a arte dos povos do Brasil Central, incluiu também dados sobre os índios Bakairi (KOCH-GRÜNBERG, 1905).

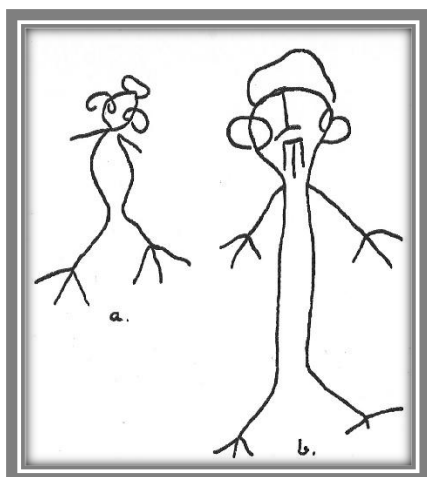


Figura 54 - Dois retratos de Theodor Koch-Grünberg por Lucha, um índio Bakairi, 1899.

Fonte: Koch-Grünberg, 1905, pl. 12.



Figura 55 - Colar de unhas de tatu canastra (*bokodori*), coletado por Theodor Koch-Grünberg entre os Bororo Orientais, 1899.

Fonte: Museu d Etnologia, Munique, n° 34-4-120.

Dorta (1992, 507, n° 54) refere-se apenas às coleções etnográficas de Koch-Grünberg voltadas nas suas expedições posteriores. Mas o Museu de Etnologia de Munique possui alguns objetos coletados por ele no Brasil Central. Suas fotografias desta expedição são encontradas principalmente nos arquivos da Universidade de Marburg (KRAUS, 2004) e no Museu de Etnologia em Lúpsia (KRUSCHE, 1977).

2.20.4 Alfred Mansfeld

Médico e oficial colonial alemão

* 1870, Decín (Checoslováquia)

† 1932, Graz (Áustria)

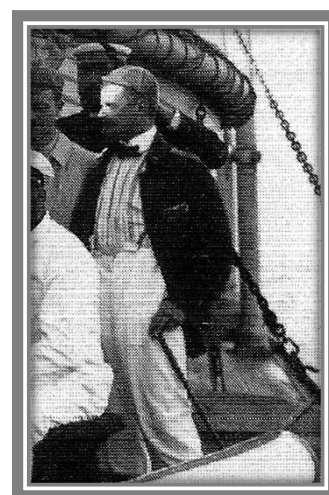


Figura 56 - Alfred Mansfeld.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Alfred Mansfeld (Figura 56) é mais conhecido por seus livros sobre a África Ocidental com base em seu trabalho como médico oficial da colônia alemã em Camarões

entre 1904 e 1915. Ele também recolheu objetos etnográficos em Camarões para o Real Museu Etnográfico de Berlim (ABOUT ÁFRICA, 2013).

Antes de ir para a África, Mansfeld havia aceitado o convite de Hermann Meyer (2.20.1) para a sua segunda expedição Xingu, 1898-1909.



Figura 57 - Objetos Bakairi e Aweti coletados por Alfred Mansfeld, 1899. Museu de Etnologia, Dresden, nº 47887 28530.

Fonte: Kästner (2009, ill. 161).

Mansfeld nunca publicou sobre suas experiências no Brasil, mas é mencionado por Koch-Grünberg (2004) entre outros. Sua coleção é de aproximadamente 50 objetos do Aweti, Bakairi, Bororo Orientais, Guató, Kamaiurá, Karajá, Kayapó, Mehinaku e Trumai que são preservados no Museu de Etnologia de Dresden (DORTA, 1992, p. 507).

2.21 HENRI ANATOLE COUDREAU

Geógrafo francês

* 6 de mai de 1859, Sonnac (França)

† 9 de novembro de 1899, as margens do Rio Trombetas, PA (Brasil)

Insatisfeito como professor de geografia nas escolas provinciais, na França, Coudreau (Figura 58), pediu para ser enviado para a Guiana Francesa em 1881. Tendo viajado a Guiana Francesa, pelo departamento colonial francês por uma expedição ao Amazonas, Rio Branco e Rio Negro, realizou entre

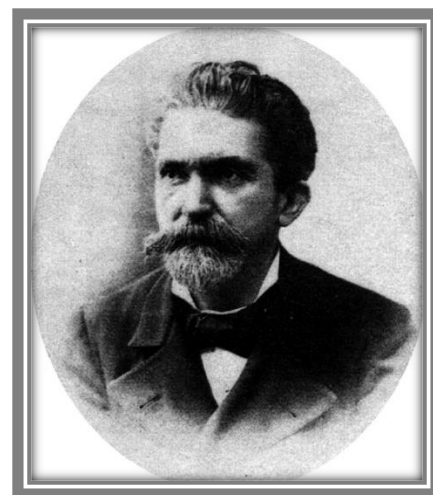


Figura 58 - Henri Anatole Coudreau.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

1883-1885, duas outras expedições (1885-1887, 1887-1889) que foram dedicadas à exploração da Guiana Francesa.

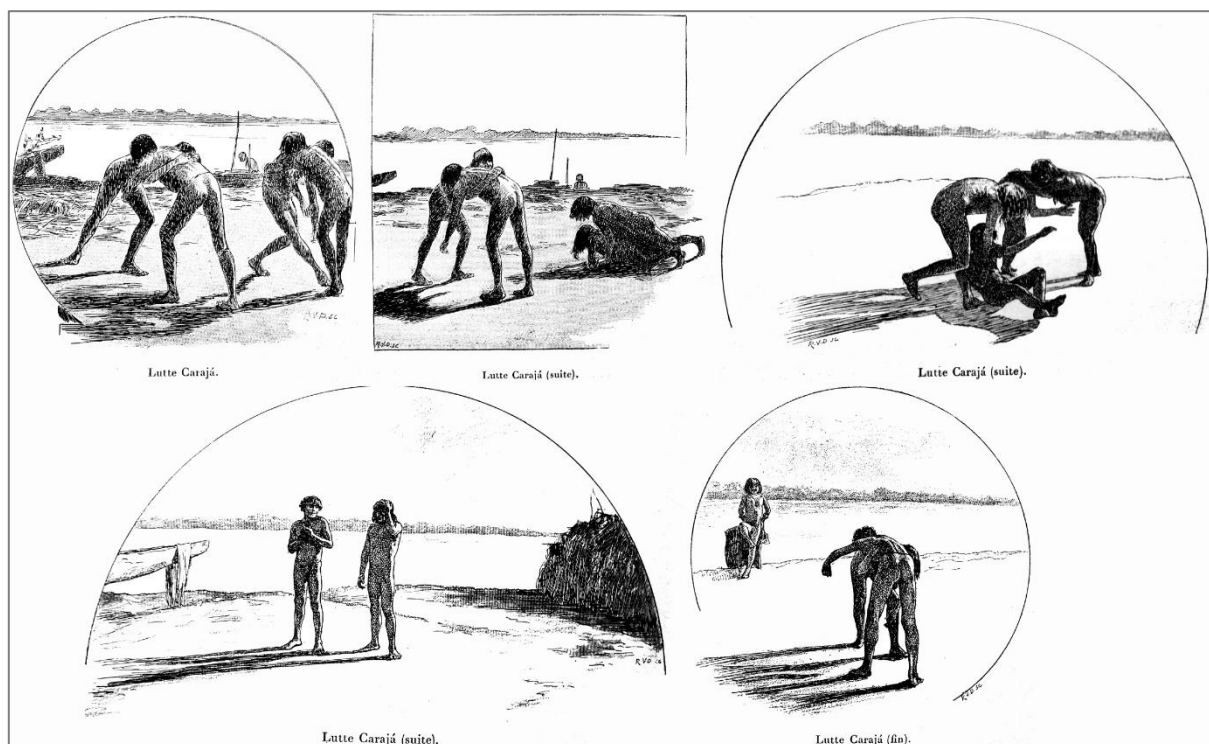


Figura 59 - Desenho das lutas karajá.

Fonte: Coudreau (1897, p. 187-191)

Em todas as suas expedições foi acompanhado por sua esposa, Marie Octavie Coudreau, que continuou suas explorações no norte do Pará, após a morte do marido.

A pedido do governador do Pará explorou, em 1895/6, as etnias da região Tapajós, Xingu, Tocantins, Araguaia, Itaboca, Itacaiuna. Faleceu no decorrer da última expedição ao Rio Trombetas.

Os resultados de suas expedições no Brasil Central foram publicados em três livros (COUDREAU, 1897) o primeiro também traduzido para o português em 1941, ilustrados com desenhos provavelmente baseados em suas fotografias. O museu Du quai Branly tem algumas fotografias de Coudreau mostrando índios das etnias Kayabis, Suyás e Trumais (datada de 1881-1891 no catálogo do museu).

O Musée du quai Branly também tem uma extensa coleção de objetos da etnia Wayana da Guiana Francesa, mas nenhum do Brasil Central. O Museu Goeldi tem uma coleção de objetos reunidos por Coudreau das etnias Juruna e Parintintin (DORTA, 1992, p. 507). A localização atual de suas coleções a partir do Araguaia e Xingú é desconhecida. Vocabulários de Apiaká, Karajá e Kayapó estão incluídos na publicação de Coudreau (1897).

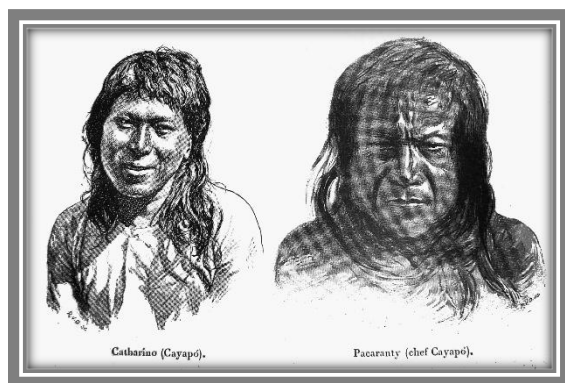


Figura 60 - Catharino e Pacaranty, dois índios Kayapó.

Fonte: Coudreau (1897, p. 187-192)

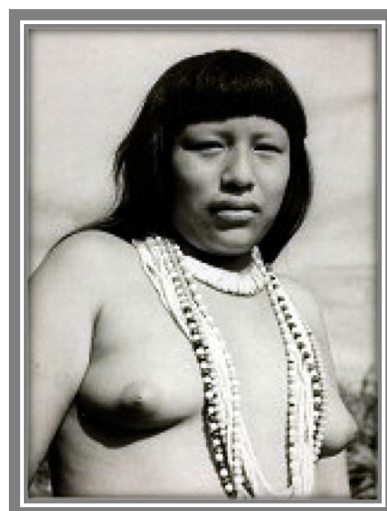


Figura 61 - Henri Anatole Coudreau, Mulher Kaiabi.

Fonte: Musée du quai Branly, n° PP0205208

Baldus (1954, p. 185-187) critica Coudreau por suas observações sobre os índios Tapirapé e aponta que, em sua descrição dos índios Karajá não tem nada de novo para a etnografia publicada por Paul Ehrenreich em 1891.

Mas ele considera suas observações sobre os Kayapó como os primeiros registros importantes. Suas fotografias de Kaiabi, Suyá e Trumai também podem estar entre as primeiras na existência, mas provavelmente foram feitas em 1895/6, e não antes de 1891.

2.22 LUIGI BUSCALIONI

Botânico italiano

* 30 de janeiro de 1863, Torino (Itália)

† 23 de janeiro de 1954, Bologna (Itália)

Buscalioni (Figura 62) foi um botânico que ensinou em diversas universidades na Itália e foi diretor do Jardim Botânico de Catania, Palermo e Ferrara (WIKIPEDIA, 2013).

Em 1899, foi convidado pela Società Geografica Italiana e o Ministério Italiano de Educação Pública para participar de uma expedição ao Brasil com o objetivo de explorar a flora amazônica, o que também o levou ao Brasil Central.



Figura 62 - Luigi Buscalioni.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

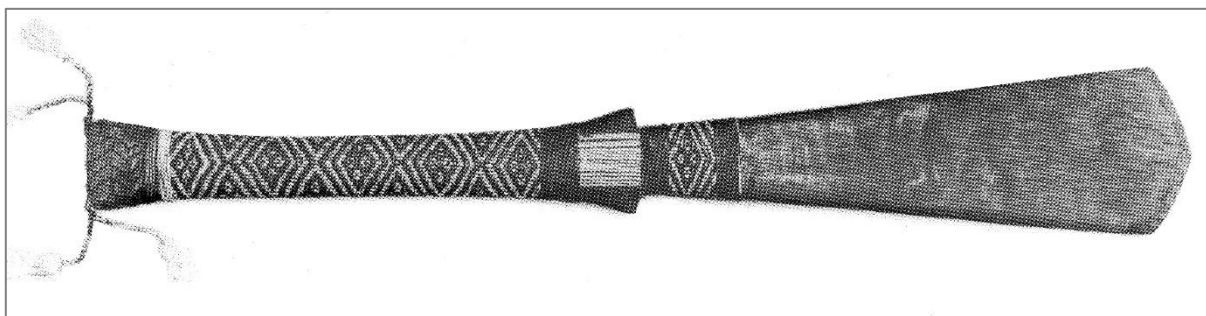


Figura 63 - Clava karajá, coletada por in 1899 por Luigi Buscalioni. Museo Luigi Pigorini, Roma, n° 63747

Fonte: Soprintendenza (1983, p. 439).

Em seu relatório sobre esta expedição Buscalioni (1901) inclui referências ao Karajá. Ele também recolheu objetos karajá para o Museo Prehistorico-Etnografico “Luigi Pigorini” em Roma (DORTA, 1992, p. 597; RIBEIRO *et al.*, 1983; SOPRAINTENDENZA, 1983; ANÔNIMO, s/d).

2.23 MAX SCHMIDT

Antropólogo alemão

* 16 de dezembro de 1874, Altona (Alemanha)

† 26 de outubro de 1950, Assunção (Paraguai)

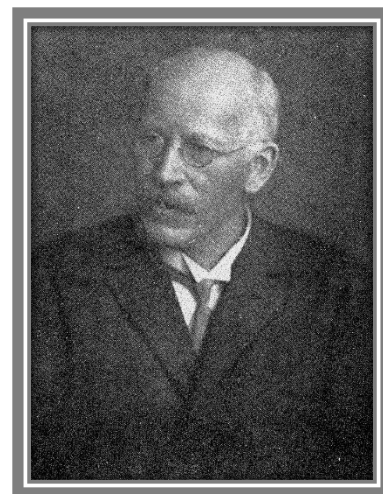


Figura 64 - Max Schimidt.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Max Schmidt (Figura 64) concluiu o doutorado em Direito pela Universidade de Erlangen, em 1899 e começou a trabalhar como juiz no norte da Alemanha e depois em Berlim, onde, sob a influência de Karl von den Steinen (item 2.13.1) e do famoso americanista alemão Eduard Seler, que se interessou em antropologia e começou a trabalhar no Museu Real de Etnologia, em Berlim.

Em 1900, fez sua primeira expedição ao Brasil Central, mas foi só depois de sua segunda expedição em 1910-1911 que fez seu segundo doutorado em antropologia em 1915 e começou a ensinar antropologia na Universidade de Berlim em 1917. Em 1929, se aposentou precocemente como chefe do departamento americano do museu em Berlim e mudou para Cuiabá; em 1931, para Assunção, onde continuou a ensinar na universidade; em 1934 tornou-se o diretor-fundador do Museo Etnográfico “Andrés Barbero”. Perdeu a aposentadoria alemã com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, morrendo na pobreza, em Assunção.

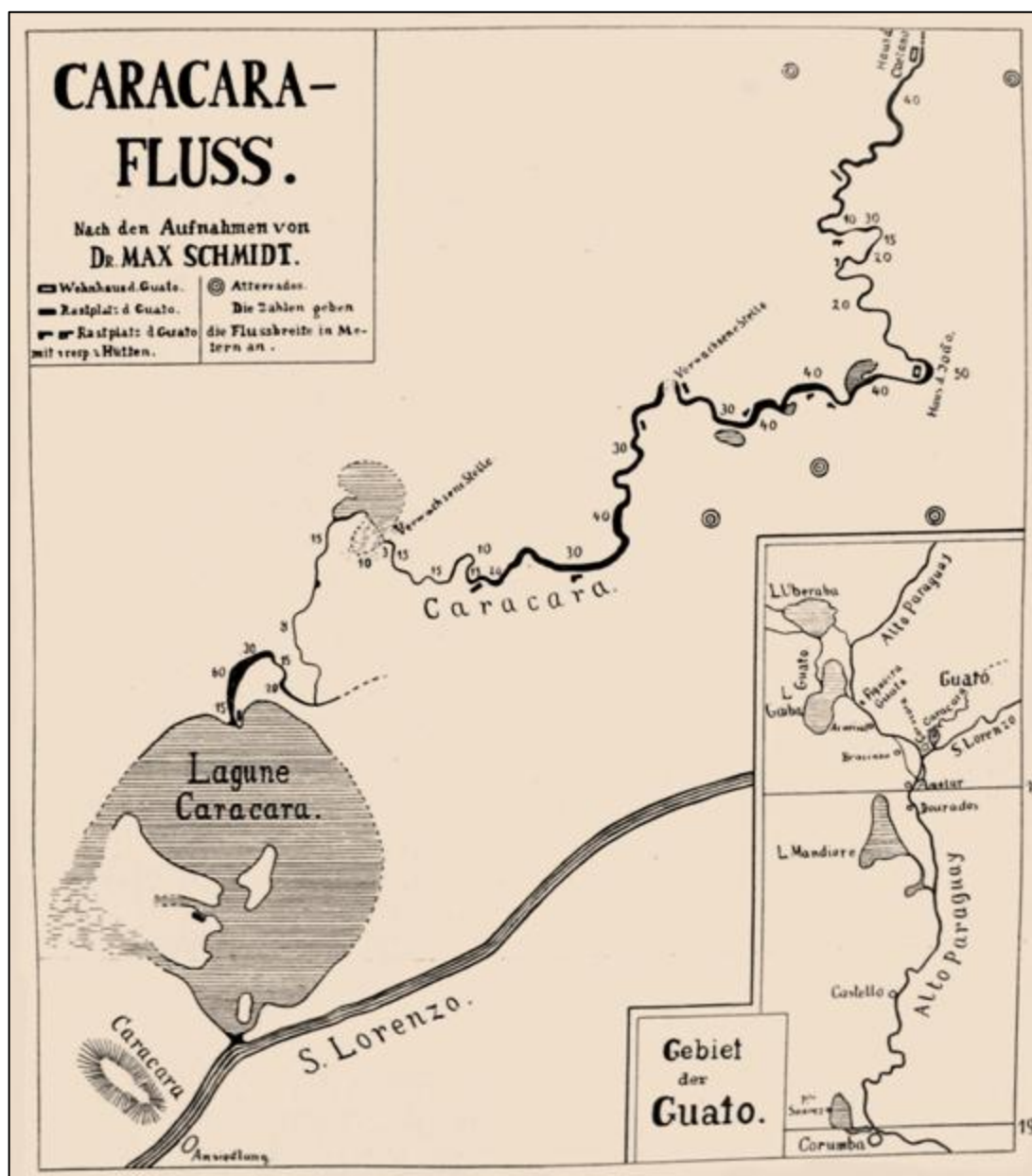


Figura 66 - Mapa do território dos Guató e do Rio Cara.

Fonte: Schmidt (1912, p. 133).

Seus primeiros trabalhos foram focados nos Guató e Kinikinao, mas mais tarde fez importantes contribuições para o conhecimento das línguas e culturas dos índios Bakairi, Paresi, Kaiabi, Irantxe Manoki, Aweti, Mehinaku, Umutina, e coletou material no Apiaká, Nambikwara e Wauja.

Seus escritos incluem extensas narrativas de viagem, que colocam sua pesquisa em um contexto apropriado, descrições etnográficas sistemáticas e materiais linguísticos, e estudos comparativos, como na arquitetura indígena e na agricultura no Brasil Central (SCHMIDT, 1902a, b, 1903, 1904a, b, 1905 [traduzido em Português: 1942 d], 1912, 1914a,

b, 1922a, b, 1929, 1941, 1942a, b, c, 1943, 1947a, b, c, d [ver também BALDUS, 1954, p. 637-647, n° 1449, 1451, 1454, 1455-1456, 1460, 1463-1472]).

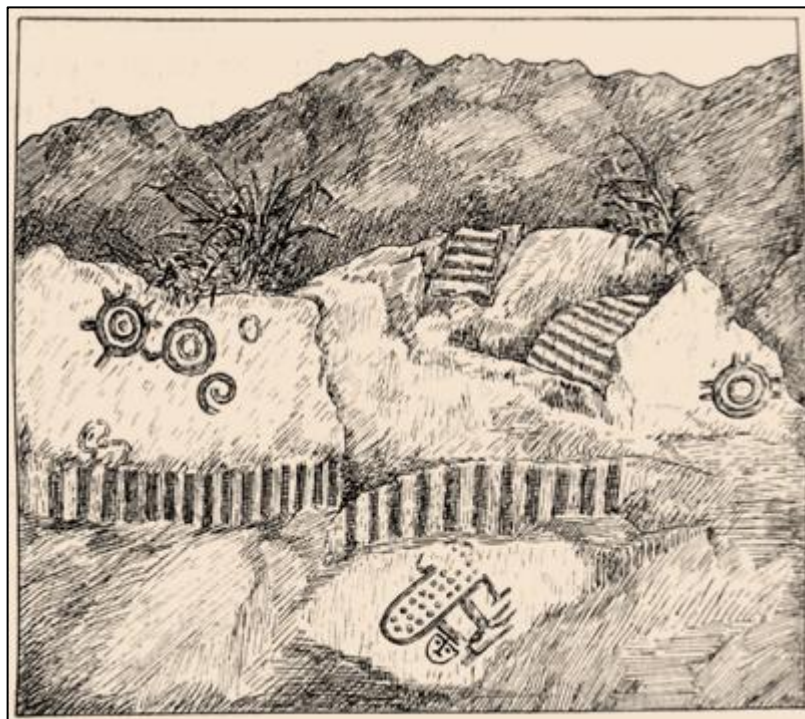


Figura 67 - Petroglifos de Caracara, desenho feito por Max Schmidt (1912, p. 145, fig. 7).

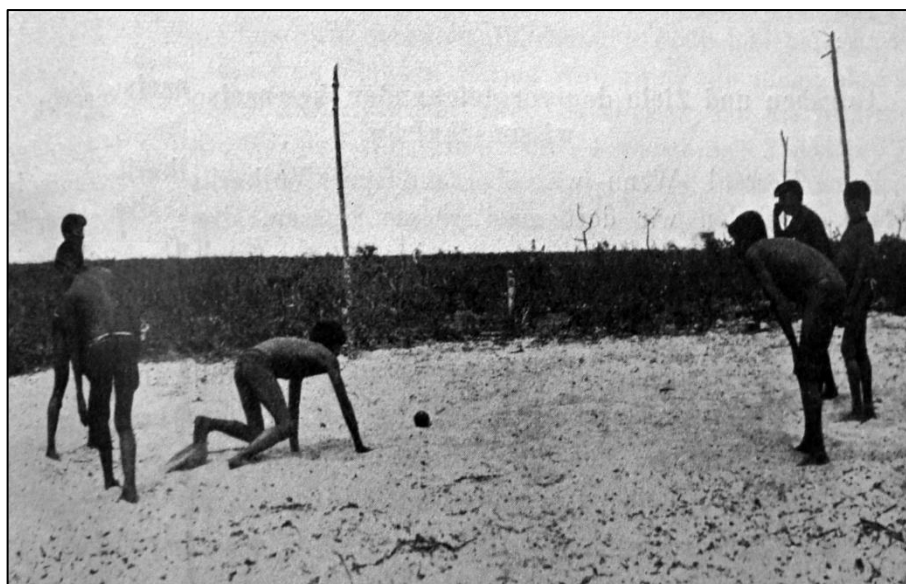


Figura 68 - Max Schmidt, Jogo da bola dos índios Paresi-Cabixi.
Fonte: Schmidt (1912, p. 173, fig. 20).

A maioria das suas publicações está em alemão, mas depois de 1931, publicou em espanhol. Suas coleções de fotografias e objetos etnográficos estão principalmente no Museu Etnológico de Berlim (DORTA, 1992, p. 520, que se referem apenas as coleções de 1900-1901 e 1910-1911).

2.24 MISSIONÁRIOS FRANCESES DO ARAGUAIA

As bases para a missão dominicana francesa na região do Araguaia foram estabelecidas por Gil Villeneuve (1851-1905), que desempenhou um papel importante como um sertanista por estabelecer um contato pacífico com os Karajá, e em 1888 tornou-se o fundador da Paróquia Sagrado Coração de Jesus no Araguaia (GALLAIS, 1893, 1902, 1903, 1942).

A missão permanente em Conceição do Araguaia, no entanto, só foi estabelecida por dominicanos da província de Toulouse (França) em 1911. Baldus (1954, p. 264) aponta alguns comentários críticos por algumas atitudes dos missionários católicos em geral, e em particular os dominicanos no Araguaia⁴.

2.24.1 Antoine Sala

Missionário francês

* desconhecido

† 1936

Sala foi um missionário dominicano da diocese de Toulouse (França), que atuou nas décadas de 1910 e 1920 na estação missionária Conceição do Araguaia.

Em seu trabalho estava particularmente envolvido com os Kayapó do norte e os Karajá.

Sala (1914) fez um breve esboço gramatical da língua Kayapó em francês, que surgiu uma tradução em português revisada e ampliada em 1920. Em 1923, a revista Les

⁴ Para assistir o documentário sobre a missão francesa no Araguaia, consulte o site <<http://www.ktotv.com/videos-chretiennes/emissions/documentaire/documentaire-les-missionnaires-francais-de-l-araguaia/00062123>>. Acesso em 15 set. 2013.

Missions Catholiques publicou um relatório sobre o seu trabalho missionário entre os Karajá (BALDUS, 1954, p. 620, n.ºs 1405, 1406).

Devido à tradução dos seus primeiros nomes com a tradução em português, a gramática Kayapó (BALDUS 1954, p. 620), aparentemente não reconhece a identidade de Antoine e sim Antônio Maria Sala.

2.24.2 P. Marie Hilaire Tapie

Missionário francês

* 1855

† desconhecido

Marie Hilaire Tapie foi outro missionário associado com a missão dominicana, francês em Conceição de Araguaia.

De seus escritos publicados aparece que em 1911 ele viajou de Leopoldina a Conceição de Araguari.

Seus dois livros publicados respectivamente em 15 e 17 anos após esta viagem, contém fotos das etnias Karajás, Kayapos e Tapirapés aparentemente tiradas pelos missionários (1926, 1928).

Duas versões em espanhol do segundo livro foram publicadas em Barcelona em 1929 com diferentes títulos, sendo que um deles foi reeditado em 1957, em Buenos Aires (cf. BALDUS, 1954: n.º 708-709, 1625-1626). Há uma versão anterior de ambos os livros publicados em 1913 com mais de um título e reeditado em 1921 (TAPIE, 1913), o que não é encontrado na bibliografia de Baldus.

2.24.3 François Bigorre⁵

Missionário francês

* desconhecido

† desconhecido

⁵ *Les Missions catholiques* 45 (1913, p. 475), mostra uma fotografia do Padre Bigorre, que não pode ser reproduzido aqui por causa da má qualidade da digitalização. O mesmo acontece com as fotografias dos Karajás e Kayapos.

2.24.4 Reginald Tournier

Missionário francês

* desconhecido

† desconhecido

Nada se sabe sobre Tournier, exceto que era um missionário francês dominicano. Em 1926, fez uma breve visita a aldeia Javaé na Ilha do Bananal.

Sua obra acompanha brevemente suas fotografias, apresentando os índios Karajá, Tapirapés e Urubu. (TOURNIER, 1934).

Baldus (1954, p.729, nº 1674) também observou uma tradução em português do livro publicado em 1942.

2.25 WILLIAM AZEL COOK

Missionário norte-americano

* desconhecido (Estados Unidos)

† desconhecido (Estados Unidos)

Em 1901 o ministro presbiteriano William Azel Cook (Figura 70) foi para o Brasil para explorar as possibilidades de trabalho missionário no país. Ele era o desenhista nas missões indígenas e fez várias expedições para visitar possíveis abrigos no Brasil Central.

A primeira viagem o levou para o Araguaia e Tocantins, onde passou algum tempo com os índios Karajá e Xerente, e também visitou os Krahô. Depois de visitar o norte do Brasil e viajar em Goiás, ele empreendeu uma grande expedição entre os índios Bororo Orientais, onde ficou várias semanas em Tadárimana entre outras aldeias no Rio Vermelho. Tentou um contato com os índios Kaiabi, mas não obteve sucesso, Cook também fez uma breve visita aos Tapuia (Kisêdjê).

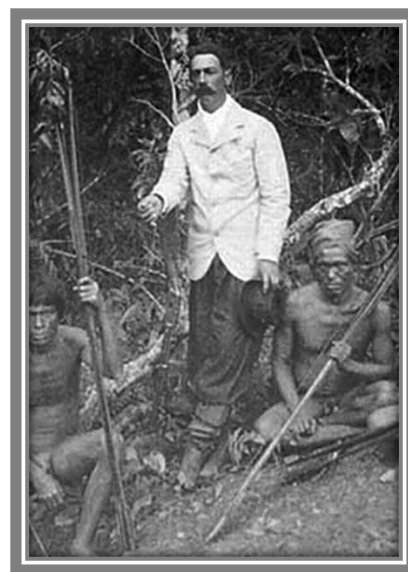


Figura 70 - William Azel Cook
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 71 - William Azel Cook, Interior de uma casa bororo, 1901.

Fonte: National Anthropological Archives, Washington, n° 04401200.



Figura 72 - Ornamento bororo coletado por William Azel Cook.

Fonte: National Museum of Natural History, Washington, n° E210808

Cook relatou sobre suas experiências em 1901 em um livro publicado em 1909, que foi ilustrado com fotografias tiradas por ele mesmo. Ambas, fotografias e as coleções de mais de 100 objetos indígenas foram doados para o Instituto Smithsonian, que também publicou outro relato do colecionador (COOK, 1907).

Sobre os escritos de Cook ver também Baldus (1954, p. 178-179), suas fotografias são discutidas em (FEEST; SILVA, 2011, p. 177-178), e sua coleção não é listada por Dorta (1992).

2.26 ALBERTO VOJTECH FRIC

Explorador tcheco

* 28 de setembro de 1882, Praha (Boêmia, Austria).

† 4 de dezembro de 1944, Praha (Checoslováquia.)

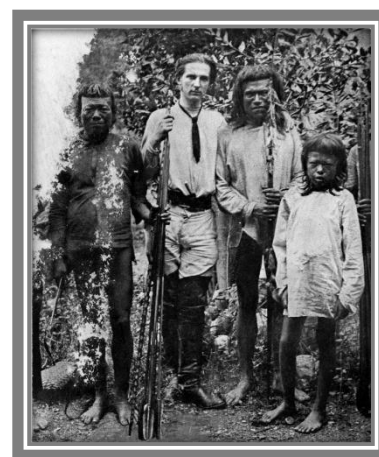


Figura 73 - Alberto Vojtech Fric.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Alberto Vojtech Fric (Figura 73) deixou Praga em 1900 com 18 anos, para ir a América do Sul para dedicar-se ao estudo das plantas. Mas após a sua chegada ao Brasil tornou-se rapidamente um etnógrafo. Após sua primeira visita exploratória em 1901-1902, Fric retornou



Figura 74 - Bonecas Bororo coletadas por Alberto Vojtech Fric, c. 1905.

Fonte: Náprstek Museum, Praga, n° 13198.

à América do Sul em 1903, explorou a pedido do governo do Paraguai a bacia do Rio Pilcomayo e foi para o Chaco, em busca do geógrafo argentino Desaparecido, Ibarreta e, do pintor e etnógrafo italiano Boggiani.

Entre os numerosos grupos indígenas que ele visitou, a fim de recolher artefatos etnográficos, tirar fotografias e gravar dados, coletou mais de 2000 itens (incluindo aproximadamente 400 objetos bororo), que podem ser encontrados nos museus de São Petersburgo

(ZIBERT, 1961), Praga, Berlim, Hamburgo, Munique, Colônia, Berna, e Londres. As fotografias e os diários de Fric foram conservados em São Petersburgo e Praga, onde Fric ficou a maior parte do tempo após o seu regresso de quatro viagens à América do Sul, dando palestras e escrevendo livros e artigos (KANDERT, 1983).



Figura 75 - Alberto Vojtech Fric Vista da aldeia dos Bororo Orientais, c. 1905.

Fonte: Fric (1957, p. 39).

Sua primeira publicação etnográfica foi escrita a partir das anotações feitas pelo viajante polonês-americano antropólogo Paul Radin (FRIC e RADIN 1906). Nela contém observações interessantes sobre os índios Bororo com uma lista de palavras e ilustrações de objetos de sua coleção em Berlim. Outras publicações sobre a etnografia do Brasil Central tais como as esculturas religiosas dos Kadiwéu (FRIC 1906, 1913). Entre suas publicações

populares Checa, está seu livro sobre os índios da América do Sul, publicado pela primeira vez em 1943 (FRIC, 1957), que inclui muitas das suas próprias observações e fotografias.

2.27 FRITZ KRAUSE

Antropólogo alemão

* 23 de abril de 1881, Moritzburg (Alemanha)

† 1 de junho de 1963, Lúpsia (Alemanha)

Através da influência do antropólogo alemão Karl Weule, Fritz Krause (Figura 76) mudou seus estudos de matemática à antropologia na Universidade de Leipzig, onde concluiu seu doutorado em 1907. Juntou-se à equipe do Museu de Etnologia, em Leipzig, em 1905 e em 1908/9, realizou uma expedição à região do Araguaia do Brasil Central para o museu, que era para ser a sua única experiência de campo etnográfico.

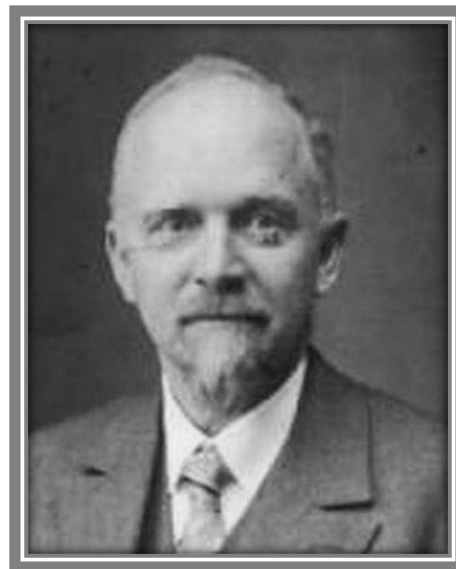


Figura 76 - Fritz Krause.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 77 - Objetos Javaé coletados por Fritz Krause, 1908. Museu de Etnologia, Lúpsia, nº SAm 3364, 3344.

Fonte: Kästner (2009, ill. 188).

Em 1914, começou a lecionar na Universidade de Leipzig, tornando-se professor de antropologia em 1925, e em 1929 foi o diretor do museu. Devido ao seu suposto apoio ao regime nazista, em 1945, foi removido de suas posições na universidade e no museu. Morreu em Leipzig, em 1963.

Durante sua expedição ao Rio Araguaia, que durou de janeiro de 1908 a fevereiro 1909, trabalhou principalmente entre os índios Karajá e Javaé, mas também reuniu materiais sobre os índios Kayapó e Tapirapé (KRAUSE, 1911b, 1925, ver também BALDUS, 1954, p. 771-773), observando que a tradução em português da sua monografia, publicada em 1940-1944, não tem o apêndice com o material linguístico dos índios Karajá, Javaé, Kayapó e Tapirapé.

O foco principal do seu trabalho era sobre a arte e a cultura material (KRAUSE, 1910, 1911a). Suas extensas coleções etnográficas da região, bem como suas fotografias e notas de campo estão, principalmente, no Museu de Etnologia, em Lúpsia, mas algumas foram trocadas com o Lindenmuseum em Estugarda (DORTA, 1992, p. 508-509, 511, nº 68, 98). Nos anos posteriores, Krause publicou vários artigos sobre a região Xingú com base em material coletado por Hermann Meyer (KRUSCHE, 1977; BALDUS, 1954, 360-362, nº 776-783).

2.28 WILHELM KISSENBERTH

Antropólogo alemão

* 23 de abril de 1878, Aschaffenburg (Alemanha)

† 1944, Bludenz (Áustria)

Kissenberth (Figura 78), filho de um fabricante de tabaco no Brasil, estudou uma grande variedade de assuntos, incluindo a antropologia, em Munique, Genova e Berlim, onde concluiu o doutorado em literatura e posteriormente foi voluntário no Museu Real de Etnologia.

Em 1908, foi enviado pelo museu em uma expedição ao Araguaia, que era uma expedição semelhante a realizada ao mesmo tempo por Fritz Krause (ver item 2.27) para o museu em Leipzig. Após o seu regresso a Berlim evitou mais contato com o museu, devido ao fracasso da sua expedição. Após a Primeira Guerra Mundial, em 1920, conseguiu encontrar um emprego no museu (HERMANNSTÄDTER, 2002).

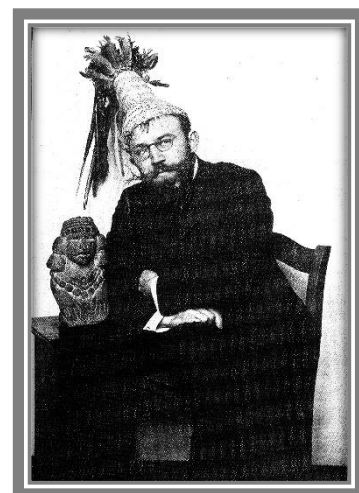


Figura 78 - Wilhelm Kissenberth.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

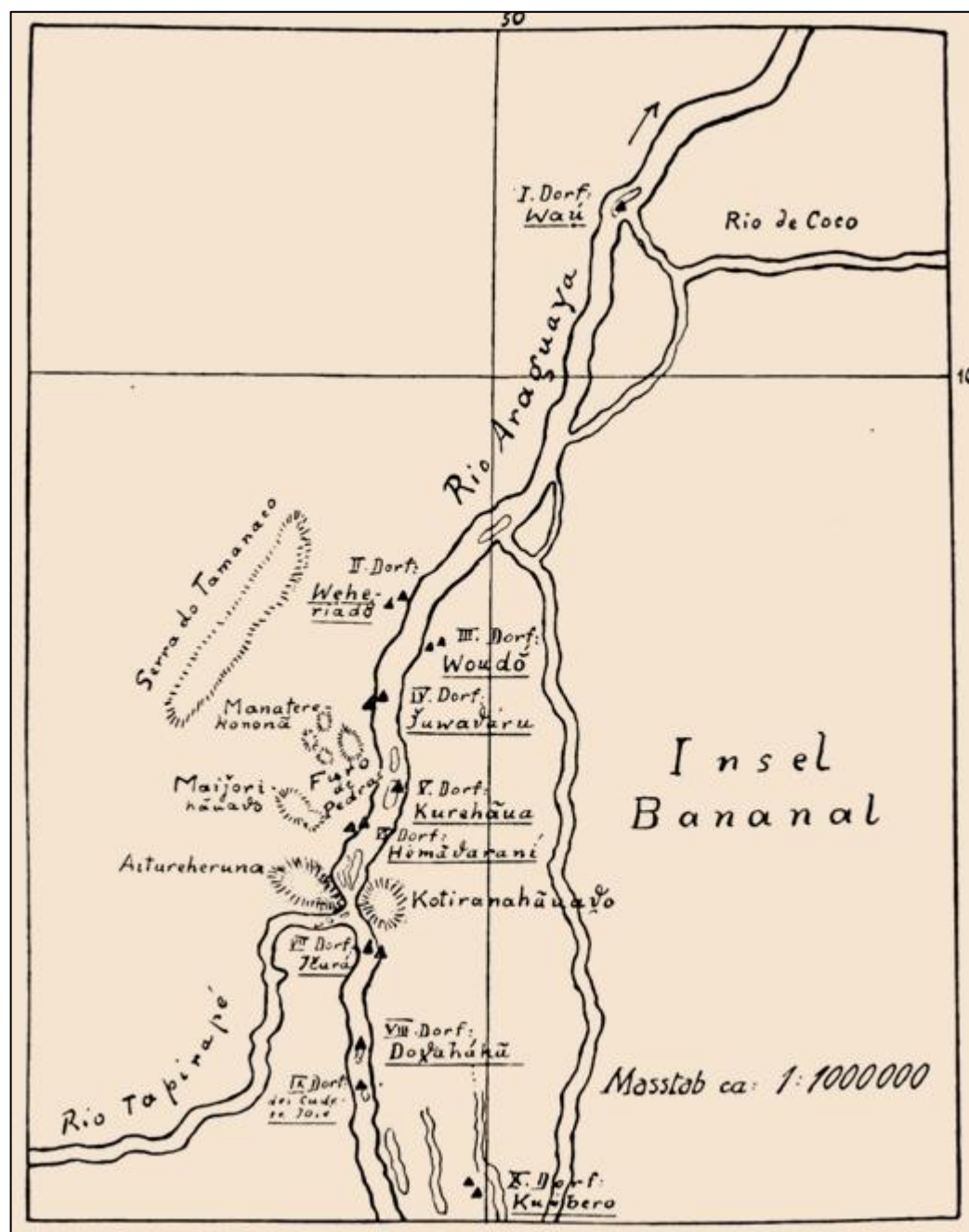


Figura 79 - Aldeias karajá na Ilha do Bananal visitadas por Kissenberth (1912, p. 44, fig. 9).

Do início até o final da expedição de Kissenberth foram cheias de problemas devido ao mau planejamento. Kissenberth queria realizar cinco expedições. Ele começou sua primeira expedição pelos índios Kayapó em dezembro de 1908. Em março de 1909, a intenção era visitar o Karajá, Javaé e Tapirapé, mas teve que retornar no final de abril, depois de ter visitado apenas aldeias karajá.

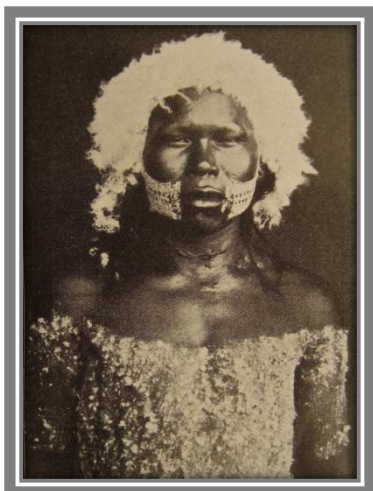


Figura 80 - Wilhelm Kissenberth, Kayapó adornado para um ritual

Em uma terceira expedição, em agosto 1909, retornou aos Kayapó, onde gravou dados interessantes e fez registros fonográficos de músicas. Em dezembro de 1909 Kissenberth havia gastado todo o dinheiro que havia recebido do museu, esperando que o museu fosse enviar mais dinheiro. Quando o fato esperado não aconteceu, retornou para a Alemanha, em abril de 1911 (HERRMANSTÄTTER, 2002c, p. 114-127).

Parte da sua coleção de objetos etnográficos permanece desconhecida (DORTA, 1992, p. 520), as fotografias e os registros fonográficos estão em Berlim, provavelmente, sua contribuição mais significativa para o conhecimento dos povos indígenas do Brasil Central. Devido ao seu conflito com o museu, ele publicou apenas dois artigos, o primeiro dando um resumo dos resultados da sua expedição (KISSENBERTH, 1912), e o segundo, oferecendo informações sobre os índios Tapirapé (KISSENBERTH, 1916), embora nunca tivesse visitado esta etnia. Günther Hartmann, (1982) mais tarde publicou partes do seu diário de campo, que estava em poder de Hartmann.

Baldus (1954, p. 337-338) critica justamente os escritos de Kissenberth como superficiais e parcialmente errados. Mas o descaso geral do trabalho de Kissenberth não é apenas devido à sua falta de vontade de apresentar seus outros dados, mas também pela atitude cética dos seus colegas alemães. Como Hermannstätter (2002, p.131) assinala excelente trabalho de Kissenberth entre os Kayapó foi esquecido, enquanto Fritz Krause, que passou apenas dois dias entre essas pessoas, é agora considerado como um dos pioneiros da pesquisa sobre os Kayapó.

2.29 A. HENRY SAVAGE-LANDOR

Aventureiro britânico

* 1865, Florence (Itália)

† 26 de dezembro de 1924 Florence (Itália)

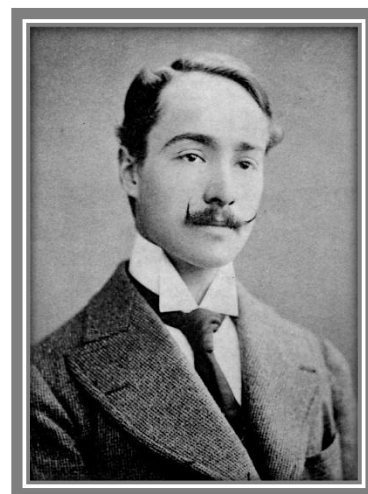


Figura 81 - A. Henry Savage-Landor.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

Arnold Henry Savage-Landor (Figura 81), neto do poeta britânico Walter Savage Landor, nasceu em uma rica família britânica que vivia na Itália. Muito jovem, começou a estudar pintura em Florença e Paris viajando muito pela Europa. Em meados de 1880 foi para a América do Norte, onde ganhou a vida como pintor de retratos de pessoas importantes.

Em 1889, começou uma série de longas viagens na Ásia, África, Austrália e América do Sul que resultou em vários livros de viagens. Não deixando de pintar durante suas viagens, em uma visita mais prolongada ao Ainu, os povos indígenas do Japão, desenvolveu interesses etnográficos.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial e sua saúde em declínio pôs fim a suas viagens. Aposentou-se em Florença, onde morreu aos 59 anos.

Sua expedição ao Brasil, realizada em 1911, foi a última de suas grandes viagens. Em seu caminho a partir de Rio de Janeiro, Goiás e Belém, Savage-Landor cruzou Mato Grosso, encontrou os índios Bororos ligados às missões Salesianas, onde recebeu a maior parte de suas informações sobre os Bororo através do Padre Antonio Colbacchini, perto da confluência dos Rios Arinos-Juruena e São Manuel encontrou um grupo de Apiakás “civilizados” (“Apiacar”). Savage-Landor contratou alguns deles para acompanhá-lo em sua viagem pelo o Rio Madeira.



Figura 82 - Homem Bororo com chocalho feito de cabaça

Em seu livro, *Across Unknown South America* (1913), contem extensos dados etnográficos, confrontando com as informações recebidas por Colbacchini com suas próprias observações (FEEST; SILVA, 2011, p. 178), a reprodução de uma pintura com muitas cores de um índio bororo, e um extenso vocabulário comparativo dos índios Bororo, Apiaká, Munduruku, e Ashaninka do Peru (“Campa ou Antis”).

Em comparação, não há quase nenhuma informação etnográfica sobre o Apiaká, e sim, apenas algumas fotografias. Parece que os vocabulários foram coletados por Savage-Landor e, enquanto não seguem os padrões linguísticos estabelecidos, não fornecem algum interesse. Até o presente momento, a localização das fotografias e pinturas é desconhecida.



Figura 83 - Rota de viagem por Henry Savage-Landor (1913, v. 1, p. 432).

A avaliação oferecida por Baldus (1954, p. 628-629), de Savage-Landor é de uma pessoa com a “personalidade charlatanesca”, certamente correto e apoiado pelos comentários de Paul Walle (1919), que tinha assistido a uma palestra dada pelo autor em Paris em 1914. Surpreendentemente, ele goza de uma sequência de fãs devotos até hoje. Seus livros foram digitalizados e reimpressos, no qual todos os seus relatos são aceitos como realidade.

2.30 EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON

A convite do governo brasileiro, o ex-presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, juntou-se a Cândido Rondon em sua expedição para explorar o curso do Rio da Dúvida (mais tarde renomeado Rio Roosevelt). Os mais de 20 viajantes começaram a partir de Cáceres (MT), e de Tapirapoã, cruzando a Serra dos Paresi ao Rio da Dúvida.

2.30.1 Theodore Roosevelt

Político e aventureiro norte-americano

* 27 de outubro de 1858, Nova Iorque (Estados Unidos)

† 6 de janeiro de 1919, Oyster Bay, Nova Iorque (Estados Unidos)

Roosevelt (Figura 84) foi presidente dos Estados Unidos entre 1901 e 1909, e aventureiro, que definiu a sua masculinidade através de atos ousados, seja pela guerra contra as nações estrangeiras ou por expedições em terras distantes, incluindo uma para o leste da África (1909-1910) e a Expedição Científica Rondon-Roosevelt em Mato Grosso.

Roosevelt relatou suas experiências no Brasil Central, em seu livro *Through the Brazilian Wilderness* (1914, tradução em português em 1934), que inclui algumas relatos dos seus contatos com a população indígena, embora esta não era a sua prioridade (BALDUS, 1954, p. 609, nº 1381).

Desde que tinha Sido parcialmente financiada pelo Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque, esta instituição tornou-se o destinatário de todas as suas coleções, incluindo 248 objetos etnográficos, principalmente dos índios Paresi, mas também incluindo alguns objetos dos Nambikwara (AMNH, 2013), não mencionado por Dorta (1992).

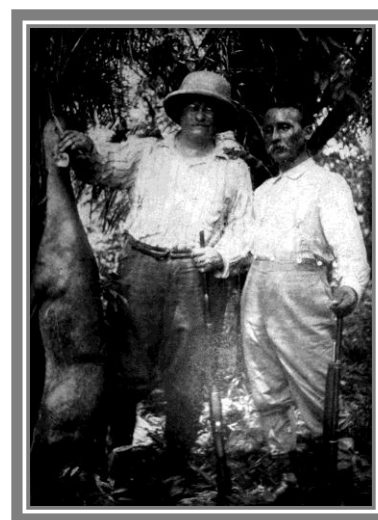


Figura 84 - Theodore Roosevelt e Cândido Rondon.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

2.31 HENRICH HENRIKHOVITCH MANIZER

Antropólogo russo

* 1889, (Rússia)

† 1917, (Rússia)

H. H. Manizer (Figura 85) foi o primeiro russo a fazer pesquisa etnográfica, uma vez que a expedição russa de Langsdorff, cuja maioria dos membros não era russa. Em 1914 e 1915 Manizer fez estudos principalmente entre os Kaingang, em São Paulo e entre os Krenak em Minas Gerais. Devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial, voltou para a Rússia, e foi morto em combate em 1917.

Seu livro sobre os resultados da expedição Langsdorff foi publicado postumamente em 1948 e em uma tradução em português em 1967 (MANIZER, 1967).

Além da pesquisa com os índios Kaingang e Krenak, Manizer passou também algum tempo entre os índios Kadiwéu, Terena e Ofaié-Xavante.

Reuniu uma grande coleção etnográfica para o Kunstkamera em São Petersburgo (DORTA, 1992, p. 510). Observa-se que parte da coleção de Manizer foi doada ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Seu artigo sobre os instrumentos musicais dos índios do Brasil inclui também material sobre Brasil Central (MANIZER, 1918, 1934).

Baldus (1954, p. 427) e da Silva (2011, p. 6) comentaram sobre o trabalho de Manizer.

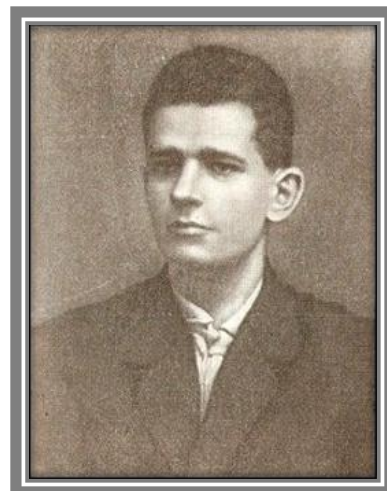


Figura 85 - H. H. Manizer.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

2.32 PERCY HARRISON FAWCETT

Aventureiro britânico

* 18 de agosto de 1867, Torquay (Inglaterra)

† maio de 1925 (desaparecido), Serra do Roncador, MG (Brasil).

Uma das pessoas mais excêntricas da história da expedição do Brasil Central foi o aventureiro britânico Percy



Figura 86 - Percy Harrison Fawcett.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Harrison Fawcett (Figura 86), um ex-oficial do exército britânico, que desde 1906 foi patrocinado pela Royal Geographical Society of London para realizar explorações na América do Sul.

Depois de ter relatado sobre suas descobertas das cobras gigantes, cães de duas cabeças e outros animais improváveis, ele retornou à Inglaterra para servir o exército durante a Primeira Guerra Mundial.

Retornou a Mato Grosso em 1925 para procurar a “Cidade Perdida de Z”. Acompanhado por seu filho mais velho e pelo amigo de seu filho, deixou Cuiabá em direção ao Alto Xingu, onde desapareceu em maio de 1925.

Fawcett nunca publicou nada das suas expedições no Brasil Central, mas sua visita em 1914 ao Maxubi tem sido discutida por Caspar (1955). Seu filho mais novo, Brian, mais tarde compilou as informações disponíveis a partir de cartas e manuscritos de seu pai (FAWCETT, 1953; BALDUS, 1968).

Seu desaparecimento resultou em várias tentativas de descobrir os seus restos mortais – para saber mais sobre o seu destino (ver item 2.46 - Expedições em busca do Coronel Fawcett) – mas a maioria era tão complicada quanto às próprias expedições de Fawcett.

2.33 FREDERICK C. GLASS

Missionário britânico

* 1870, Walthamstow (Inglaterra)

† 1960, Garanhuns, PE (Brasil)

Glass (Figura 87) era um jovem jornalista Inglês que, em 1892, foi para o Brasil para trabalhar para uma companhia ferroviária e tornou-se evangelista depois de uma experiência religiosa, enquanto trabalhava em uma mina de ouro, em Minas Gerais.

Tornou-se membro da Sociedade Missionária Britânica e Estrangeira em 1900 e da União Evangélica da América do Sul em 1911. Glass tornou-se um residente de Garanhuns e viajou no Brasil para distribuir e propagar a Bíblia (ANDERSON, 1999, p. 243).



Figura 87 - Frederick C. Glass.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 88 - “Em um cemitério karajá” (GLASS, 1923, p. 153).

Fonte: GLASS, 1923, p. 153

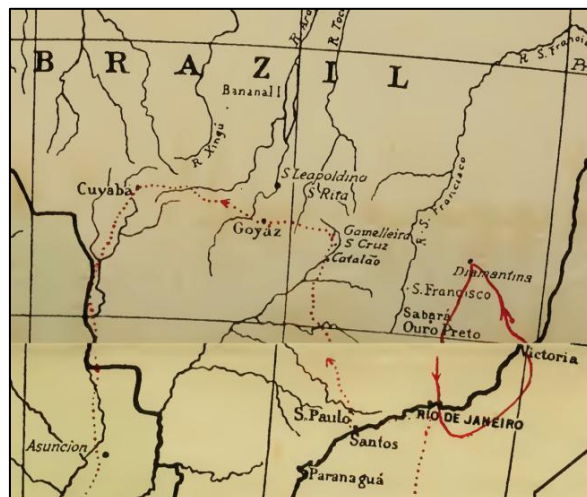


Figura 89 - Rota de viagem em Brasil Central de Henry Glass (1923, mapa).

Em 1909 atravessou o Araguaia para Goiás a Cuiabá e visitou os Karajá na aldeia de Capitão João. Em uma segunda viagem, em 1919, desceu o Araguaia a partir da parte sul do território dos Karajá com a missão dominicana em Conceição (GLASS, 1923, p. 131-139, 141-152).

Seus relatórios sobre as viagens foram publicados no Brasil, no jornal Inglês *Daily Chronicle*, e mais tarde compilados em dois livros, um deles contém um relatório sobre sua visita ao Karajá (GLASS, 1923). Ele nunca tentou uma descrição sistemática da cultura Karajá, mas há muitas histórias sobre suas experiências entre eles. O livro é ilustrado com fotografias supostamente tiradas por ele mesmo.

A breve entrada no Baldus (1954, 273, nº 569) não tem referência à viagem de 1909.

2.34 ALEXANDER RATTRAY HAY

Missionário escosês

* c. 1895 (Paraguai)

† desconhecido



Figura 90 - John e Alexander Rattray Hay.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Alexander Hay (Figura 90) nasceu no Paraguai, onde seu pai, John Hay em 1902,

fundou a Missão Evangelística e Médica no Paraguai. Em 1910, a Missão Evangelística e Médica, modificou-se para a União Missionária.

Depois de ter recebido treinamento como missionário na Escócia, John Rattray Hay mudou para o Brasil Central para continuar seu trabalho como missionário (HAY, SA, p. 35). Em 1932, John e Alexander Hay saíram da União Missionária para o Interior da América do Sul e fundaram o Novo Testamento União Missionária.

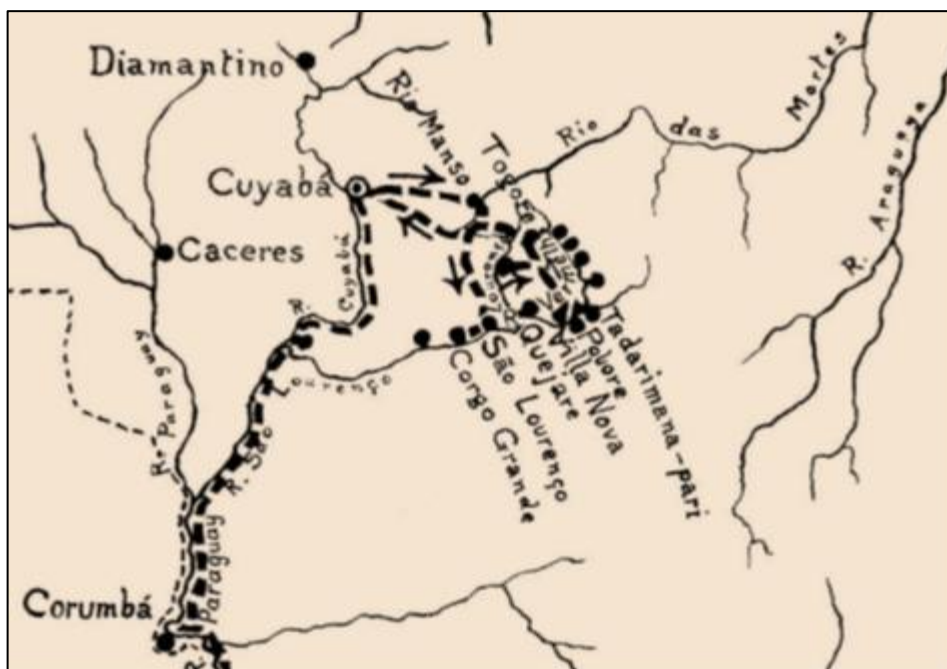


Figura 91 - Mapa das aldeias bororo visitadas por Hay (1920, mapa nº 1).

A União Missionária estabeleceu missões entre os índios Terena no Mato Grosso do Sul, os Karajá e os Bororo Orientais, antes de mudar-se para o Rio Juruena, em 1924, onde mantiveram contato com os índios Nambikwara.

Esse esforço chegou a um final dramático em 1930, quando um Nambikwara matou seu colega missionário Arthur F. Tylee, sua filha e uma enfermeira em retaliação à morte de um Nambikwara que tinha recebido tratamento médico de um missionário (FRIZEN JÚNIOR, 1992, p. 156).

Hay publicou três livros ilustrados com fotografias que abordam a organização de trabalho junto aos índios. As imagens são dos índios Terena (HAY, 1928), dos Bororo Orientais (HAY, 1920) e também algumas dos Karajá (FEEST; SILVA, 2011, p. 178-179). Das ilustrações Hay (1920), indica que ele também recolheu alguns objetos etnográficos, mas não havia localização, nem identificação destes objetos.

Os arquivos da União Missionária, a correspondência de Hay e possivelmente também fotografias, estão preservados no Billy Graham Center, Wheaton College, em Wheaton, Illinois.

Baldus (1954, p. 298) critica Hay como “produto típico da mentalidade de um Missionário Inglês sem formação etnológica”, mas descobre os problemas do trabalho missionário entre os Terena. Ele não tem conhecimento do terceiro livro de Hay, que é em grande parte uma explanação do trabalho inicial e da organização de seu pai, no Paraguai e no Brasil.

2.35 MARQUIS DE WAVRIN

(Robert Frédéric de Wavrin de Villers au Tertre)
Aventureiro e cineasta belga

* 29 de agosto de 1888, Bottelaere (Bélgica)

† 29 de junho de 1971, Ukkel (Bélgica)



Figura 92 - Marquis de Wavrin.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Wavrin (Figura 92) era um aristocrata belga que viajou por toda a América do Sul em 1913-1916, 1919-1922 e 1926-1930. Publicou vários livros sobre a etnografia e zoologia das regiões que havia visitado e também produziu uma série de filmes etnográficos.

Em sua segunda viagem, 1919-1922, explorou a região do Rio Paraguai, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio, e fez observações sobre as etnias Kadiwéu, Terena, Guató, Bororo da Campanha, Bororo Orientais (Coroados), Umutina, Paresi, e Guaikurú.

Wavrin (1924, 1926, 1937) incluiu na sua observação sobre os povos indígenas do Brasil Central, bem como algumas fotografias. Ele também recolheu objetos etnográficos para o Musée de l'Homme, em Paris e o Musée Cinquentenário, em Bruxelas, mas apenas um objeto Guató, que é do Brasil Central, está preservado no Musée du quai Branly. Um filme produzido em 1924 e um livro intitulado *Au Centre de l'Amérique du Sud inconnue* estão preservados no Royal, arquivos de filmes belgas em Bruxelas.

Baldus (1954, p. 762-763) comenta que os escritos de Wavrin tem pouco valor para a Etnologia e, menos ainda para a Etnologia Brasileira. Recentemente, foi reencontrado um importante filme etnográfico (LACOMBE, 1996).

2.36 S. C. BULLOCK

Oficial militar e aventureiro britânico

* desconhecido

† desconhecido

Nada se sabe sobre Bullock, exceto que ele era um oficial, provavelmente aposentado, do exército britânico.

Em março de 1922, Bullock saiu do Pará para São José de Araguaia, chegando em outubro de 1922.

Seu relato apresentado à Royal Geographical Society, em Londres, é uma narrativa de viagem cujo foco é a geografia da região. A única etnia descrita com algum detalhe é a dos índios Karajá. Nem as fotografias que acompanham o relatório nem o mapa são de importância etnográfica. (BALDUS, 1954, p. 146).

2.37 ARCHIBALD F. MACINTYRE

Missionário britânico

* 1883

† desconhecido

Archibald Macintyre foi enviado ao Brasil como missionário pela União Evangélica da América do Sul, com sede em Londres.

Um dos objetivos da Macintyre era estabelecer uma missão entre os Tapirapé. Ele também fez contato com os índios Karajá, Javaé, e do norte Kayapó e reuniu informações sobre Xerente e Xavante. A data exata de seu trabalho não é conhecida, mas deve ter ocorrido durante o início da década de 1920.

O livro que descreveu seu trabalho missionário foi publicado pela primeira vez sem data, enquanto Baldus sugere 1923 como a data da publicação, que pode ter sido em 1922. Edições posteriores foram emitidas em 1924 e 1925.

Baldus (1954, p. 919) menciona brevemente o livro. Veja também os apontamentos no livro de Karen McIntyre⁶.

⁶ Ver Down the Araguaia. Disponível em: <http://www.karenmcintyre.com/down_the_araguaya.htm>. Acesso em: 12 set. 2013.

2.38 HERMANN DENGLER

Antropólogo alemão

* 1890 (Alemanha)

† julho de 1945, Hoyerswerda (Alemanha)

Hermann Dengler (Figura 93) foi um antropólogo e pintor que, no início de 1920, começou a trabalhar como colaborador para a Linden-Museum, em Estugardo, quando Theodor Koch-Grünberg, foi o diretor dessa instituição e o convidou para acompanhá-lo numa expedição ao Rio Branco, em 1924. Após a morte de Koch-Grünberg, em outubro de 1924, Dengler participou de uma expedição sueca para a região da Amazônia.

Ele retornou à Alemanha em 1926 e dois anos depois começou a trabalhar como ilustrador científico do Museu de Mineralogia, Geologia e Pré-História em Dresden. Sua publicação no catálogo da Karl-May-Museum, em Radebeul próximo a Dresden (DENGLER, 1928b) foi baseada em seu trabalho com os objetos coletados nesta expedição.

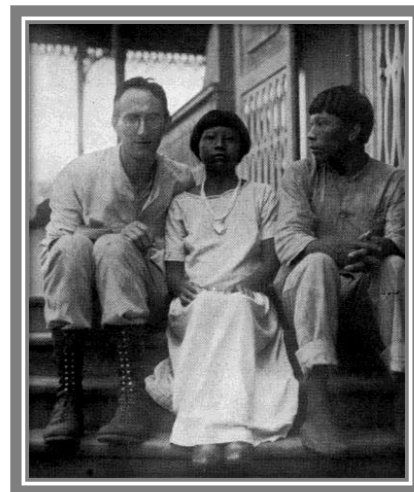


Figura 93 - Hermann Dengler.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 94 - Hermann Dengler,
Índio Bakairi, 1924

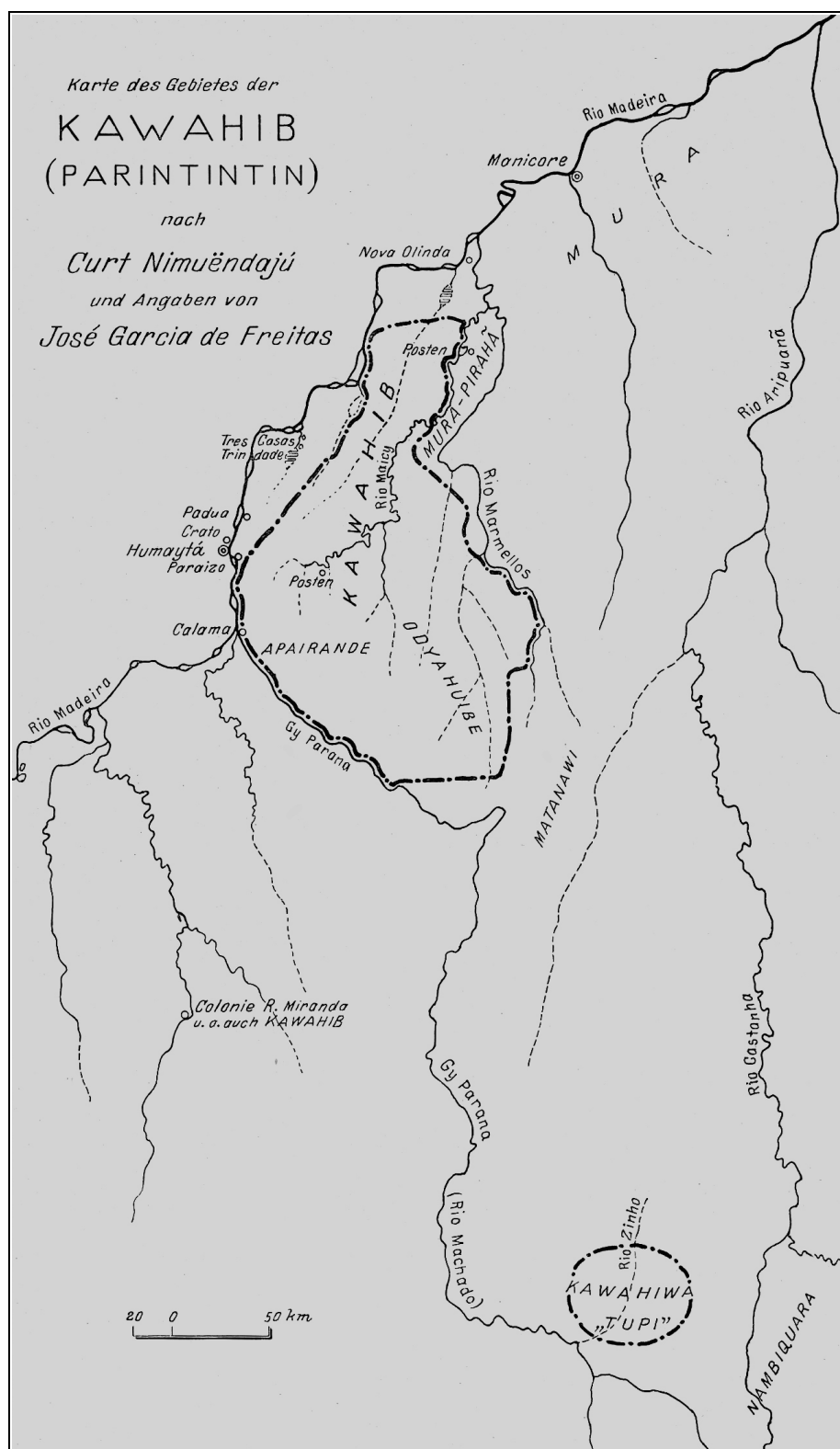


Figura 95 - Mapa do território Kawahib, depois Nimuendajú.

Fonte: Dengler (1927, pl. 1).

Durante as últimas semanas da Segunda Guerra Mundial, Dengler, com 55 anos, foi forçado a entrar para o exército alemão. Ele morreu logo após o fim da guerra em um acampamento de prisioneiros (DENGLER, 2013)⁷.

Depois de deixar a expedição sueca, Dengler aprofundou-se nos estudos dos índios Tupi-Kawahib em Mato Grosso, dez anos antes de Lévi-Strauss.

Publicou uma breve nota e um artigo mais extenso sobre sua visita ao Kawahib (“Kawahib”) (Dengler, 1927, 1928a), este último ilustrado com um mapa e telas.

Em sua discussão sobre a obra de Dengler, Baldus (1954, p. 395), obviamente, reconheceu as limitações do Dengler como um pesquisador de campo devido as suas limitações acadêmicas. Embora algum material pudesse ser considerado anedótico, forneceu uma boa base para a compreensão dos índios Kawahib.

2.39 HEINRICH HINTERMANN

Funcionário público teuto-suíço

* 16 de março de 1888, (Suíça)

† 24 de janeiro de 1933, Zurique (Suíça)

Heinrich Hintermann, doutor em psicologia em 1916, foi professor do ensino secundário e do curso de administração, em Zurique. Existem indícios de muitas viagens dele a África e América do Sul (ANÔNIMO, 1933).

Em 1924 Hintermann foi com Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos aos postos indígenas do Rio Ronuro, Rio Kuluene e Rio Kuliseu, na região do Alto Xingu.

Um breve relato desta viagem é encontrado na revista naturalista suíça, enquanto um relatório mais abrangente e ilustrado foi incluído em seu livro “Entre os índios e cobras gigantes” (HINTERMANN, 1924, 1926).

Sua coleção de artefatos Bakairi está no Museu Etnológico da Universidade de Zurique (KAUFMANN *et al.*, 1979, p. 418-419, DORTA, 1992, nº 10). Pouco antes da sua morte, escreveu um catálogo das coleções deste museu (HINTERMANN, 1932), onde estão inseridas as coleções da África e Pacífico.

⁷ Ver também informações disponíveis em: <http://karl-may-wiki.de/index.php/Hermann_Dengler>. Acesso em: 12 set. 2013.

Baldus (1954, p. 307) relata e critica negativamente a obra de Hintermann por seu ex-companheiro de viagem Teixeira da Fonseca Vasconcelos.

2.40 FRANCIS GOW-SMITH

Aventureiro norte-americano

* desconhecido

† desconhecido

Francis Gow-Smith (Figura 96) era um ex-astro do futebol americano da Universidade de Perdue, que mais tarde tornou-se “um explorador das florestas da América do Sul”. Em 1926, viajando a Goiás, era suspeito de ser um espião americano e quase foi executado (*The New York Times*, 7 de janeiro de 1926, p. 6). Durante a era da depressão, quando houve pouco apoio para as expedições, tornou-se um conselheiro de relações públicas para a empresa Consolidated Edison (WHITTLOCK, s/d).

Entre 1924 e 1928, Gow-Smith viajou várias vezes a Mato Grosso, envolvendo-se na busca inútil de Coronel Fawcett (ver GOW-SMITH, 1928 e item 2.46), empenhados na busca frustrada por diamantes, concomitantemente coletando objetos das etnias Bororo Orientais, Guató, Irantxe Manoki, Karajá, Kayapó, Nambikwara e Paresi. Em 1926, alegou ter sido “confundido com um canibal entre os índios Bororo” (*The Oxford Mirror*, Oxford Junction, Iowa, 3 June 1926).

Suas coleções para o Museu do Índio Americano foram acompanhados por relatórios superficiais (GOW-SMITH, 1925a, b, 1927a, b; ver BALDUS 1954, p. 281-282). Declarações importantes sobre suas expedições podem ser encontradas nas entrevistas que deu aos jornais da área de Nova Iorque.



Figura 96 - Francis Gow-Smith.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

2.41 FREDERICK G. BRANDENBURG E FREDERIC W. MILLER

Zoólogos norte-americanos

* desconhecido

† desconhecido

Nada se sabe sobre Brandenburg e Miller (Figura 97), exceto o fato de que eles estavam trabalhando em 1920, para o Museu de História Natural, em Denver, Colorado (Denver Museum of Nature and Science). Em 1925/6, Brandenburg, que mais tarde se tornaria Curador Assistente de Aves, continuou trabalhando para o museu até 1960. Miller, e Frederic D'Amour

foram enviados em uma expedição à América do Sul (Brasil, Argentina, Paraguai) a fim de coletar amostras para uma nova exposição para o museu (HANINGTON, 1938).

No Brasil em 1925, os zoólogos estavam acampados por algumas semanas no Rancho Descalvados, que adquiriu a reputação de oferecer alojamento para os naturalistas e com fácil acesso ao Pantanal.



Figura 97 - Frederick G. Brandenburg e Frederic W. Miller.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 98 - Frederic W. Miller, Preparações para o dança de onça dos Bororo da Campanha, 1925.

Além de seu trabalho zoológico, Brandenburg e Miller visitaram a aldeia vizinha dos Bororo da Campanha, onde esses índios realizaram uma dança do couro da onça para eles.

Ambos registraram aproximadamente 20 fotografias deste evento, que agora estão nos arquivos do Museu de História Natural de Denver.

Parece existir uma entrevista feita nos anos 1960 com Brandenburg, na qual ele se recorda do tempo em Descalvados (Melissa Bechhoefer, comunicação pessoal, 3 de junho de 2013).

2.42 BÉRARD MENDES

Missionario francês

* desconhecido

† desconhecido

Atualmente, nada pode ser dito sobre a vida de Mendes que, aparentemente, era um missionário francês que trabalhou na Bolívia e no Brasil.

Seu trabalho publicado em agosto de 1925, descreve sua visita aos índios Paresi. O co-autor do livro, Louis-Marie Galibert (1877-1965), era um nativo da França e serviu como bispo de São Luiz de Cáceres, em Mato Grosso 1915-1954.

O livro *Les Indiens dans l'Amérique du Sud* (1926), descreve a visita do autor das páginas 41a 94.⁸

2.43 ROGER DE COURTEVILLE E MARTHA EMMA SEEDORF COURTEVILLE

Aventureiros franceses

* 1897 [Roger de Courteville]

† desconhecido

Roger de Courtville (Figura 99) era engenheiro civil francês, que após a Primeira Guerra Mundial recebeu a nomeação como secretário da embaixada francesa no Rio de

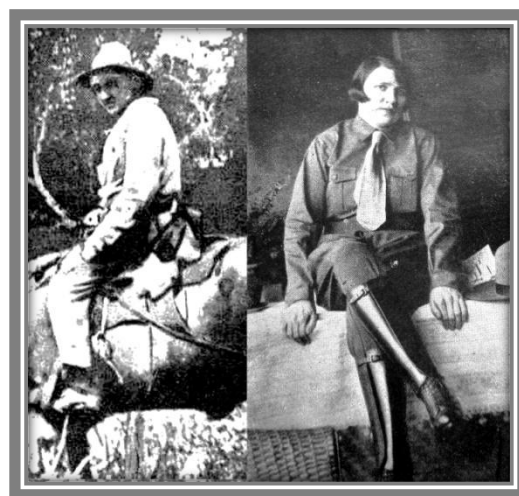


Figura 99 - Roger e Martha Emma Courteville.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

⁸ Ver também Baldus (1954, p. 445-446).

Janeiro, onde se casou com a carioca Martha Emma Seedorf. Em 1925, eles decidiram viajar de carro do Rio de Janeiro para Lima, atravessando a região central do Brasil. Patrocinado pelo Automóvel Clube do Brasil, deixou o Rio em setembro de 1926 e conseguiu chegar a Lima, um ano depois. Mais tarde, realizou uma expedição de aventura na Amazônia (HEALEY, 1990).

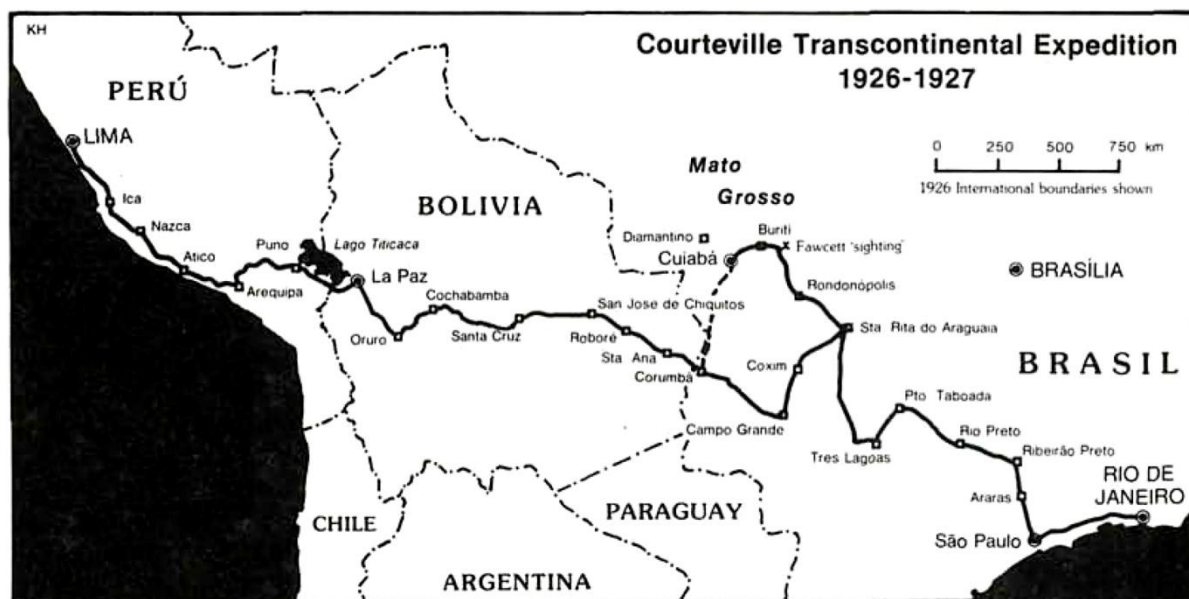


Figura 100 - A “Expedição Transcontinental” por Roger e Emma Martha Courteville, 1926-1927.

Fonte: Healey (1990).

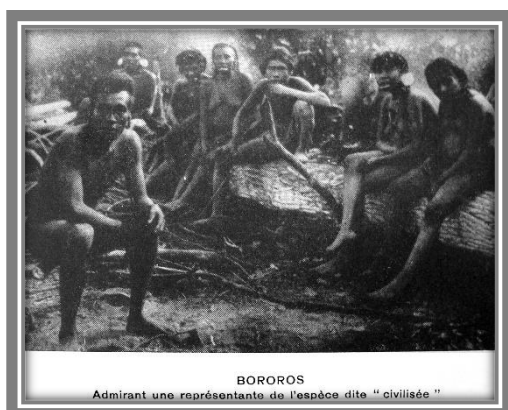


Figura 101 - “Bororos [que não são Bororos] admirando um representante da ‘espécie civilizada’”.

Fonte: Courteville (1931, p. 118).

Sua visita na região central do Brasil durou algumas semanas. Fez contato com grupos indígenas, como os Bororo Orientais, mas não ficou o tempo suficiente para fazer boas observações. O maior destaque em seu relatório é que tinha visto o coronel Percy Fawcett perto de Buriti, MT, o que estimulou outros viajantes para novas expedições em busca do coronel.

Foram publicados, por Roger de Courteville e sua esposa, livros franceses ilustrados com fotografias sobre sua viagem (COURTEVILLE, 1931; COURTEVILLE, 1930, 1933).

Baldus critica o livro da Sra. Courteville (“Percebe-se perfeitamente a inexatidão das legendas das fotografias dos Índios”).

2.44 CLAAS DELHAES

Empregado alemão

* 1906, (Alemanha)

† desconhecido

Em 11 de setembro de 1926 Claas Delhaes, um funcionário do comércio de Berlim, pegou um barco de Bremen com o destino ao Rio de Janeiro (Norddeutscher Lloyd, listas de passageiros, AIII15-11-09.1926_N), que foi acompanhando o antropólogo alemão Max Schmidt (item 2.23) em sua expedição 1927-1928 em Mato Grosso.

Não está claro por que o viajante experiente e pesquisador de campo Schmidt levaria a uma expedição respeitável um jovem inexperiente, que tinha apenas 20 anos de idade.

Schmidt e Delhaes deixaram Cuiabá em 22 de janeiro de 1927 e chegaram em 11 de fevereiro, no Posto Simão Lopes, no território indígena dos Bakairi. Quando Delhaes contraiu malária, Schmidt não quis correr qualquer risco e enviou o jovem (SCHMIDT, 1929, p. 86-88; DELHAES, 1933) para Cuiabá e, posteriormente, para a Alemanha.

Seis anos depois Delhaes (1933, 1934) publicou dois artigos em uma revista geográfica e etnográfica alemã relatando sua viagem de Cuiabá para o Posto Simão Lopes e sobre a atual situação cultural do Bakairi.

Delhaes (1933) não é mencionado por Baldus (1954, p. 198-199).

2.45 LEONARD L. LEGTERS

Missionário norte-americano

* 8 de julho de 1873, Clymer, Chautauqua, Nova Iorque (Estados Unidos)

† 18 de maio de 1940, Tulare, Califórnia (Estados Unidos)

Reverendo Leonard Livingston Legters. Figura 102, envolveu-se no trabalho missionário da Igreja Reformada Holandesa, entre os Comanche em Oklahoma,



Figura 102 - Leonard L. Legters.
Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

com os grupos indígenas da Califórnia desde 1906. Veio para o Brasil vinculado com a missão Nambikwara de Alexander Rattray Hay (2.34) e Arthur F. Tylee (FRIZEN JÚNIOR, 1992, p. 156). Ele é, contudo, mais conhecido como o cofundador do Summer Institute of Linguistics e da Wycliffe Bible Translators. Não são conhecidos detalhes das atividades no Brasil Central.



Figura 103 - Leonard L. Legters, Bororos Orientais pescando no Rio São Lourenço, 1926.

Fonte: National Museum of the American Indian, Washington, DC, n° P13862.

A coleção de artefatos bororo reunidos por ele em 1926, juntamente com um conjunto de 62 fotografias foi doada em 1946 ao Museu da Fundação Heye do Índio Americano, atualmente, Museu Nacional de Índio Americano, em Washington, DC, infelizmente sem qualquer documentação. Pode-se supor que a sua visita a etnia Bororo Orientais foi organizada pelo Rev. Hay, o que é mostrado em algumas das imagens (FEEST; SILVA, 2011, p. 179).

2.46 EXPEDIÇÕES EM BUSCA DO CORONEL FAWCETT

Como no caso de Guido Boggiani (item 2.15), o misterioso desaparecimento do coronel Percy Harrison Fawcett (item 2.32), que em 1925, despertou a imaginação de muitos

aventureiros, que esperavam conseguir alguma fama, caso encontrassem o coronel Percy Harrison vivo ou morto.

Francis Gow-Smith (item 2.40) e Roger Courteville (item 2.43) receberam auxílio financeiro para a publicidade para a busca frustrada de Fawcett (COURTEVILLE, 1931). Boatos surgiram sobre ele estar vivendo em uma aldeia como cativo segundo o viajante Gow-Smith (1928): “cativo numa tribo com os selvagens”.

Investigadores ainda mais incisivos, como Vincent Petrullo (item 2.51.1) foram enfáticos quando relataram que o que tinha acontecido com Fawcett, com base no que haviam ouvido entre os índios (PETRULLO, 1932b), era que durante a expedição Roncador-Xingu, de 1948, Orlando Villas Boas recebeu uma confissão de um chefe Kalapalo que tinha matado Fawcett, e em 1951, foi recuperado o possível esqueleto de Fawcett.

O Royal Anthropological Society of London, no entanto, mais tarde concluiu que os aqueles ossos não poderiam ser de Fawcett. Até os dias atuais, a história ainda inspira relatos fabulosos de escritores de todo o mundo.

2.46.1 George M. Dyott

Aventureiro anglo-americano

* 6 de fevereiro de 1883, Nova Iorque (Estados Unidos)

† 2 de agosto de 1972, Nova Iorque (Estados Unidos)

Nascido em Nova York, filho de pai britânico e mãe americana, George Dyott (Figura 104), foi criado na Inglaterra, onde se tornou um aviador pioneiro e projetista de aeronaves. Após a Primeira Guerra Mundial, tornou-se membro da Royal Geographical Society, em Londres, e em 1927, realizou uma expedição ao Rio da Dúvida, hoje Rio Roosevelt, para verificar as reivindicações feitas pelo Roosevelt-Rondon-Expedição de 1914 (ver item 2.30).

Após o fim desta investigação, ele passou a primeira grande expedição de pesquisa para o coronel Fawcett em 1928. Mais tarde, tornou-se ator de filme de Hollywood, fez uma expedição à Índia e, em meados da década de 1930, retirou-se para o Equador, onde

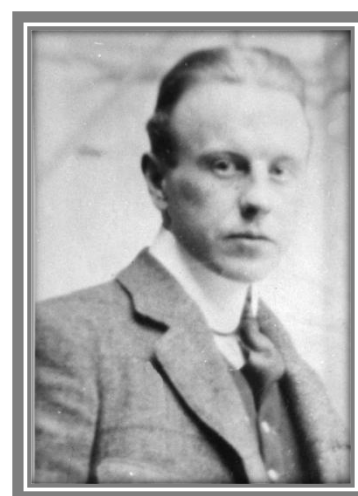


Figura 104 - George M. Dyott
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

em 1947 organizou sua expedição final, agora em busca dos tesouros dos Incas (WIKIPEDIA, 2013)⁹.

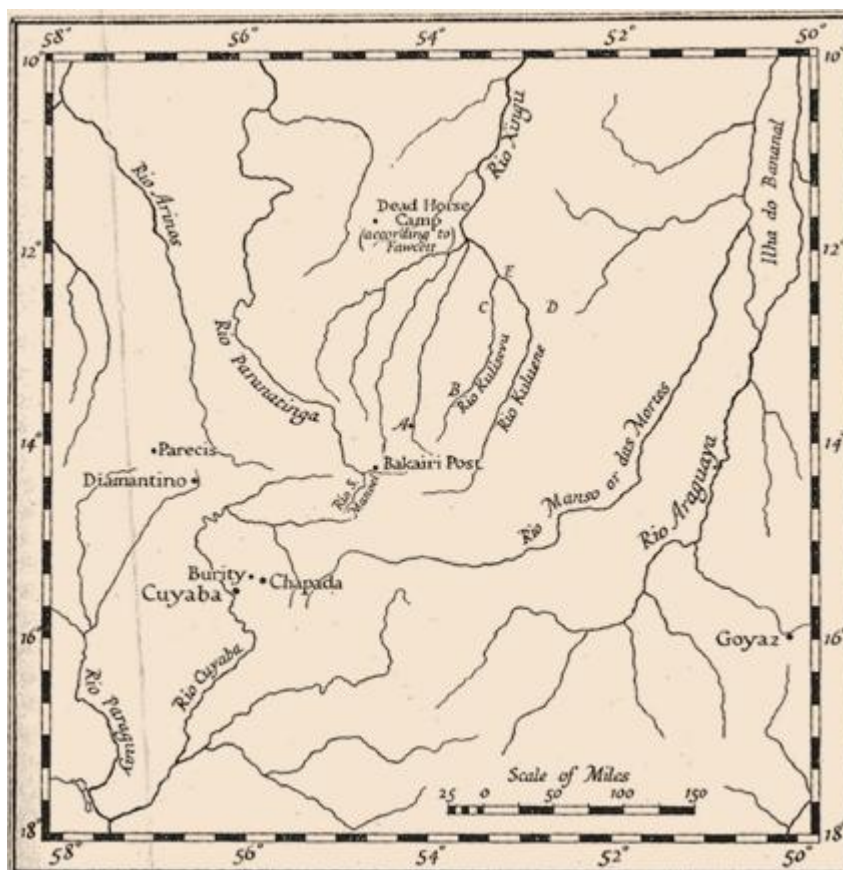


Figura 105 - Mapa da região onde o Coronel Fawcett desapareceu.

Fonte: Dyott (1929, p. 447).

Tanto a expedição ao Rio da Dúvida e da busca expedição Fawcett levaram Dyott ao Brasil Central, que teve encontros com os índios Bororo Orientais, Bakairi, Nahukuá, Kamaiurá e com outros grupos indígenas.

No livro de Dyott (1930) em sua busca por Fawcett, vários grupos indígenas foram os vilões nos dois contos de aventura: o de Fawcett e o de Dyott. Existem algumas observações de interesse etnográfico e apenas uma fotografia indígena, de crianças Kalapalo (BALDUS, 1954, p. 210). Além disso, a Royal Geographical Society publicou um relatório sucinto sobre seus esforços para encontrar Fawcett (DYOTT, 1929). O Pitt Rivers Museum, em Oxford tem uma coleção de artefatos bororo, que devem ter sido coletados por Dyott em 1927.

⁹ George Miller Dyott. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/George_Miller_Dyott>. Acesso em: 14 set. 2013.



Figura 106 - Zunidor bororo coletado por George M. Dyott. (Pitt Rivers Museum, Oxford, nº 1930.40.1.)

2.46.2 Peter Fleming

Aventureiro britânico

* 31 maio de 1907, London (Inglaterra)

† 18 agosto de 1971, Argyllshire (Escócia)

Fleming (Figura 107), o irmão mais velho de Ian Fleming, autor de “James Bond”, estudou em Eaton e Oxford e embarcou em uma carreira como jornalista e escritor de viagens. A busca da expedição Fawcett de 1932 foi a sua primeira grande expedição, que será seguido em 1930 por várias viagens para várias partes da Ásia (WIKIPEDIA, 2013)¹⁰.



Figura 107 - Peter Fleming, Roger Pettiward e outros membros da Expedição em busca do coronel Fawcett.

É possível que a busca expedição Fawcett tenha Sido organizada por Robert Churchward (item 2.46.3), que solicitou os outros membros, colocando um anúncio no *The Times* em que Fleming foi um dos que respondeu. Deixou a Inglaterra em junho de 1932, chegando a São Paulo foi para o Araguaia (uma região improvável para Fawcett ter se perdido), de onde explorações frustadas foram feitas com a ajuda de guias Tapirapé. Os viajantes finalmente foram do Araguaia a Belém e estavam de volta na Inglaterra, em novembro de 1932.

Imediatamente, após o seu regresso, Fleming publicou seu relato sobre a pesquisa, *Brazilian Adventure* (FLEMING, 1933), no qual ele critica Dyott (1930) e que contém referências à Tapirapé e Karajá (ver também BALDUS, 1954, p. 242).

¹⁰ Peter Fleming. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Peter_Fleming>. Acesso em: 25 set. 2013.

2.46.3 Robert Churchward

Aventureiro britânico

* 16 de agosto de 1907 (Inglaterra)

† 30 de abril de 1981 (Inglaterra)

Robert Churchward é o pseudônimo de escritor de Paul Rycout de Shordiche Shordiche-Churchward, um oficial do Regimento Real de Norfolk e da Guarda Coldspring e membro da Royal Geographical Society, em Londres.

A permanência no Brasil Central foi a mesmo descrito em Fleming (item 2.46.2). Devido a conflitos entre os membros da expedição, Fleming e Churchward separaram-se por algum tempo durante a expedição.

Seu livro *Wilderness of Fools* (CHURCHWARD, 1936) representa o seu ponto de vista da empresa desastrosa que administrou a expedição em busca Fawcett. Churchward voltou ao assunto em 1957, com o livro juvenil “Explorador perdido! A história do Coronel Fawcett”.

2.46.4 Roger Pettiward

Aventureiro britânico

* 25 de novembro de 1906, Stowmarket (Inglaterra)

† 19 de agosto de 1942, Dieppe (França)

Pettiward foi treinado no Eaton, Inglaterra, onde conheceu seu companheiro de viagem Peter Fleming, e passou a estudar arte nas academias de Viena e Munique. Sob o pseudônimo de “Paul Crum”, tornou-se um famoso cartunista. Ele morreu no combate durante a Segunda Guerra Mundial, em Dieppe.

Além de Fleming e Churchward, Pettiward não publicou sobre a Expedição em Busca Fawcett, mas aproveitou a oportunidade para adquirir uma pequena coleção de objetos das etnias Karajá, Tapirapé e Kayapó, que estão atualmente no Museu Britânico (nº Am1932,1111).

1931a, 1931b), já contribuíram, pelo menos marginalmente, para a etnografia e linguística do Brasil Central. Seu estudo para a Fundação Ciência Alemã em 1933-1935 lidou com questões de aculturação (um assunto desenvolvido em antropologia por seu professor Thurnwald) do Bororo e outros povos indígenas do Brasil Central, incluindo os Bororo Orientais, Terena, Tapirapé, e Karajá (BALDUS, 1931a, b, 1935, 1936, 1937a, b, 1938a, b [ver também BALDUS, 1954, n° 124-125, 128, 130, 133-135]. Algumas de suas coleções primeiras foram para o Museu de Etnologia de Hamburgo (não observado em Dorta, 1992). A localização de suas primeiras fotografias do Brasil Central é desconhecida (FEEST; SILVA, 2011, p. 181-182), mas durante este período Baldus começou a colaborar com Mario Baldi (item 2.53.) como fotógrafo (BALDUS, 1936), que mais tarde também lhe forneceu fotografias dos Tapirapé.

2.48 JEHAN ALBERT VELLARD

Antropólogo e naturalista francês

* 1901, Beja (Tunisia)

† 28 de julho de 1996, Buenos Aires (Argentina)

Nascido na Tunísia, em uma família de colonos franceses com raízes haitianas, Vellard (Figura 110), estudou medicina em Paris e com 24 anos mudou-se com sua mãe para São Paulo para trabalhar no Instituto Butantan. Ele viajou muito no Brasil e no Paraguai, onde trabalhou 1930-1932 em uma missão para o Museu de História Natural de Paris.

Mais tarde, tornou-se chefe do departamento de imunologia em Pernambuco, foi diretor do Museu Nacional em La Paz entre os anos de 1940 a 1943, e depois chefe, do departamento de zoologia, da Universidade de Tucumán (Argentina), antes de se tornar o fundador em 1948, do Institut français d'études andines em Lima; de 1947 a 1956 retornou como diretor do Museu de História Natural. Faleceu em Buenos Aires, onde também dirigiu o Museu de História Natural (DOLLFUS, 1996).



Figura 110 - Jehan Albert Vellard.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 111 - Mapa da região Araguaia.

Fonte: Vellard (1935, p. 35).

Depois de prosseguir a investigação independente entre os Karajá em 1929 durante uma viagem de Belém até o Araguaia juntou-se a Missão de Claude e Dina Lévi-Strauss, em seu trabalho de campo em Mato Grosso entre os anos de 1936 e 1938.



Figura 112 - Jehan Albert Vellard, Índios Karajá em frente da missão da Conceição do Araguaia.

Fonte: Vellard (1935, p.305, fig. 15).

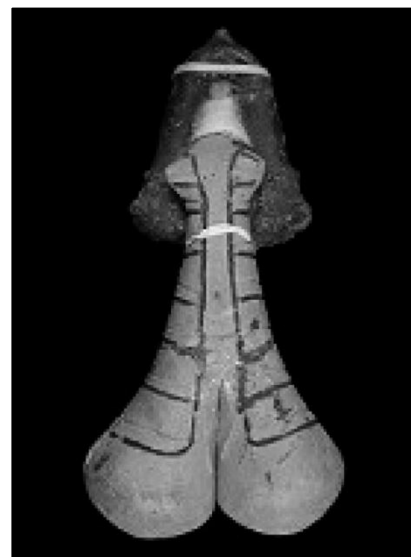


Figura 113 - Boneca karajá (*litcoko*) coletada por Vellard.

Fonte: Musée du quai Branly, Paris, n° 71.1930.32.238.

Vellard coletou objetos das etnias Karajá e Kayapó para o Musée de l'Homme, em Paris, agora no Musée du quai Branly (DORTA, 1992, n° 117, 118).

Um pequeno grupo de fotografias Nambikwara também está no Musée du quai Branly, mas o paradeiro de suas fotografias Karajá, utilizado na publicação descrevendo sua viagem no Araguaia (VELLARD, 1935) é desconhecido. Suas outras publicações incluem um estudo sobre o uso de curare entre os Nambikwara (publicado em francês e Português, VELLARD 1939a, b) e venenos dos peixes na América do Sul, incluindo os dados com base em suas próprias observações entre os Karajá, Kayapó, Paresi, e Nambikwara (VELLARD, 1941, 1942).

Baldus (1954, p. 743-745) elogia o seu trabalho sobre venenos, mas critica Vellard nos erros da sua descrição do Karajá.

2.49 ALOHA WANDERWELL

Aventureira e cineasta norte-americana

* 13 de outubro de 1906, Winnipeg, Manitoba (Canadá)

† 4 de junho de 1996, Newport Beach, Califórnia (Estados Unidos)

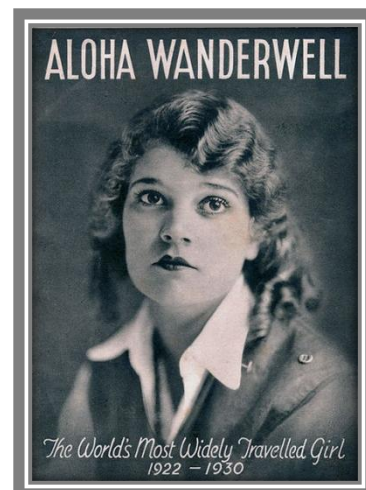


Figura 114 - Aloha Wanderwell.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Arquivo.

Idris Galcia Hall (Figura 114) nasceu no Canadá, mas durante a Primeira Guerra Mundial, mudou-se para a Europa, onde foi educada na Bélgica e França. Em 1922, quando tinha 16 anos, conheceu o aventureiro Walter Wanderwell em uma viagem ao redor do mundo de carro e casou-se com ele após seu retorno, em 1925, nos Estados Unidos. Juntos, eles continuaram viajando, conheceram a África, Ásia e América do Sul, Aloha atuava como cineasta. Depois que seu marido foi assassinado em 1932, ela casou-se com o cinegrafista Walter Baker e continuou fazendo filmes sobre suas viagens.¹¹

Em 1930, Walter Wanderwell e Aloha vieram para o Brasil, com o objetivo de uma expedição ao “desconhecido” Bororo. A partir de uma base em Descalvados acampamento próximo a Cuiabá, Aloha viajou com o avião fornecido pelo general Rondon para conhecer a alderia Podore dos Bororo Orientais.

Em seu filme “O Último dos Bororos” (1930-1931), ela se apresenta como uma aventureira americana, apresentando a primeira expedição com Rondon. Há também muitas (mesmo que às vezes desorganizadas) informações etnográficas (dança pintura de rosto, fazendo fogo, as mulheres usando uma argamassa etc.).

Os “desconhecidos” Bororo mostraram a arte de fazer cinema desde Luiz Thomaz Reis que filmou entre os Bororo para na Comissão Rondon (TACCA, 2002; CUNHA, 2006).

¹¹ Texto sobre Aloha Wanderwell. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Aloha_Wanderwell>. Acesso em: 2 set. 2013.

2.50 ELIZABETH K. STEEN

Artista e antropóloga norte-americana

* 1886 (Iowa, Estados Unidos)

† 12 de julho de 1938, Loma Linda, Califórnia (Estados Unidos)



Figura 115 - Elizabeth K. Steen.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Elizabeth Steen (Figura 115) cresceu em Knoxville (Iowa, Estados Unidos) cursando a faculdade em Andrews University (uma escola Adventista do Sétimo Dia, em Berrien, Michigan). Ela lecionou desenho na Universidade Andrews, e mais tarde em High School de San José, na Califórnia, depois de uma visita ao Novo México no início de 1920 despertou seu interesse em antropologia e índios. Após graduar-se em 1926 pela Universidade de Columbia, em Nova York, onde estudou antropologia com Franz Boas, fez uma excursão para a Europa e para o Brasil, que dentre outros, teve como propósito visitar seu irmão que estava morando em São Paulo. Elizabeth continuou seu estudo de antropologia da Universidade na Califórnia (com Alfred Kroeber) e fez alguns cursos na Universidade de Chicago (com A. R. Radcliffe-Brown). Devido a problemas de saúde e financeiros, ela não conseguiu terminar seus estudos antes da sua morte, aos 52 anos (<http://www.karenmcintyre.com/steenindex.htm>. Acesso em: 13 de setembro de 2013).

Entre 1930 e 1935, Steen esteve em três expedições, tendo contato com os índios Karajá e Tapirapé, principalmente para estudar as pinturas corporais desses povos.

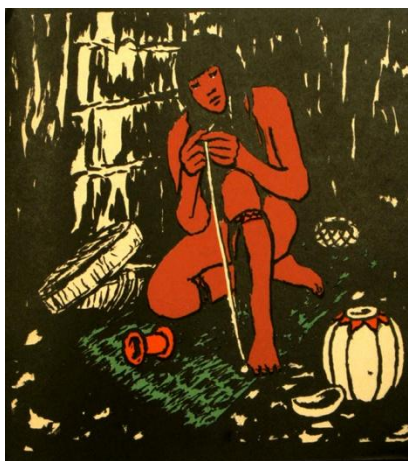


Figura 116 - Elizabeth K. Steen, Ilustração de *Red Jungle Boy*.

O seu trabalho de campo foi relatado numa popular revista para mulheres (STEEN, 1931). Mas ela escreveu *Red Jungle Boy* (STEEN, 1937), um livro infantil ilustrado por ela com tema karajá, sendo este elogiado pelo seu professor, Alfred Kroeber, como um bom trabalho de etnografia e por Franz Boas, que escreveu o prefácio. Steen também fez fotografias e disparou mais de 1500 metros de filme de 35 mm, os quais infelizmente perderam-se. Ela foi convidada para fazer a coleção etnográfica do Museu University na Filadélfia, mas por uma crise financeira, o museu não foi capaz de pagar suas custas. A coleção (que consiste em aproximadamente 130

objetos Karajá e Tapirapé) foi comprada por George Heye e hoje está armazenada no Museu Nacional dos Índios Americanos, em Washington.

Steen não é mencionado por Baldus. Karen McIntyre reuniu grande parte do material disperso sobre esta antropóloga quase esquecida. Existe um site dedicado a Elizabeth Steen¹². Infelizmente, McIntyre não é pesquisadora e a documentação de seus dados não é de cunho científico.

2.51 EXPEDIÇÃO MATO GROSSO DO MUSEU DA UNIVERSIDADE DE FILADÉLFIA

Em 1930, um grupo de aventureiros ricos da Filadélfia, liderado por Vladimir Perfilieff (item 2.51.3), surgiu com a ideia de uma expedição para o interior de Mato Grosso, a fim de “criar um registro científico da vida em geral, das pessoas que ali viviam, dos animais e seu habitat como um todo, oferecendo às pessoas em geral, a oportunidade de conhecer as emoções vividas por eles, tais como a caça de animais “exóticos”. Um dos objetivos era explorar o equipamento profissional de cinema para documentar “a vida nativa, costumes, línguas e música”, eles convidaram Floyd Delafield Crosby (item 2.51.2), um cineasta de sucesso de Hollywood, para se juntar a eles, e também contrataram o cameraman Arthur P. Rossi. Outro membro da expedição, Fenimore Johnson, filho de Eldridge Reeves Johnson, fundador do Victor Record Company e um dos colaboradores do Museu Universitário da Filadélfia, sugeriu que o jovem antropólogo Vincent M. Petrullo (item 2.51.1) acompanhasse o grupo, cujo objetivo era realizar o trabalho de campo etnográfico e coletar alguns objetos do Alto Xingu para o museu.

A Academia de Ciências Naturais da Pensilvânia foi representada pelo naturalista James A. G. Rehn. David Newell, um escritor e jornalista, que foi como correspondente do diário de campo e Stream para promover a publicidade da expedição.

O único membro da expedição com conhecimento da região tropical da América do Sul, foi o caçador Sasha Siemel (item 2.51.4).

¹² Disponível em: <<http://www.karenmcintyre.com/steenindex.htm>>. Acesso em: 10 set. 2013.

Perfilieff foi “responsável” pela expedição quando os viajantes, vindos de Assunção, chegaram em março de 1931, em Corumbá e foram direto para o acampamento Descalvados, o percalço desta expedição foram as chuvas torrenciais e a dificuldade para obter a permissão do governo brasileiro para avançar para o Alto Xingu. Eldridge Johnson forneceu-lhes um avião para chegar até onde se encontrava Marechal Rondon. Em junho de 1931, Petrullo e Rossi passaram por um breve período visitando o Alto Xingu, o restante do grupo foi à aldeia Bororo de Córrego Grande, no Rio São Lourenço, para usar os equipamentos profissionais (câmera, filme de 35 mm e som) de Victor Company vindos Hollywood.

Eles obtiveram cerca de 300 objetos etnográficos (a maioria sem documentação apropriada; ver REINA e KENSINGER, 1991). Petrullo voltou à Filadélfia, em setembro de 1931, os outros voltaram em novembro (PEZZATI, SA).

2.51.1 Vincent M. Petrullo

Antropólogo italo-norte-americano

* 2 de janeiro de 1906 (Itália)

† 23 de fevereiro de 1991, Filadélfia, Pensilvânia (Estados Unidos)



Figura 117 - Vincent M. Petrullo.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Nascido no sul da Itália, Vincenzo Petrullo (Figura 117) foi para os Estados Unidos com seus pais em 1913. Estudou antropologia na Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, fez trabalho de campo e escreveu sua tese de doutorado sobre a religião do peiete entre os Delaware (*The Diabolic Root*, 1934). Sua participação na expedição de Mato Grosso foi de interesse pela América do Sul, onde voltou a fazer trabalho de campo entre o Yaruro na Venezuela em 1933 e entre os Guajiro na Colômbia, em 1935.

Em 1931, Vincenzo Petrullo, trabalhou para o Museu Universitário da Filadélfia, veio para o Brasil a fim de realizar trabalhos de campo nas áreas de Etnografia e Arqueologia em Mato Grosso. Uma vez que ele teve conhecimento do trabalho etnográfico realizado pelos Salesianos, fez uma curta visita aos Bororo Orientais na Colônia Córrego Grande e também

viu um grupo de remanescentes Bororo da Campanha em Laguna perto de Cáceres. (PETRULLO, 1932a).



Figura 118 - Mapa do Mato Grosso da expedição de Museu Universitário de Filadélfia.

Fonte: Petrullo (1932a).

Antes da Segunda Guerra Mundial, trabalhou para programas de obras públicas do governo dos EUA, durante a guerra como um agente para o Escritório de Serviços Estratégicos dos EUA, no México e na Itália, ensinou em diversas universidades por breves períodos de tempo, e trabalhou como antropólogo aplicado para organizações empresariais.

Petrullo foi acompanhado pelo jornalista e autor David M. Newell, e não é totalmente clara a informação que Petrullo fez imagens bem como produziu um filme sonoro das danças bororo. Talvez por este motivo, as imagens dos Bororo Orientais são largamente retratadas com fotos de casas e homens com arcos e flechas, incidem sobre a cultura

tradicional e dificilmente apresentam qualquer influência ocidental. Ele apresenta em seu relatório publicado, imagens de uma dança do couro da onça.

Recolheu alguns objetos e, finalmente, visitou o Yawalpiti, Wauja, Mehinaku, Bakairi, Kuikuro, Kalapalo, Kamaiurá e no Rio Kuluene e Rio Kuliseu.

Petrullo publicou um relato dos resultados antropológicos da expedição (1932) e escreveu um livro de memórias pessoais inédito sobre o assunto em 1940. Ele também contribuiu para a discussão sobre o destino do coronel Fawcett (PETRULLO, 1932). Era (junto com Arthur Rossi), o autor ou coautor de fotografias e filmes feitos sobre o Alto Xingu, as contribuições individuais são difíceis de avaliar, uma vez que o material estava no final dos catálogos como sendo produzidos pela “Matto-Grosso Expedition”.

Isso também é verdade para os objetos coletados e agora no Museu Universitário da Pensilvânia, embora os objetos etnográficos Bororo da Campanha e do Alto Xingu tenham sido coletados principalmente por ele (cerca de 300), enquanto que os objetos do Bororo Orientais foram coletados por outros, pois, Petrullo nunca foi para o Rio São Lourenço, mas todos os objetos foram atribuídos a Petrullo (DORTA, 1992, p. 520).

Os documentos de arquivos relativos à expedição estão preservados no Museu Universitário da Pensilvânia¹³.

Os escritos de Petrullo são baseados apenas em visitas curtas, em vez de trabalho de campo estendido, eles tendem ser um pouco superficiais (BALDUS, 1954, p. 538). Suas extensas coleções nunca foram estudadas profundamente.

2.51.2 Floyd Crosby

Cineasta norte-americano

* 12 de dezembro de 1899, West Filadélfia, Pensilvânia (Estados Unidos)

† 30 de setembro de 1985, Ojai, Califórnia (Estados Unidos)

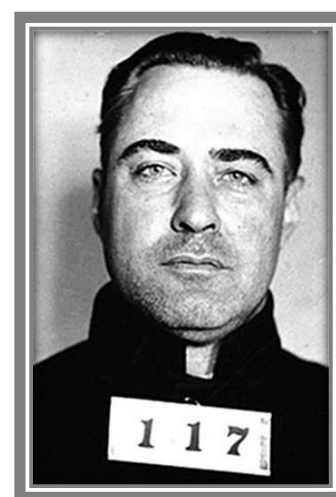


Figura 119 - Floyd Crosby
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Floyd Crosby (Figura 119) era um cineasta de Hollywood, que no decorrer de sua carreira, produziu mais de

¹³Ver documento “Vincenzo Petrullo expedition records”, 2010. Disponível em: <http://dla.library.upenn.edu/dla/ead/ead.pdf?id=EAD_upenn_museum_PUMu1126>. Acesso em: 13 set. 2013.

uma centena de documentários. Um dos seus primeiros grandes filmes foi *Tabu*, um filme com base etnográfica, filmado na Polinésia e dirigido pelo cineasta alemão F. W. Murnau, pelo qual em 131, recebeu o prêmio da Academia (Oscar). Esta premiação fez dele a escolha ideal para dirigir os filmes da expedição do Mato Grosso. Mais tarde, ele esteve envolvido em filmes de sucesso como “O Velho e o Mar” e “*High Noon*”.

Crosby trabalhou tanto como cinegrafista como fotógrafo na expedição de Mato Grosso para o Museu Universitário da Filadélfia.

Embora contratado como cinegrafista, Crosby tornou-se o diretor dos filmes produzidos durante a expedição. Seu documentário *Mato Grosso, a Grande Floresta brasileira* foi lançado em 1933, mais tarde foi esquecido até ser restaurado e republicado pelo Museu Universitário da Filadélfia em 2009. O curta-metragem, *The Hoax* (1932), é o relato bem-humorado de um menino Bororo que desejava mostrar suas habilidades como caçador. Vários filmes foram produzidos em 1941 a partir do material bruto que estava acondicionado no arquivo do Museu Universitario da Filadelfia.

Povos primitivos de Mato Grosso: Os Bororo e Povos primitivos de Mato Grosso: Xingu (NEMETH, 1941a, b) são filmes educativos com um texto, com uma carga preconceituosa escrito por Vincenzo Petruzzo, inclui cenas entre os Bororo da Campanha e Bororo Orientais. *Cenas* (CROSBY, 1941a) que reúnem danças dos Bororo Orientais e do povos do Alto Xingu (CROSBY, 1941b) oferecem importantes imagens de trabalhos arqueológicos de Petruzzo.

Uma pesquisa recente mostrou algumas das fotografias tiradas na expedição foram feitas por Crosby, ao invés de David Newell (FEEST; SILVA, 2011, p. 180-181) ou Arthur Rossi (A. PEZZATI, comunicação pessoal, 2011).

Muito deste material não foi utilizado, bem como fotografias que ainda precisam ser pesquisadas nos arquivos do Museu Universitário da Filadélfia.

2.51.3 Vladimir Perfilieff [PERFILIEV]

Artista russo-norte-americano

* 20 de dezembro de 1895 (Rússia)

† 11 de maio de 1943, Hollywood, Califórnia (Estado Unidos)

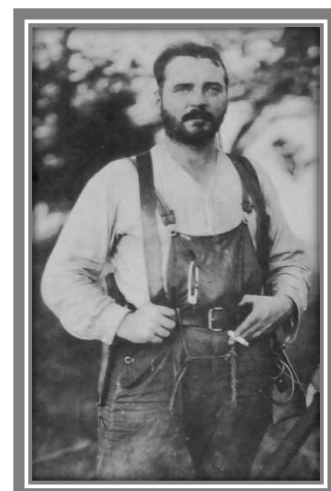


Figura 120 - Vladimir Perfilieff
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Perfilieff (Figura 120) emigrou da Rússia para os Estados Unidos e se estabeleceu em Princeton, New Jersey, para continuar sua formação como pintor de paisagens. Foi membro do Clube dos Exploradores, em Nova York e fazia parte do grupo de aventureiros ricos.



Figura 121 - Vladimir Perfilieff pintando Bororos em Corrego Grande, 1931.

Fonte: Museu Universitário de Filadélfia, arquivo, neg. n° 25668.

Perfilieff serviu como “líder” da expedição de Mato Grosso, em 1931.

Existe uma fotografia nos arquivos do Museu Universitario da Filadélfia mostrando Perfilieff pintando os índios Bororo Orientais. Infelizmente, nenhuma de suas pinturas foi encontrada.

2.51.4 Sasha Siemel

Caçador e aventureiro letão-norte-americano

* 1890, Riga (Letônia)

† 1970, Montgomery County, Pensilvânia (Estados Unidos)

Siemel (Figura 122) emigrou para os Estados Unidos com 17 anos, mas logo se mudou para a Argentina e, em 1914, para o Brasil, onde trabalhou como soldado em campos da mineração em Mato Grosso. De acordo com seu próprio relato, ele aprendeu a técnica de caçar onças com lança com índios Guató e se tornou um caçador de fazendeiros locais, nas expedições de Mato Grosso e Bolívia, trabalhou como guia, caçador e como coletor de espécimes zoológicas para os museus.

Siemel alega ter matado mais de 300 onças com lança, que lhe valeu o nome de “caçador de onças”. Sua primeira biografia foi escrita por Julian Duguid (1932), um ex-

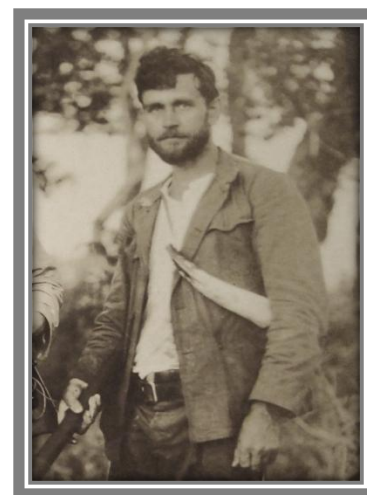


Figura 122 - Sasha Siemel.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

companheiro de viagem, com base em entrevistas com Siemel quando estava na expedição de Mato Grosso, no acampamento Descalvados em 1931.

O livro fez dele uma celebridade e palestrante de âmbito internacional. Ele desempenhou o papel de “caçador de onças” na série *Wild Menace* (1937), de Van Dorn que em 1946 foi transformado em filme. Em 1947 ele se mudou de Mato Grosso para os Estados Unidos, abrindo seu próprio museu em Perkinsvill, Pensilvânia, e continuou a guiar caçadores para o Pantanal.



Figura 123 - Mapa mostrando as viagens de Sasha Siemel
Fonte: Duguid (1932).

Siemel residiu em Mato Grosso durante a maior parte do tempo entre 1914 e 1947. Em 1931, ele foi contratado para acompanhar a expedição de Mato Grosso. Suas viagens antes de 1931 são mostradas em um mapa no Duguid (1932).

Devido seu conhecimento local, ele estava entre os membros das expedições que recolheram objetos etnográficos dos índios Bororo Orientais para o Museu Universitário, na Filadélfia.

Em 1937, certamente vendeu coleções etnográficas (Bororo Orientais, Guató, Kadiwéu e Guaná) para George Heye, que agora estão no Museu Nacional do Índio Americano, em Washington.

Siemel foi também fotógrafo (DUGUID, 1932), mas nenhuma de suas fotos foram identificadas sendo ele o fotógrafo. Alguns de seus trabalhos estão preservados na Biblioteca (Special Collections) de Bryn Mawr College, Pensilvânia (PEZZATI; SUTTON, 2009, p. 9).

2.52 TIHAMÉR SZAFFKA

Químico e alpinista húngaro

* 1890, (Hungria)

† Desconhecido

Quando jovem, estudou para se tornar um químico, Szaffka também desenvolveu uma paixão por escalada de montanha tornando-se um alpinista proeminente. Fez doutorado na Universidade de Budapeste. Serviu na artilharia durante a Primeira Guerra Mundial, foi prisioneiro de guerra e deportado para a África.

Depois da guerra, ele se juntou à Legião Estrangeira francesa, na qual atuou por cinco anos. Quando ele retornou foi incapaz de encontrar um emprego como químico e em 1928, emigrou para a América do Sul. Em 1931, cruzou a Cordilheira dos Andes entre Bolívia e Peru a pé.

Depois de 1931, ele deve ter viajado para o Brasil, já que em 1936 e 37, publicou um relato de suas viagens no Brasil Central em um jornal alemão, em Buenos Aires.

Além destes relatos (SZAFFKA, 1936-1937), narra sobre uma viagem em que viu a confecção de barcos pelos índios “Chavantes” do Rio das Mortes (SZAFFKA, 1942) e pode ser baseado na mesma expedição.

Baldus comenta (1954, p.708) favoravelmente sobre sua descrição de barcos, ao criticar Szaffka por suas conclusões histórico-culturais. Não tendo conhecimento de publicação anterior do Szaffka.

2.53 MARIO BALDI

Fotógrafo austro-brasileiro

* 18 de janeiro de 1896, Salzburgo (Áustria)

† 1957, Tapiitawa, MG (Brasil)

Baldi (Figura 124) nasceu de uma família de fotógrafos em Salzburgo e foi capaz de praticar suas habilidades com a idade de 18 anos, quando se alistou no exército austríaco no início da Primeira Guerra Mundial tornando-se fotógrafo militar numa base da Polônia. Após o fim da guerra, em 1921 Baldi juntou-se ao seu irmão para uma expedição ao Brasil. Depois de trabalhar em diversas funções, em 1925, Baldi, foi contratado pelo neto de Dom Pedro II como fotógrafo e secretário particular e acompanhou-o em suas viagens por todo o Brasil. Depois de passar alguns anos na Europa 1933-1937, voltou ao Brasil e tornou-se uma figura importante na ascensão do fotojornalismo brasileiro, ao mesmo tempo, desenvolveu um grande interesse pela população indígena. Faleceu e foi enterrado em 1957 entre os Tapirapé em Mato Grosso (LOPES; FEEST, 2009; WEINKAMER, 2009).

Em 1933, com a Congregação Salesiana no Brasil Baldi foi contratado para produzir um filme sobre as missões Salesianas entre os Bororo, que ele fez em 1933 /4. Baldi voltou para o Bororo em 1936, em uma excursão com Dom Pedro sobre a qual também foi feita uma visita aos índios Karajá. Visitou os Karajá novamente em 1938, em conexão com um projeto de filme do cineasta sueco-brasileiro Doralice Avelar, e novamente em 1946/7. Em 1943, participou da expedição Roncador-Xingu dos irmãos Villas-Bôas e também começou a trabalhar entre os Tapirapé (FEEST; SILVA, 2009; WOLF, 2009).

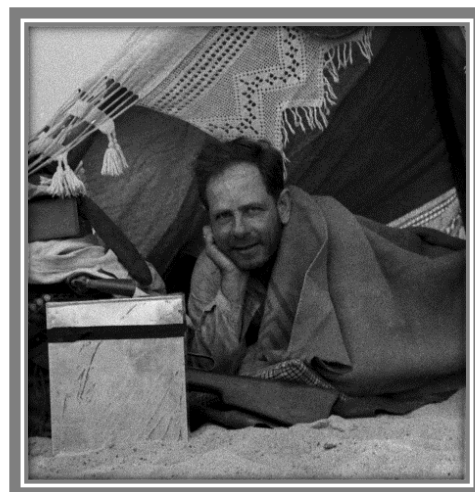


Figura 124 - Mario Baldi.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

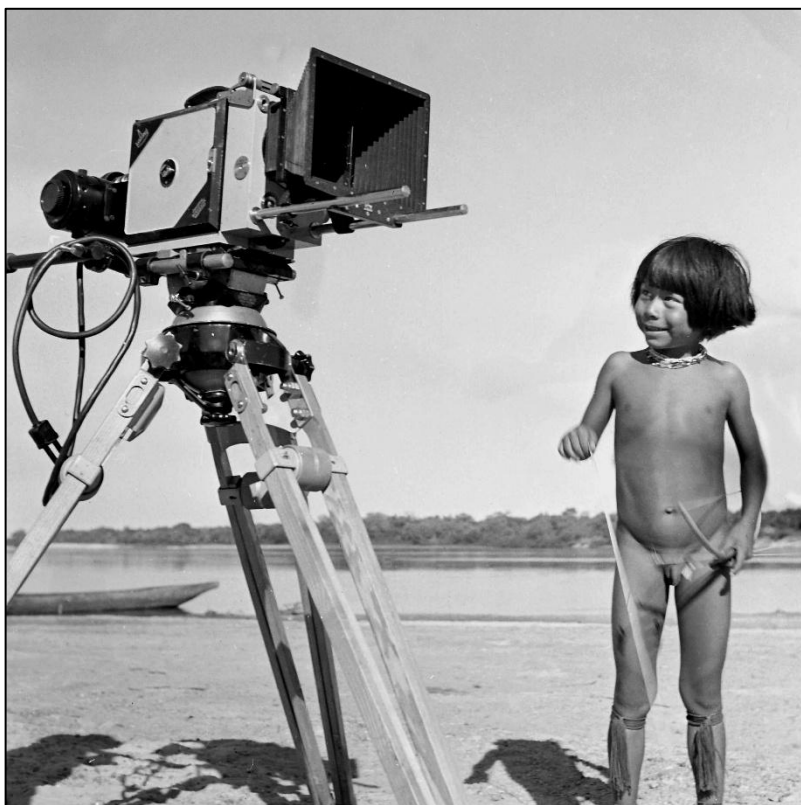


Figura 125 - Mario Baldi, “Que coisa estranha!” Um menino carajá [Uoni-Uoni] observando uma câmera filmadora. Ilha do Bananal, 1938.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, n° Baldi 04923.

Além de seu livro juvenil *Uoni-Uoni* (1950, também traduzido em alemão), que conta a história de um menino Karajá, escreveu numerosos artigos que tratam de índios do Brasil Central para revistas no Brasil e da Europa.

Em relação ao seu filme sobre os índios Bororo, até agora não foi encontrado, suas fotografias estão preservadas no Museu de Etnologia, em Viena e todos os seus negativos no Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Teresópolis, RJ.

Algumas das suas fotografias foram utilizadas em livros do Herbert Baldus sobre os índios Tapirapés. Seu trabalho como fotógrafo etnográfico é discutido em Feest e Silva (2009) e Wolf (2009). Sua coleção etnográfica de mais de 300 objetos dos índios Tapirapé e Karajá também está no museu em Viena (não mencionado por DORTA, 1992).

2.54 RAYLIANE DE LA FALAISE

Autora e aventureira francesa

* 1908

† desconhecido

Rayliane de la Falaise (Figura 126) era uma autora francesa, que em 1933 publicou *Les Nuits secrètes de Constantinopla* (GALLINEAU, 1933). Em 1938, enquanto no Brasil, casou-se com Richard Gabriel Rene de la Falaise, Conde de la Falaise (1910-1945), membro de uma família aristocrática proeminente irmão mais novo do cineasta francês e marido da estrela de Hollywood Gloria Swanson, Henri de la Falaise.

Seu marido era um membro da resistência francesa contra a ocupação nazista da França e morreu em um campo de concentração alemã. Pouco se sabe sobre a vida depois de Rayliane, exceto que ela foi coautora de um outro livro em 1952.

Em 1935, Rayliane e Richard de la Falaise vieram para o Brasil e empreenderam uma viagem de aventura até o Araguaia, passado algum tempo com os Karajá e Tapirapé. Depois do casamento, o casal passou algum tempo em 1938, em Belém, antes de voltar para a França.

O suporte para a expedição veio da revista *Miroir du Monde*, que encomendou uma dúzia de artigos sobre suas experiências. Estes podem ter formado a base para seu livro (Falaise, 1939), no qual ela descreve a viagem do Rio de Janeiro para Leopoldina e Conceição do Araguaia, o que levou alguns meses, embora o título do livro sugira que passou três anos entre os índios do Brasil Central. O livro, cuja tradução alemã foi publicada em 1945, retrata os índios Karajá como problemáticos, por outro lado, fantasia uma vida tranquila entre os Tapirapé. Ele é ilustrado com algumas imagens de Karajás e Tapirapés, provavelmente tiradas por Richard de la Falaise [Imagem]. Em um livro posterior (FALAISE; CORDELIER, 1952) sobre a magia e contos de índios da América Latina, ela também se refere a suas experiências no Brasil Central.

Baldus (1954, p. 224-225), que conheceu o casal entre os Tapirapé, em agosto de 1935, diz que “descreveu bem certos Aspectos do Araguaia e de seus habitantes”, mas que as suas observações a respeito do Tapirapé “São, em grande parte, meras fantasias”.

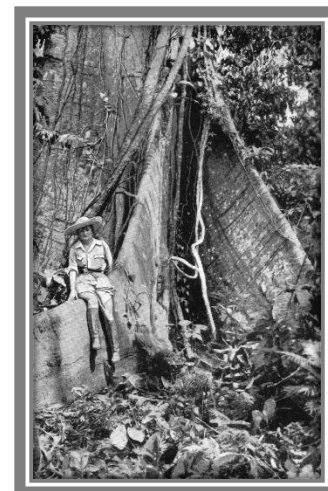


Figura 126 - Rayliane de la Falaise.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

2.55 MISSÃO CLAUDE E DINA LÉVI-STRAUSS

Em 1935, o governo francês, como parte de um intercâmbio cultural com o Brasil, desde que a antropóloga Dina Lévi-Strauss e seu marido Claude lecionassem antropologia e sociologia como professores visitantes na USP. No período 1935-1938, o casal empreendeu trabalho de campo conjunto entre os Kadiwéu, Bororo Orientais, Nambikwara e (Tupi-) Kawahib

2.55.1 Claude Lévi-Strauss

Antropólogo francês

* 28 de novembro de 1908, Bruxelas (Bélgica)

† 30 de outubro de 2009, Paris (França)

Claude Lévi-Strauss (Figura 127) nasceu na Bélgica de pais franceses e cresceu em Paris, onde estudou direito e filosofia na Sorbonne e, posteriormente, tornou-se um professor da escola. Sua participação na Missão Claude e Dina Lévi-Strauss, transformou-o em um antropólogo, embora tenha sido suas contribuições teóricas, em vez de seu trabalho etnográfico que fez dele um dos antropólogos mais influentes da segunda metade

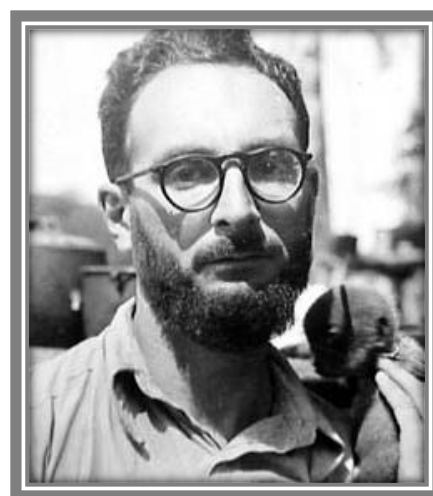


Figura 127 - Claude Lévi-Strauss.
Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.



Figura 128 - Claude Lévi-Strauss, Vista da aldeia bororo Quejare, 1935.

Fonte: Musée du quai Branly, Paris, n° PP0002065.

do século XX. Brasil Central, no entanto, aparece como destaque em seus escritos.

Durante o período da ocupação nazista alemã da França, Lévi-Strauss viveu no exílio nos Estados Unidos, mas depois da guerra voltou para Paris, onde ensinou no Collège de France e viveu até os 101 anos de idade.

Seu livro, “Tristes Trópicos”, foi publicado 20 anos depois de ele ter vindo ao Brasil (LÉVI-STRAUSS, 1955,

1957), e já é mais um reflexo de suas experiências do que um mero relatório diário. Foi precedido e seguido por uma série de relatórios etnográficos, lidando principalmente com questões de organização social e os sistemas de crenças dos Bororo Orientais, Nambikwara e Kawahib (LÉVI-STRAUSS, 1936, 1942, 1943, 1944, 1946, 1948, 1949, 1950, 1958, 1963, 1964 [BALDUS, 1954, n° 853-855, 857-859, 861, 863, 2338, 2341-2343]). A autoria exata das fotografias, dos dois filmes etnográficos importantes sobre os Bororo e as coleções etnográficas feitas pela missão conjunta de Claude e Dina Lévi-Strauss não foi totalmente esclarecida e pode melhor ser considerada como trabalho coletivo. Enquanto Claude Lévi-Strauss, aparentemente, manteve os negativos das fotografias, um conjunto de 136 cópias foi depositado no Musée de l'Homme (hoje Musée du quai Branly), em Paris, os filmes foram recuperados e restaurados na Cinemateca Brasileira em São Paulo, as coleções etnográficas foram divididas entre o Musée de l'Homme e o Museu Paulista (hoje Museu de Arqueologia e Etnologia/USP), com cerca de 800 objetos indo para Paris e cerca de 400 para São Paulo (DORTA, 1992, p. 518, n° 138). Nas fotografias Lévi-Strauss (FEEST; SILVA 2011, p. 187-188).

2.55.2 Dina Lévi-Strauss (DREYFUS)

Antropóloga francesa

* 1 de fevereiro de 1911, Milano (Itália)

† 25 de fevereiro de 1999, Paris (França)

Nascida na Itália, Dina Dreyfus (Figura 129) chegou a Paris, quando tinha 13 anos de idade. Estudou na faculdade de filosofia da Sorbonne, onde se especializou em Antropologia. Em 1932 ela casou-se com o filósofo Claude Lévi-Strauss.

Em 1935, executaram a Missão francesa e, juntos, realizaram o trabalho de campo com as etnias Kadiwéu, Bororo, Nambikwara, mas em 1938, devido a uma infecção nos olhos, retornou a São Paulo.

Ela ensinou antropologia no recém-criado Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e, em 1936, juntamente com Mário de Andrade foi fundamental na fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore.



Figura 129 - Dina Lévi-Strauss.

Fonte: Museu de Etnología, Viena, Arquivo.

Claude e Dina Lévi-Straus se separaram em 1939, e depois do seu divórcio, em 1945, ela voltou a usar seu nome de solteira Dreyfus. Enquanto seu Lévi-Strauss empenhava-se mais na Antropologia, Dina Dreyfus desistiu da Antropologia para ensinar filosofia (SAINT-SERNIN, 1989, SPIELMANN, 2003; ver também BORGES, 2003).

O seu trabalho no Brasil Central é inseparável do trabalho de Claude Lévi-Strauss (item 2.55.1).

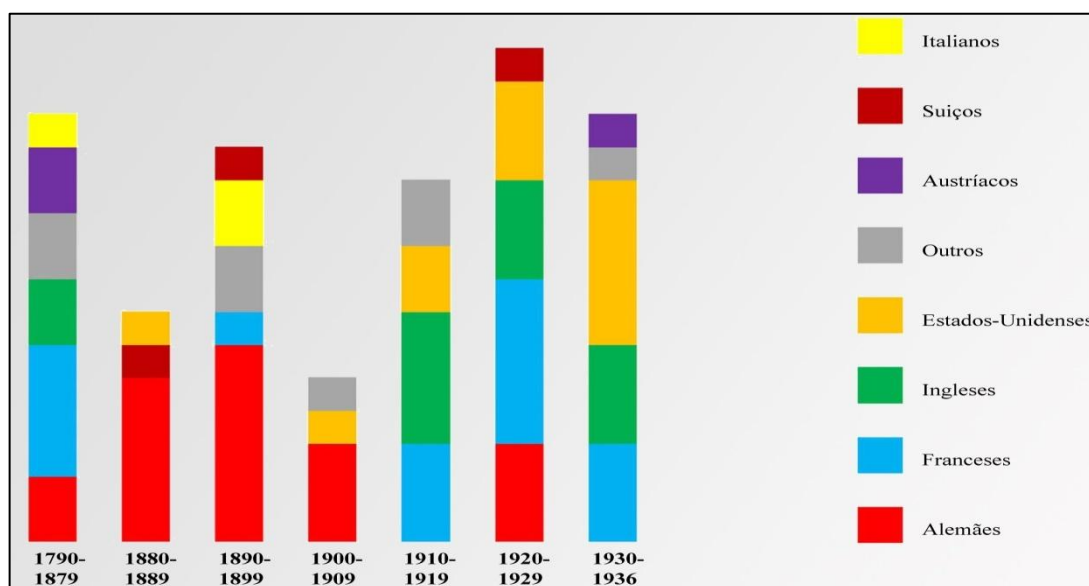
Apesar de todo o trabalho de campo ter Sido feito em conjunto, Dina, obviamente, teve um papel importante, não só na coleta de objetos etnográficos, como na fotografia e no cinema da expedição, ela nunca publicou nada sobre sua pesquisa no Brasil. O marido dela a menciona apenas uma vez em sua obra “Tristes Trópicos” (1955) e não a menciona em “Saudades do Brasil” (1994) (SPIELMANN, 2003).

3 OS VIAJANTES E INVESTIGADORES: PERSPECTIVAS COMPARATIVAS

Os dados descritos no capítulo 2 não só apresentam uma visão geral das fontes de viajantes e pesquisadores não brasileiros na etnografia histórica do Brasil Central (ver capítulo 4), bem como oferecem a base para perspectivas comparativas sobre os viajantes e pesquisadores, que por sua vez podem ajudar a explicar algumas das questões relativas.

Algumas das questões básicas, portanto, só serão discutidas de forma resumida, ao passo que a pergunta específica sobre os viajantes será tratada mais detalhadamente como um exemplo para o potencial explicativo de tais abordagens comparativas.

Quadro 3 - Período de permanência dos viajantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma vez que os dados no capítulo 2 foram apresentados em uma ordem cronológica, torna-se rapidamente evidente que o número de turistas estrangeiros no Brasil Central aumentou drasticamente no decorrer das décadas. A “Viagem Philosophica” de Alexandre Rodrigues Ferreira foi um empreendimento pioneiro, que antecedeu todas as outras viagens por mais de duas décadas.

A sua natureza excepcional é explicada pelo fato de que era uma expedição de portugueses durante um período de tempo em que foi proibida a exploração “científica” no Brasil. Nos últimos anos antes da independência, as viagens por Wilhelm Ludwig von Eschwege e Auguste de Saint-Hilaire fornecem evidência para uma tendência de crescimento lento da coroa Portuguesa para fazer uso do conhecimento de especialistas estrangeiros, como o mineralogista Eschwege, para coletar informações sobre os recursos naturais oferecidos pelo Brasil. Estes viajantes também apresentam o papel que, especialmente os alemães e os franceses fariam na exploração do Brasil Central.

Das duas grandes expedições no Brasil Central na década de 1820, a expedição austríaca teve suas origens antes da independência, mas graças aos esforços pessoais de Johann Natterer continuou até 1830. Enquanto Johann Emanuel Pohl também contribuiu para o melhor conhecimento do Brasil Central e seus povos indígenas, o sucesso final da expedição foi o resultado de energia incansável de Natterer, que desencadeou mais a busca pelo conhecimento científico do que pela curiosidade da Áustria sobre a economia potencial do país, onde a filha do imperador austríaco tinha casado com o futuro imperador do Brasil.

Natterer insistiu em viajar sozinho, não aceitando o convite de Georg Heinrich von Langsdorff para se juntar à expedição russa, que findou prematuramente devido a doenças, acidentes e aos problemas decorrentes de tantos viajantes com interesses divergentes, viajando juntos.

A expedição Castelnau da década de 1840 se assemelha em alguns aspectos, aos esforços de Natterer. Francis de La Porte de Castelnau viajou sozinho, foi aconhado por um pequeno período de tempo por Hugh Algernon Weddell. Como no caso de Natterer, um dos principais objetivos era coletar material botânico, espécimes para coleções de museus, e assim como Natterer, Castelnau mostrou um interesse incomum na recolha sistemática de vocabulários indígenas. A principal diferença entre os dois viajantes era de que Natterer nunca publicou nada de significativo sobre suas viagens, enquanto Castelnau, apoiado por Napoleão III, foi capaz de apresentar os resultados de sua viagem em uma obra totalizando cerca de 20 volumes.

Parece, porém, que o exemplo de Castelnau não inspirou outros que o sucederam em expedições no Brasil Central. William Bragge, na década de 1850 e Bartolomé Bossi, em 1860, tiveram diferentes aspirações e metas, ao mesmo tempo Bossi publicou um livro sobre suas viagens, que não teve o impacto sobre o desenvolvimento do comércio de Mato Grosso que ele esperava.

Assim, durante as nove décadas que se seguiram, a “Viagem Philosophica” apenas um punhado de viajantes aventuraram-se no Brasil Central. Esse cenário mudou rapidamente na década de 1880, o que resultou na “pacificação” dos índios, especialmente dos Bororo, que durante décadas lutaram bravamente para manter os neo-brasileiros fora de seu território, e das duas expedições Xingu Karl von den Steinen, cujo enorme sucesso científico, especialmente no campo da etnografia, inspirou outros a se engajarem em expedições de cientistas alemães. Von den Steinen foi antecedido por Richard Rohde, a fim de coletar para o novo Museu de Etnologia de Berlim, que foi acompanhado pelo suíço Emil Hassler, que trabalhava para as próximas três décadas, também na zona fronteira de Brasil, Paraguai e Bolívia.

A grande importância de von den Steinen deve ser vista na abertura da região do Alto Xingu para a pesquisa sistemática na etnografia, principalmente por alemães, como as duas expedições Xingu de Herrmann Meyer e as expedições de Max Schmidt, que trabalhou tanto no Alto Xingu como na bacia do Paraguai. O significado duradouro de todas essas expedições foi baseado em uma abordagem metodológica mais rigorosa a pesquisa etnográfica.

Os franceses não se comparavam aos alemães no Alto Xingu. A obra de Henri Coudreau começou nas regiões de fronteira com Brasil na Guiana Francesa, mas aos poucos também se mudou para a região do Araguaia, onde missionários dominicanos franceses também estavam começando a estabelecer missões entre os índios Karajá, Kayapó e Tapirapé. Foi nessa conexão francesa, que mais tarde os antropólogos como Jehan Albert Vellard e os aventureiros como Rayliane de la Falaise viriam para o Araguaia. Nesta altura, no entanto, a pesquisa alemã começou a mover-se com os índios Karajá e os seus vizinhos (Fritz Krause, Wilhelm Kissenberth), enquanto no final de 1920 e início de 1930, os norte-americanos começaram a descobrir o potencial do Alto Xingu como uma região para aventura e pesquisa.

Enquanto a expedição no Mato Grosso pela Universidade da Pensilvânia foi se deteriorando pela má organização dos aventureiros que haviam sido patrocinados, as expedições mais bem-sucedidas da década de 1930 foram as expedições de Herbert Baldus, que trouxeram uma longa experiência de pesquisa na América do Sul e de Claude e Dina Lévi-Strauss.

O trabalho de Baldus, Claude e Dina Lévi-Strauss ofereceu um final apropriado para esta pesquisa, pois foram esses estudiosos que contribuíram significativamente para o surgimento da antropologia no Brasil.

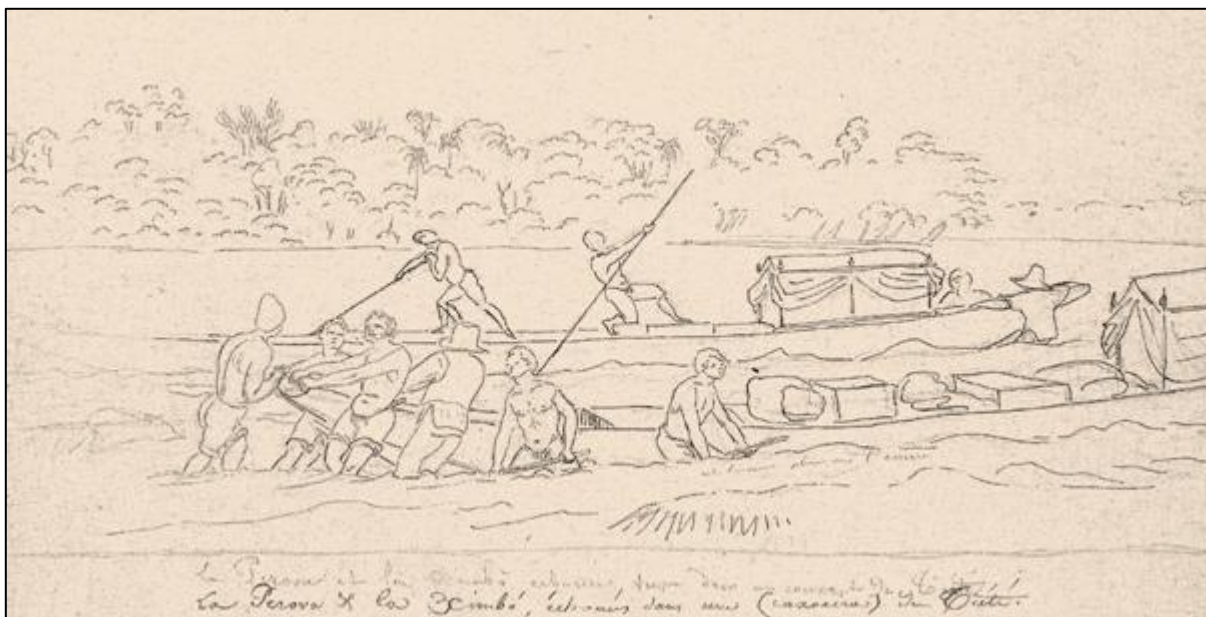


Figura 130 - Hércules Florence, Barco da expedição Langsdorff encalhado em uma rocha, 1828.

Fonte: Carelli (1992, p. 23).



Figura 131 - Mario Baldi, Caminhão atolado na lama a caminho para a aldeia bororo de Meruri, 1933.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, n° Baldi 02703.

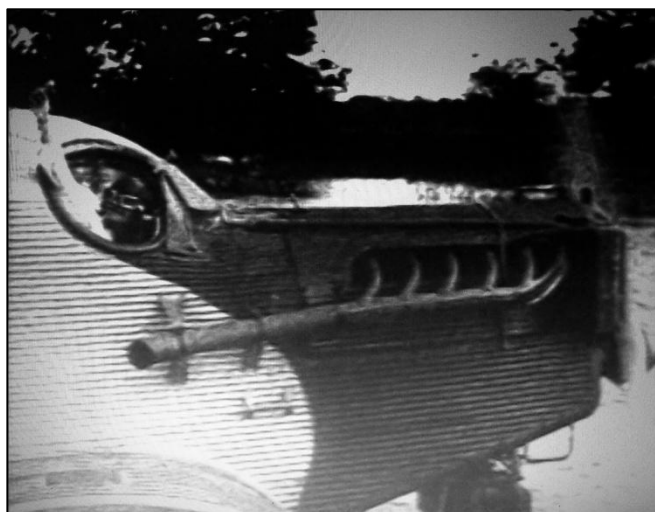


Figura 132 - Aloha Wanderwell no avião a caminho para os Bororos sobre o Rio São Lourenço, 1930. (Do seu filme "Os últimos dos Bororo").

Fonte: Baker, 1931.

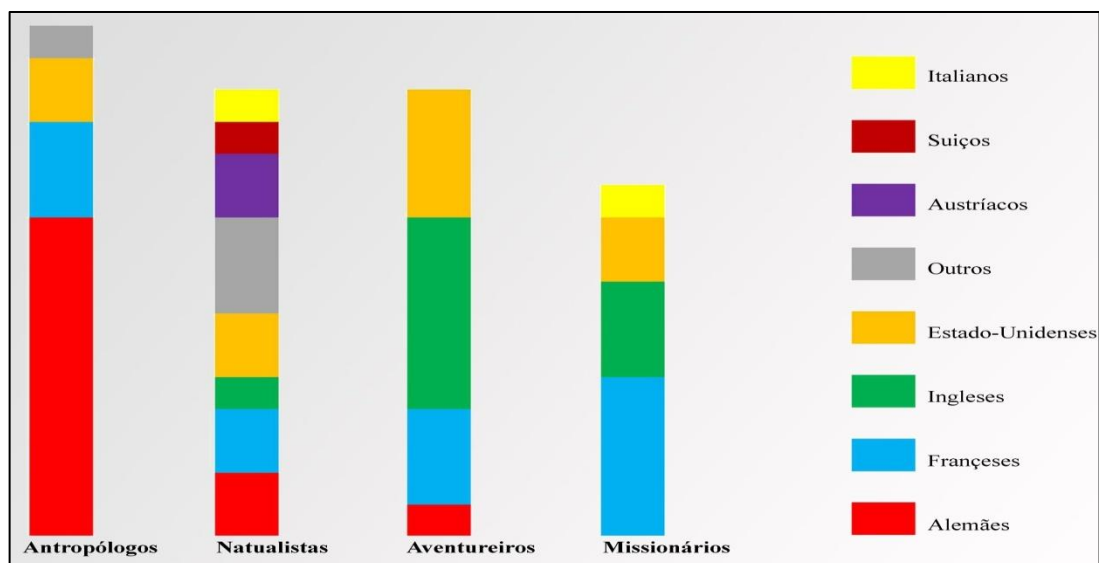
O aumento na frequência de viagens no Brasil Central, especialmente durante as primeiras quatro décadas do século XX tem, naturalmente, também a ver com uma melhor infra-estrutura, com a construção de estradas e a disponibilidade de novos modos de transporte no Brasil Central. Como por exemplo, a travessia de carro pelo Brasil Central, como Roger e Martha Emma Courteville fez em 1926-7, antes, teria sido impensável. Mas muitas regiões permaneceram de difícil acesso. Em 1935, Claude Lévi- Strauss ainda levou

algumas semanas de viagem por barcos e caminhões para ir de Cuiabá às aldeias Bororo, no Rio São Lourenço. Mas esse modo de viagem já estava fora de moda. Ambos Aloha Wanderwell em 1930-1931 e a expedição da Universidade da Pensilvânia já tinham ido para o Rio São Lourenço de avião.

Se o relato cronológico, em grande parte foca nos viajantes alemães e franceses, isso não se altera significativamente durante todo o período discutido neste trabalho. O que é mais significativo é que, a maioria dos viajantes alemães e franceses, já formava uma longa tradição de pesquisa científica, baseada em história natural, a partir da qual a antropologia, como uma disciplina separada, estava começando a surgir na Alemanha e na França, mais cedo que na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos, na Rússia ou na Itália.

A Grã-Bretanha tinha claro, seu próprio império vasto em que a pesquisa poderia ser realizada, na América do Norte o estudo dos povos indígenas nativos foi o principal objetivo da pesquisa antropológica até o final da década de 1920. Se os viajantes britânicos ou norte-americanos viriam ao Brasil Central, seria tanto como missionários ou como aventureiros. Em 1930 esta região ainda oferecia muitas oportunidades para converter os índios ao cristianismo, bem como para aventuras ousadas. Muitos dos aventureiros britânicos no Brasil Central eram ex-oficiais do exército, cujos objetivos estavam ligados a busca pela “Cidade Perdida de Z” ou pelo Coronel Fawcett.

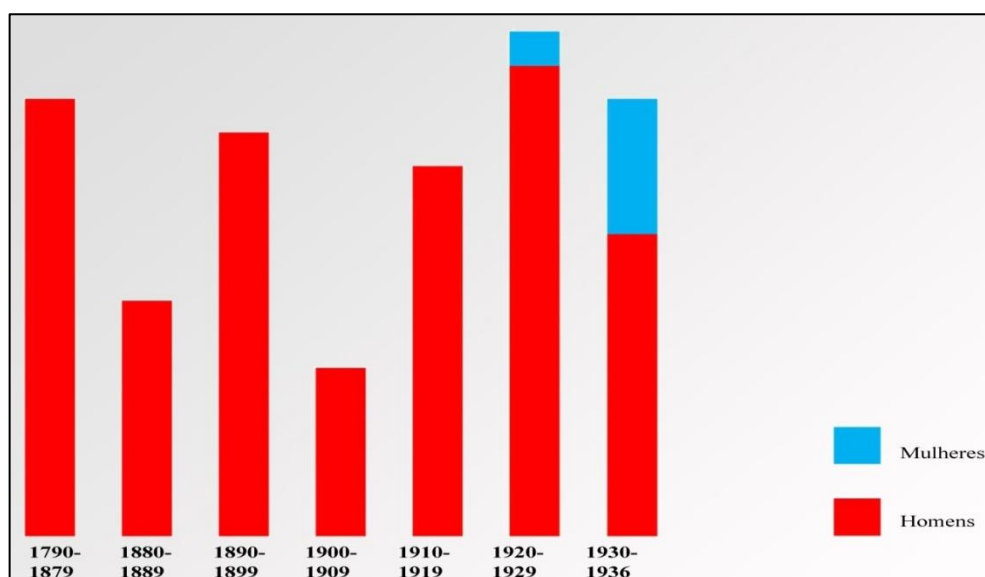
Os missionários tanto da Grã-Bretanha como dos Estados Unidos foram, em geral, os evangélicos fundamentalistas, que inspirados, não só pelo grande número de índios convertidos, mas quase igualmente pelo desejo de não deixar o campo missionário inteiramente à Igreja Católica. Durante o período em discussão os seus esforços foram apenas parcialmente bem-sucedido. Mas é significativo que, entre estes missionários protestantes podemos destacar o missionário Leonard Livingston Legters, fundador do Summer Institute of Linguistics, cujos missionários teriam um impacto significativo e debatido muito sobre os povos indígenas do Brasil.

Quadro 4 - Profissao dos viajantes

Fonte: Elaborado pela autora.

Em meados de 1930 a grande maioria dos viajantes e pesquisadores do Brasil Central eram homens, pois no século XX, visões tradicionais eram vigentes nas sociedades ocidentais sobre a divisão do trabalho por gênero atribuído a vida das mulheres à esfera doméstica e, portanto, prejudicando-as de perseguir carreiras profissionais e de viajar.

Embora existam alguns exemplos de mulheres audaciosas que viajaram no século XIX, o número de mulheres que viajaram sozinhas e escreveram sobre suas experiências foi relativamente pequeno.

Quadro 5 - Mulheres viajantes

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre as viajantes europeias do Brasil no século XIX destacam-se: Maria Graham (1785-1842), viúva de um oficial da Marinha britânica e Ida Pfeiffer (1797-1858), uma exploradora austríaca e escritora de viagens.



Figura 133 - Maria Graham



Figura 134 - Ida Pfeiffer

Em sua segunda circum-navegação, Pfeiffer viajou sozinha pelo interior do Bornéu, grande ilha localizada na Ásia, e tinha demonstrado ser uma exploradora corajosa. Em 1853 havia planejado viajar ao Peru até a costa atlântica do Brasil, mas teve que abandonar seu plano porque houve uma revolução no Peru com isto, tornara perigoso para todos os viajantes, sejam homens ou mulheres.

Com o aumento da emancipação das mulheres no início do século XX, o número de viajantes mulheres aumentou significativamente, mas viagens para regiões remotas como a região do Brasil Central não aumentou este número por serem consideradas viagens perigosas.

Em 1954 a antropóloga austríaca Etta Becker-Donner realizou um trabalho de campo etnográfico em Rondônia e há relatos que chegaram após algumas semanas em Viena, o que poderia ter acontecido com a “mulher perdida na selva”. Apesar de Becker-Donner (1911-1975) (Figura 135), já havia realizado duas expedições bem sucedidas para a Libéria entre 1934 e 1937 (PLANKENSTEINER *et al.*, 2011).



Figura 135 - Etta Becker-Donner, Francisco Meirelles (inspector do SPI) e um grupo de Wari ("Pacaás Novos") em recente contato, Rondônia, 1956.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, foto n° 78.926.

Becker-Donner também pertenceu à primeira geração de mulheres que foram admitidas como aluna regular para as universidades e, portanto, tornou-se cientista, como história natural e antropologia, o que implicou viagens a terras distantes.

Nas disciplinas história natural e antropologia houve um pequeno número de mulheres investigadoras. Na antropologia em particular, especialmente nos Estados Unidos, as mulheres desempenharam um papel importante no estudo das culturas dos povos indígenas, especialmente da América do Norte e em certa medida, também no México, em parte, com base em sua vantagem no sentido de obter o acesso aos domínios de uma divisão ainda mais forte entre as esferas masculina e feminina da vida que foram ainda encontradas nas sociedades ocidentais.

No Brasil, Maria do Carmo de Mello Rego, a esposa do presidente de Mato Grosso, que teve um interesse humanitário dos povos indígenas do estado, escreveu sobre eles e reuniu uma coleção para o Museu Nacional (MELLO REGO, 1895, 1897, 1899). Na ocasião, Mello Rego e mais duas mulheres viajantes estrangeiras em Mato Grosso, estavam acompanhando seus maridos. Daisy W. Smith, a filha de missionários, que viajou com o marido em Mato Grosso entre 1881 e 1885, ajudou-o em suas pesquisas, preparando amostras como taxidermista, mas não fez contribuições independentes para a ciência.

Também na década de 1880, Marie Octavie Coudreau, assistiu seu marido Henri Coudreau, em seu trabalho no Brasil Central, mas após a sua morte em 1899, continuou trabalhando durante sete anos como uma pesquisadora independente. A continuação do

trabalho do marido no norte do Brasil ilustra implicitamente suas contribuições para sua pesquisa durante a sua vida.

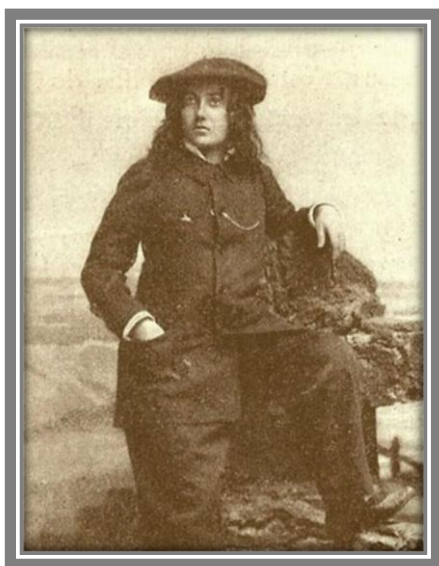


Figura 136 - Marie Octavie Coudreau.
Fonte: Museu de Viena

Cinquenta anos depois, o caso de Dina Lévi-Strauss mostra dramaticamente, o quão pouco havia mudado no intervalo. Embora fosse Dina, que estudou antropologia, foi o seu marido que o trabalho tornou evidente, ao passo que a sua contribuição quase foi esquecida.

Como Dina Lévi-Strauss, as quatro mulheres restantes, cujo trabalho foi discutido nesta dissertação, todas vieram para o Brasil durante a década de 1930, indicando os papéis de forma gradual, mas não mudam completamente as mulheres nas sociedades ocidentais.

Elizabeth K. Steen era a única antropóloga nesse período que começou a trabalhar por conta própria, sem ter o pretexto de acompanhar alguém do gênero masculino. O fracasso de seu trabalho só pode ser parcialmente atribuído ao fato de que ela era uma mulher.



Figura 137 - Wanda Hanke entre os Kaingang de Paxinal, Paraná, 1948
Fonte: Liener (2011, p. 93).

As condições econômicas eram difíceis durante a Grande Depressão tornando difícil para homens e mulheres obter financiamento para a pesquisa e para as instituições criarem cargos, onde pesquisadores como Steen poderiam ser empregadas.

Apesar do apoio que recebeu de importantes antropólogos norte-americanos, como Franz Boas e Alfred Kroeber, ela nunca foi capaz de terminar a sua dissertação e suas publicações só são conhecidas num livro infantil e num artigo na revista feminina *Good Housekeeping*.

A primeira antropóloga a trabalhar no Brasil Central e deixar um registro substancial de suas realizações como uma etnógrafa, arqueóloga e linguista e uma considerável coleção e imagens foi a austríaca Wanda Hanke (1893-1968), no início de 1940, depois trabalhou na Argentina, Paraguai e Bolívia, mas mesmo Hanke recebeu pouco apoio e encontrou apenas o emprego de curto prazo (LIENER, 2010).

Ambas Aloha Wonderwell Baker e Martha Emma Courteville Seedorf, que viajou em Mato Grosso em 1930, bem como Rayliane de la Falaise, que veio para a região em 1934, eram aventureiras e viajaram na companhia de seus maridos. No caso do Aloha Baker parece que seu papel como esposa de aventureiro ousado foi em grande parte criado por seu marido como um dispositivo de marketing.

Em “seu” filme sobre os Bororo, filmado pelo marido, ela claramente está atuando, no qual ela provavelmente acreditava. Enquanto a representação dos Bororos mostrados não é sem interesse, hoje, para o público no momento em que a única parte, desde a paisagem exótica encenada para destacar as conquistas da ousadia da “mulher do explorador”.

Pode-se supor que Martha Courteville, carioca de nascimento, mas casada com um francês escritor, publicou o seu livro também para atender à demanda do público feminino que queria saber sobre as experiências de aventureiras do gênero feminino. O seu livro foi publicado no mesmo período que o seu marido e ambos não diferem significativamente em conteúdos e em qualidade. Mas as produções de marido e mulher, aparentemente, não competem entre si, pois foram dirigidas a diferentes segmentos do público leitor.

No caso de Rayliane de la Falaise, seu marido rico, aparentemente gostava de viajar no Araguaia, foi quando ela escreveu o livro em um esforço para prosseguir a carreira como autora independente.

Sob as circunstâncias vigentes no momento, não é de se surpreender que a contribuição visível das mulheres viajantes para o melhor conhecimento dos povos indígenas no Brasil Central foi muito limitada e que a contribuição mais substancial – que foi por Dina Lévi-Strauss – manteve-se quase invisível.

Chama a atenção nesta pesquisa um caso curioso envolvendo Herbert Baldus que publicou um romance baseado em sua pesquisa etnográfica na região do Chaco do Paraguai com o nome de sua esposa Ulla Hassenpflug-Baldus (1933). Só se pode assumir que ele sentia que sua reputação como um estudioso sério ficaria comprometida com a publicação de uma obra de ficção, embora não teria consequências negativas para a sua esposa.

No início dos anos de 1930 as mulheres tiveram mais chances no mercado de trabalho, mas como aventureiras e não como antropólogas.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA A ETNOGRAFIA DO BRASIL CENTRAL

As provas apresentadas no capítulo 2 deste trabalho ilustram a riqueza e a diversidade de dados relativos aos povos indígenas do Brasil Central, registrados por viajantes e pesquisadores estrangeiros entre o final do século XVIII até meados do século XX.

Estas fontes são valiosas, pois as contribuições semelhantes feitas por brasileiros foram iniciar no final do século XIX, e mesmo no início do século XX, quando especialmente o trabalho da Comissão Rondon abriu o caminho para um trabalho sistemático sobre a etnografia da região, a quantidade e a qualidade dos dados obtidos por pesquisadores estrangeiros manteve-se muito superior.

Com o início da formação de antropólogos em universidades brasileiras no final de 1930, foi que proporcionou o ponto decisivo para delimitar o período de tempo abrangido por esta dissertação.

Pesquisadores estrangeiros continuaram trabalhando no Brasil Central, após a Segunda Guerra Mundial, mas as expedições diminuíram nas mesmas proporções que foram aumentando os alunos formados por Herbert Baldus, entre outros.

Os parágrafos a seguir surgem como um breve resumo das contribuições dos primeiros viajantes e pesquisadores de acordo com os meios de comunicação que utilizaram para gravar as informações: a escrita, a representação visual, mapas, coleções etnográficas e o registro de dados linguísticos.

4.1 ESCRITA ETNOGRÁFICA

Os textos escritos foram e ainda devem ser considerados como a base para o trabalho etnográfico, que lida com o presente ou com o passado. É a partir desses textos que o principal trabalho de tradução cultural ocorre, com a presença de todos os problemas que são inerentes a qualquer tradução devido ao uso de categorias que não podem ser compartilhados

por duas línguas. Sem textos, as informações incluídas nas representações visuais e objetos não poderiam ser corretamente associadas, ao contexto cultural em que eles podem ser compreendidos.

A grande maioria dos escritos produzidos por viajantes e pesquisadores estrangeiros, foi produzida na língua nativa de seus autores, com exceção de Alexandre Rodrigues Ferreira, que não era Português. A maior parte deles foi publicada fora do Brasil e, portanto, muitas vezes, não eram ainda acessíveis para aqueles que sabiam ler idiomas estrangeiros.

Exceto para os escritos de Ferreira e Hércules Florence (e uma tradução parcial do primeiro livro de Karl von den Steinen), foram publicados na segunda metade do século XIX, um grande esforço para torná-los disponíveis para os estudiosos brasileiros foi feito somente após o período abrangido por este estudo. Herbert Baldus (e até certo ponto Egon Schaden) começou a publicar traduções de algumas obras-chave dos pioneiros antropólogos alemães e franceses que trabalharam no Brasil Central.

Na segunda metade do século XX, obras mais significativas da literatura de viagem do século XIX foram traduzidas para o português, mas ainda assim a maioria dos documentos escritos permanece não traduzida e desconhecida na literatura brasileira.

Se os textos fornecerem uma tradução cultural de outras culturas, a tradução de textos a partir de uma língua existente para a representação adequada. De “Tristes Trópicos” de Claude Lévi-Strauss, por exemplo, existem duas diferentes traduções para o alemão, que diferem significativamente, não só entre si, mas também a partir do original francês (Christian Feest, comunicação pessoal).

Por isso, é em última análise, indispensável para qualquer pessoa que trabalhe no campo da etnografia histórica ter, pelo menos, um conhecimento de leitura das línguas estrangeiras nas fontes que são escritas.

A acessibilidade destes textos, felizmente aumentou na era da digitalização, quando mais e mais livros e revistas estão se tornando disponíveis em formato digital.

Dadas as limitações de espaço, é impossível neste momento resumir o conteúdo dos textos etnográficos referidos no capítulo 2. Mas como a discussão dessas obras já deixou claro parece impossível lidar com a etnografia histórica de qualquer parte do Brasil Central, se é na bacia do Paraguai, do Alto Xingu, ou na região do Araguaia, sem o conhecimento dos escritos produzido por viajantes estrangeiros e pesquisadores.

Outra observação pode ser adicionada aqui sobre a diversidade de textos, que incluem ambas narrativas de viagens tradicionais, se concentram em eventos específicos, bem

como “etnografias”, que tentam fornecer generalizações categóricas em outra “cultura”. Muitos dos escritos deste período, de fato, incluem ambos os tipos de textos e permitem, até certo ponto, uma comparação entre as observações e generalizações específicas.

4.2 ILUSTRAÇÃO ETNOGRÁFICA

O significado primário de imagens visuais em etnografia é que elas fornecem uma contextualização diferente de dados culturais de textos, e que, especialmente na representação de aspectos da cultura material, eles são muito superiores a qualquer descrição por escrito. Etnografia tradicional, no entanto, muitas vezes não conseguiu usar documentos visuais como fontes básicas e autônomas de informação e tem apenas um olhar de ilustrações de textos escritos.

Em um trabalho anterior (FEEST; SILVA, 2011) discutiu-se a importância e os problemas das representações visuais, especificamente dos Bororo do Brasil Central. O que foi dito aplica-se integralmente ao Brasil Central em geral.

Um achado importante foi que, ao contrário da situação no que diz respeito aos textos, a maioria das representações visuais permanece inédita e é geralmente desconhecida pelos estudiosos. Mas mesmo as ilustrações publicadas, tais como os fornecidos por Castelnau (1852) raramente têm sido usados pelos estudiosos modernos.

No que diz respeito aos filmes etnográficos, a pesquisa em arquivos precisa ser realizada para encontrar, restaurar e publicar esses documentos. Demorou quase 60 anos para os filmes produzidos por Claude e Dina Lévi-Strauss ou aqueles feitos durante a Expedição Mato Grosso do Museu Universitário da Pensilvânia para ser resgatado do esquecimento e para ser disponibilizado para pesquisa. Outros documentos de cinema, como os produzidos por Mario Baldi ou Elizabeth Steen, ainda não foram encontrados – talvez eles já tenham se perdido para sempre.



Figura 138 - Mario Baldi, Meninas bororo tirando a palha do milho, Sangradouro, 1934.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, Baldi n° 2843.

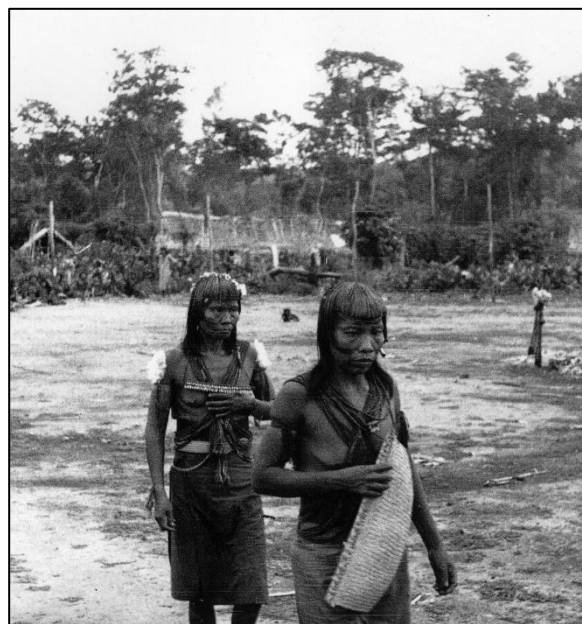


Figura 139 - Claude Lévi-Strauss, Mulheres bororo da aldeia Quejare, 1936.

Fonte: Lévi-Strauss (1994, p. 96).

O segundo achado deste estudo foi o foco estreito dos antropólogos sobre a “cultura tradicional” que se reflete na seleção do que não retratam. O Bororo como visto nas fotografias de Claude Lévi-Strauss, por exemplo, parece que nunca tinha estado em contato com a sociedade neo-brasileira. Somente quando as imagens produzidas por não antropólogos também consideraram que uma visão mais realista da condição histórica dos Bororo é alcançada.

Isto é, naturalmente, verdade até certo ponto, das representações em textos, mas Karl von den Steinen dá uma boa descrição verbal das condições das “colônias”, estabelecida pelo governo brasileiro para os Bororo, mas que estas não são refletidas na mesma forma em seus quadros, que focam claramente a tradição.

4.3 MAPAS ETNOGRÁFICOS

A importância da cartografia para a pesquisa histórica e etnográfica ainda é largamente subestimada. Neste caso, o excelente trabalho de Herbert Baldus (1954, 1968) não é uma exceção, pois seu foco é quase inteiramente em cima de textos, enquanto as contribuições cartográficas dos autores discutidos por ele quase nunca são observadas.

É óbvio que o avanço dos neo-brasileiros no Brasil Central, no período de tempo aqui discutido, resultou em um processo contínuo de deslocamento dos povos indígenas.

Os mapas não só irão revelar as mudanças na localização absoluta e relativa da proximidade dos povos indígenas, como também são úteis para avaliar o tamanho dessas populações e transformação no ambiente natural e social.

Ressalta-se que o trabalho do cartógrafo russo que acompanha a expedição Langsdorff ainda é em grande parte inédito e a primeira fonte cartográfica principal discutida aqui é encontrada no capítulo da expedição Castelnau. Para a área percorrida por esta expedição, as informações são encontradas em seu mapa, que é muito detalhado.

Estes mapas, por exemplo, fornecem a única evidência da localização dos Bororo não Cabaçal no Rio Jauru antes de seu desaparecimento a partir do registro histórico. Também mostra a aldeia dos Bororo da Campanha, próximo de San Matías, fronteira com a Bolívia, que tinha Sido estabelecido por refugiados da opressão que sofreram nas mãos dos latifundiários brasileiros, que passaram a ocupar seus antigos lares.

Mais importante ainda é a obra de Johann Peter Vogel, que acompanhou Karl von den Steinen em sua segunda expedição Xingu. Enquanto o trabalho de von den Steinen tornou-se disponível através da tradução de seu relatório de viagem para o português, as conquistas da Vogel ainda são amplamente negligenciadas por pesquisadores brasileiros. O exemplo de seu trabalho incluído como uma ilustração no capítulo 2 indica a quantidade de informação que contem em seu mapa.

Nenhum dos outros mapas discutidos no capítulo 2 aproxima-se em qualidade aos fornecidos pelo Castelnau e Vogel, mas os mapas publicados pelos antropólogos alemães, tais como Max Schmidt ou Fritz Krause, ainda devem ser considerados como extremamente úteis.

Em outros casos, a principal importância dos mapas, é fornecer um testemunho sobre as áreas específicas visitadas pelos viajantes e auxiliar o leitor contemporâneo com relatos históricos, acompanhando os movimentos dos viajantes através do espaço.

4.4 COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

Talvez a fonte mais negligenciada de informações históricas etnográficas no Brasil Central são as coleções de objetos levados pelos os viajantes e pesquisadores para os seus países de origem, sejam na Europa ou América do Norte.

O fato é que a maior coleção de objetos etnográficos do Brasil, coletada no século XIX, é a de Johann Natterer e permanece ainda quase desconhecida. Neste caso, um catálogo recente (Augustat, 2012) trabalha com esse material, que também foi publicado em uma

versão em português, deve ser vista como passo importante para familiarizar pesquisadores brasileiros com a variedade dos dados fornecidos por esta coleção, mas apenas um quarto desta coleção foi exposto neste catálogo.

A diferença entre os objetos de um lado e textos e imagens de outro é que os textos e as imagens podem facilmente ser reproduzidos e disponibilizados, enquanto os objetos precisam ser estudados diretamente, porque nenhuma imagem fornecerá as informações que um objeto fornece com todos os seus valiosos detalhes.

Ao mesmo tempo, todos os textos e as imagens apresentam uma visão construída pelo observador, enquanto que os objetos são produtos sem mediação das pessoas que os fizeram (FEEST, 2011).



Figura 140 - Pulseira de couro dos Kadiwéu (“Guaicuru”) coletado por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1791. Museu Mayenense da Academia das Ciências de Lisboa, nº verde 188.

Fonte: Monteiro Soares e Ferrão (2005, v. 1, p. 99)

Uma tarefa gigantesca pela frente para os estudiosos que pretendem fazer uso adequado das numerosas e dispersas coleções etnográficas do Brasil Central é a esperança de que a discussão dessas coleções no capítulo 2 pode fornecer a base para tais pesquisas futuras.



Figura 141 - Recipiente de cabaça (tomoen) Kinikinao (“Guana”), coletado por Johann Natterer, c. 1825.

Fonte: Museu de Etnologia, Viena, nº 947.

4.5 LINGUÍSTICA

Talvez o fato mais surpreendente por esta pesquisa é a quantidade de evidência linguística registrada pelos viajantes e pesquisadores. A coleção de vocabulários de línguas indígenas feitas no Brasil por Johann Natterer entre 1822 e 1835 é a maior coleção do século XIX, e permanece inédita até hoje.

É até maior do que a compilação feita a partir de várias fontes por Carl Friedrich Philipp von Martius (1857), que na época tinha acesso a apenas alguns dos vocabulários de Natterer. Martius fez uso, mas menor ainda foi a lista de vocabulários registrada por Francis de La Porte de Castelnau (1850-1851, v. 5).

No Brasil Central, a gravação das listas de palavras indígenas antes do registro dos vocábulos de Natterer foi apenas realizada por Eschwege e Saint-Hilaire, cujo escopo, porém, foi muito mais limitado, e por seu colega austríaco Johann Emanuel Pohl, que gravou vocabulários, são áreas não visitadas por Natterer. Recorde de Bartolomé Bossi registrou um vocabulário Paresi em 1862 é o único que registrou após Castelnau e antes da chegada de Karl von den Steinen, em 1884, cuja obra se tornou modelo para muitos outros antropólogos alemães que seguiram seus passos, nomeadamente Paul Ehrenreich, Theodor Koch-Grünberg, Max Schmidt, Fritz Krause, Wilhelm Kissenberth e Herbert Baldus.

10. Proben der Jndian - Vuato. neofure abenaimb
 (vna Saiva) - Rio Paraguay Ma tshri iku
 (Mu dce kn) Gregorio Te Ta tshri gä fofufu.
 Vater. paa set guayt a ijt fof fshim.
 Mutter. mée. hupall del zt l-
 Grod ester. Kfün Kfün
 Jofu. Atoraro
 Goyfau. jioo. fema fabe macho -
 Urib. mü hä tshä.
 Mann. mähthe
 Jung Mann. mäh mäh the the
 Altes. Me hoo & ijt fshu
 Einde. a doni hia hiriö
 Vefungfau. A menea. J. Goyf. A vero fshim
 Kind. miti
 Goyf. dö Khö
 Goyf. Na dā haa
 Jung. Un tshä dā dā
 Näyd. Mä Mä the tshä raa
 Goyf. Mä ruh del a ijt im Cant. Goyf
 u. ijt. Ö
 Blut. Mü hiva
 Milch. Nahn & ph fua
 Nambau. nä dphoga
 Nambau. Einde. ijt Goyf. nä dphoga
 adoni hiriö ijt fshu. at ahin dphogariö
 nef.

Figura 142 - Primeira página de um vocabulário da língua Guató ("Vuato"), coletado por Johann Natterer, 1826.

Fonte: Biblioteca da Universidade de Basileia.

A maioria dessas listas de palavras foi incluída nas publicações de seus autores, mas outros, como os registrados por Wilhelm von den Steinen permanecem inéditos.

Comparado com o trabalho linguístico dos pesquisadores alemães, os esforços feitos por outros são quase insignificantes. O trabalho de Guido Boggiani pode aqui ser mencionado, incluindo o seu vocabulário Bororo publicado pela Vojtech Fric. Notável é o fato de que mesmo Henry Savage-Landor, um aventureiro típico com aspirações como estudioso, fez registros de linguagem durante sua viagem pela região central do Brasil.

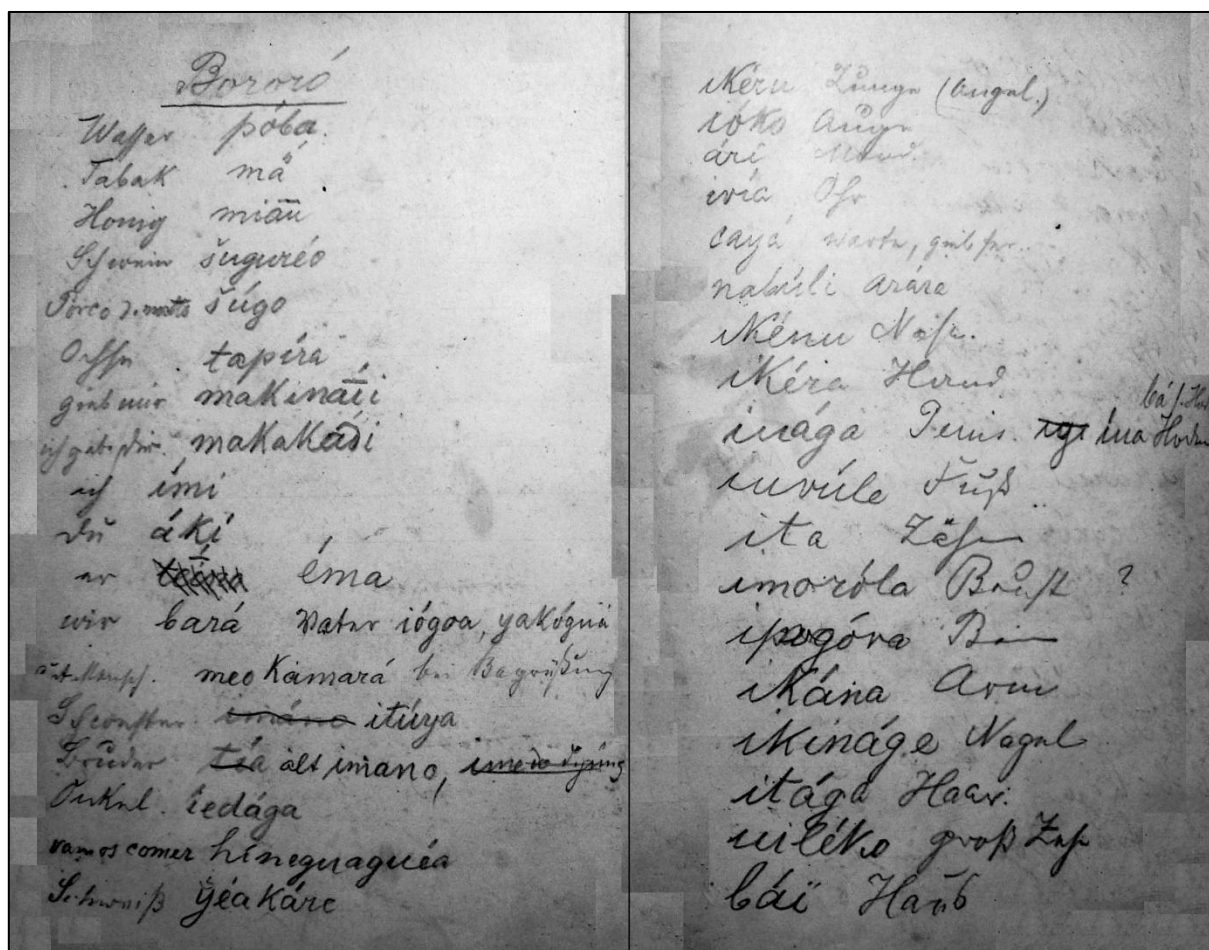


Figura 143 - Primeira página de um vocabulário de língua Bororo, coletado por Wilhelm von den Steinen, 1888. **Fonte:** Museu de Etnologia, Lúpsia, arquivo.

Tendo em vista a ameaça de extinção das línguas indígenas no Brasil, todos esses documentos hoje são muito preciosos. Um grande número de idiomas gravados no século XIX é não mais falado atualmente, por exemplo, dos Bororo do Cabaçal e Bororo da Campanha. Além disso, o material linguístico gravado por viajantes e investigadores, ainda que seja de qualidade desigual, fornece evidência para qualquer estudo da gama de dialetos de certas línguas e para o estudo da variação linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permitiu, através desta pesquisa, proporcionar um novo olhar para a etnografia histórica, a partir de coleta de informações relevantes, dificilmente encontradas em bibliotecas, museus ou arquivos nacionais. Entende-se que estas informações contribuem não apenas para pesquisadores, estudantes e curiosos pelo tema, mas também colabora com os próprios povos indígenas citados.

Sendo que a importância do Desenvolvimento Local é a reafirmação destes grupos indígenas atuando como sujeitos ativos da sua própria história, capazes de negociar com os viajantes sua participação nessas expedições, pois sem esta participação essas expedições teriam fracassadas.

Certamente esta pesquisa não está concluída, uma vez que ainda existem muitos dados não encontrados. Porém, estes relatos foram tão importantes para um melhor conhecimento do patrimônio indígena do Brasil Central, pois, revela uma ampla compilação de materiais de caráter inédito, fornecendo-se uma contextualização importante de dados culturais de textos que, especialmente na representação de aspectos da cultura material, trouxeram possibilidades de novas aproximações nos objetos coletados por viajantes.

Portanto, a herança deixada pelo pelos viajantes e pesquisadores não brasileiros permitiu um estudo mais aprofundado do patrimônio indígena brasileiro, que não é apenas uma herança para o Brasil Central, mas sim para a História do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUADO, Alejandro; WILLIAMS, Jorge D. Julio Germán Koslowsky. Científico, explorador y colono. *Revista del Museo de La Plata*, v. 3, n. 17, p. 25-28, 2003. Disponível em: <http://aguadolibrospatagonia.blogspot.de/2010/02/ejemplos-de-notas-sobre-el-pasado-de_28.html>. Acesso em: 20 de julho de 2009].
- ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 3, p. 9-16, 2004.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. Catálogo São Paulo. 2006. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/modules/editor/arqpopup>>. Acesso em: 17 mar. 2013.
- AMBRIZZI, Miguel Luiz. *Entre olhares - O romântico, o naturalista. Artistas-viajantes na Expedição Langsdorff: 1822-1829. Revista eletrônica de DezenoveVinte*, v. 3, n. 4, 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla.htm>. Acesso em: 9 ago. 2009.
- ANDERSON, Gerald H. *Biographical Dictionary of Christian Missions*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1999.
- ANÔNIMO. *Alla ricerca di Guido Boggiani. Spedizione Cancia nel Ciaco boreale (alte Paraguay): relazione e documenti*. Milano: A. Bontempelli, 1903.
- _____. *Inventário do acervo etnográfico brasileiro na Itália*. vols. n.p.. [Coleções brasileiras no Museo Luigi Pigorini, Roma], s/d.
- _____. *Zum Andenken an Dr. Heinrich Hintermann*, 16. März, 1888-24, Januar, 1933. Zürich: Genossenschaftsverlag, 1933.
- ANPUH. Associação Nacional de História. Patrimôniocultural no contexto de territorialidades. In: *XXVII Simpósio Nacional de História. Patrimônio Cultural no Contexto de Territorialidades*. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=1013&impressao>. Acesso em: 29 set. 2013.
- AQUINO, Jakson Alves. *As teorias da ação social de Coleman e de Bourdieu*. Seminário Políticas Culturais para o Desenvolvimento: uma base de dados para a cultura. Recife, 2002.
- _____. In the Shadow of Johann Natterer. Johann Emanuel Pohl's Ethnographic Collection. In: FEEST, Christian. *Indigenous Heritage. Johann Natterer, Brazil, and Austria*, em preparação.
- AUGUSTAT, Claudia (Org.). *Além do Brasil. Johann Natterer e as coleções etnográficas da expedição austríaca de 1817 a 1835 ao Brasil*. Wien: Museum für Völkerkunde, 2012.

ÁVILA, Vicente Fideles. *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Campo Grande, UCDB, v. 1, n. 1, p. 64-74, 2000.

BACH, Josef. Datos sobre los Indios Terenas de Miranda. *Anales de la Sociedad Científica Argentina*, n. 82, p. 87-94, 1916.

BAKER, Aloha. *Last of the Bororos*. 16mm filme (mudo, preto/branco, 32 mins.). National Anthropological Archives, Washington DC, SA-76.5.1., 1931-1932.

BALDI, Mario. Expedições com Agfa. *AGFA Novidades*, n. 5, São Paulo, 1935a.

_____. Achtung Cayamos! *Das Leben im Bild*, v. 52, n. 46, Zofingen, 14 de novembro, 1936a.

_____. Expedições com Agfa. *AGFA Novidades*, n. 7, São Paulo, 1935b.

_____. No sertão do Araguaia. *A Noite Ilustrada* 282, 1 de dezembro, 1936.

_____. *Uoni-Uoni conta sua história*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1950.

_____. Kaskihá-Vokabular. *Anthropos*, n. 26, p. 545-550, 1931b.

_____. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, São Paulo, v. 1, 1954.

_____. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. Vol. 2. *Völkerrkundliche Abhandlungen* 3. Hannover: Münstermann, 1968.

_____. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Brasileira (Grande formato). Biblioteca Pedagógica Brasileira, Sér. 5, 101. São Paulo, 1937a.

BALDUS, Herbert. Indianerstudien im nordöstlichen Chaco. *Forschungen zur Völkerpsychologie und Soziologie* 9. Leipzig, 1931a.

_____. Kulturwandel bei Indianern in Brasilien. *Archiv für Anthropologie* N.F., v. 24, n. 3-4, p. 170-189, 1938a. Braunschweig. [Reimpressão em BALDUS 1937a].

_____. Licocós. *Espelho*, n. 21, p. 13. [Com fotografias de Mario Baldi], 1936.

_____. Max Schmidt 1874-1950. *Revista do Museu Paulista* N.S. n. 5, p. 253-260, 1951a.

_____. Max Schmidt 1874-1950. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 76, p. 301-305, 1951b.

_____. Tereno-Texte. *Anthropos*, n. 32, p. 528-544, 1937b.

_____. Uma ponte etnográfica entre o Xingu e o Araguaia. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 43, p. 7-12, 1938b.

_____. Ligeiras notas sobre os índios Tapirapés. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 16, p. 103-112, 1935.

_____. *Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff in Brasilien. Forschungen eines deutschen Gelehrten im 19. Jahrhundert*. *Völkerrkundliche Abhandlungen* 10. Berlin: Dietrich Reimer, 1987.

BECHER, Hans. Herbert Baldus. *Zeitschrift für Ethnologie*, 95, p. 157-163, 1970.

_____. Herbert Baldus, 1899-1970. *American Anthropologist*, n.s. 74(5), p. 1307-1312, 1972.

BECKER-DONNER, Etta; FEEST, Christian F.; KANN, Peter. *Brasiliens Indianer*. Wien: Museum für Völkerkunde. [Coleções brasileiras no Museo de Etnologia, Viena], s/d. [1969].

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. O legado iconográfico e a literatura de viagem dos cronistas europeus. *Revista da USP*, n. 30, p. 8-19, 1996.

BETHEL, D. E.; KOMMISAROV, Boris N.; LYSENKO, T. I. *Materialy ekspedicii akademika Grigorija Ivanovic Langsdorff v Brasiliju v 1821-1829*. Leningrad., 1973.

_____. *A expedição científica de G. J. Langsdorff ao Brasil 1821-1829*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

BIGONI, Francesca; DANTINI, Michel; ROSELLI, Maria Gloria. Guido Boggiani (1861-1902) nel Gran Chaco amazzonico. *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*, n. 140, p. 33-51, 2010.

BIGORRE, François. Quarante jours sur l'Araguaya (intérieur du Brésil). *Les Missions Catholiques*, n. 45, p. 475-477, 502-508, 513-515, 525-527, 537-540, 550-552, 561-563, 573-575, 585-587, 597-599, 607-610. 1913. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1056538.image.langPT>>. Acesso em: 22 set. 2013.

_____. Apuntes sueltos de la lengua de los Indios Caduvéos del Chaco Paraguayo. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, 18, p. 367-371, 1897.

_____. Chez les Sauvages Javahe de l'île Bananal. *Les Missions Catholiques*, 53, p. 93-94, 105-107, 117-118, 129-130, 141-143, 153-155, 165-167, 175-177, 189-191, 202-203, 213-215, 226-227, 237-239. 1921.

_____. Chez les Sauvages Tapirapés. *Les Missions Catholiques*, n. 48, p. 414-416, 430-432, 441-442, 448-450, 465-466, 478-480, 488-490, 501-504, 513-526, 524-527. 1916. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k105656d/fl.image.langPT>>. Acesso em: 22 set. 2013.

_____. Guaicurú. Sul nome, posizione geografica e rapporti etnici e linguistici di alcune tribù antiche e moderne dell'America Meridionale. *Memorie della Società Geografica Italiana*, v. 8, n. 2, p. 242-295, 1899.

_____. I Caduvei. Studio intorno ad una tribù indigena dell'Alto Paraguay nel Matto Grosso (Brasile). *Memorie della Società Geografica Italiana*, 5, p. 237-293, 1895b.

_____. Viajes de un artista por la América meridional. Los Caduveos. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, n. 1, p. 495-556, 1930.

BOGGIANI, Guido. *Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei*. Roma: Loeschner, 1895a.

BORGES, Ana Isabel. Transferência e contralegitimação enfocando a guerra das relações humanas. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 5, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2003000200013>>. Acesso em: 22 set. 2013

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

BOSSI, Bartolomé. *Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, Sn. Lorenzo, Cuyabá y el Arino tributario del grande Amazonas*. Paris: Dupray de la Maherie, 1863.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRAGGE, William. *Bibliotheca Nicotiana. A first catalogue of books about tobacco*. Birmingham, 1874.

BULLOCK, S. C. Tocantins and Araguaya Rivers, Brazil. *The Geographical Journal*, n. 83, p. 379-391, 1924.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004. (Série História).

BUSCALIONI, Luigi. Una escursione botanica nell'Amazzonia. *Bolletino della Società Geografica Italiana* ser. IV, v. 2, n. 38, p. 40-76, 213-240, 336-372, 429-467, 1901.

CAPRA Fritjof. *Uma nova concepção de vida*. Projeto Reflexões - PSICO. Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, p. 7-9. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2007.

CARELLI, Mario. *À la Découverte de l'Amazonie. Les Carnets du Naturaliste Hércule Florence*. Paris: Gallimard, 1992.

CASPAR, Franz. A expedição de P. H. Fawcett à tribo dos Maxubi em 1914. *Anais do Congresso Internacional de Americanistas*, v. 31, n. 1, p. 113-120. São Paulo, 1955.

CASTELNAU, Francis de Laporte de. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para: exécutée par ordre du gouvernement Français pendant les années 1843 à 1847*. Histoire du voyage. Paris: P. Bertrand, 6 vol., 1850-1851.

_____. *Expedição às partes centrais da América do Sul. Coleção Brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1949.

_____. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para: exécutée par ordre du gouvernement Français pendant les années 1843 à 1847*. 2e partie. Vues et scènes. Paris: P. Bertrand, 1852.

_____. *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para: exécutée par ordre du gouvernement Français pendant les années 1843 à 1847*. 5e partie. Géographie. 8 vols. Paris: P. Bertrand, 1853-1854.

CASTRO, Iná Elias de et al. *Geografia - conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995.

CHURCH, G. Earl. Notes on a Visit of Dr. Bach to the Catuquinarú Indians of th Amazonas. *Geographical Journal* (London), n. 12, p. 63-64, 1898.

CHURCHWARD, Robert. *Wilderness of Fools*. London: Routledge, 1936.

_____. *Explorer Lost! The Story of Colonel Fawcett*. Edinburgh: Thomas Nelson & Sons, 1957.

CIPOLETTI, María Susana. Schmidt, Max. *Neue Deutsche Biographie*, n. 23, p. 208-209, 2007.

COELHO, Vera Penteado (Org.) *Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingú*. São Paulo: EDUSP, 1993.

COLBACCHINI, Antonio. *A Tribu dos Boróros*. Rio de Janeiro: Papeleria Americana, 1919.

_____. *I Bororos Orientali "Orarimugudoge" del Matto Grosso (Brasile)*. Contributi Scientifici delle Missioni Salesiane del Venerabile Don Bosco 1. Torino, 1925.

COOK, William Azel. The Bororó Indians of Matto Grosso, Brazil. *Smithsonian Miscellaneous Collections*, v. 4, n. 1, p. 48-62. Washington, DC, 1907.

_____. *Through the Wilderness of Brazil*. London – Leipzig: T. Tisher Unwin, 1909. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/throughwildernes00cookrich>>. Acesso em: 24 maio 2009.

COSTA, Maria de Fátima. Aimé-Adrien Taunay: Um artista romântico no interior de uma expedição científica. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 4, 2007. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 9, n. 17, 2005.

COUDREAU, Henri. *Voyage au Tapajoz*. Paris: A. Lahure, 1897a.

_____. *Viagem ao Tapajós*. Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1941.

_____. *Voyage au Tocantins-Araguaya*. Paris: A. Lahure, 1897b.

_____. *Voyage au Xingu (1896)*. Paris: A. Lahure, 1897c.

COURTEVILLE, Martha Emma Seedorf. *De l'Argentine a l'amazone par le forêt vierge. 20.000 kilomètres de fleuves inconnus et de terres mystérieuses*. Paris: Fasquelle, 1931.

COURTEVILLE, Roger. *La première traversée de l'Amérique du Sud en automobile. De Rio de Janeiro à La Paz et Lima*. Paris: Plon, 1930.

_____. *Le Matto-Grosso*. Paris: Plon, 1938.

CROSBY, Floyd. *The Hoax*. 35 mm filme (sonoro, preto/branco, 11 mins.). University of Pennsylvania Museum Matto-Grosso Expedition. National Anthropological Archives, Washington, DC, SA-91.7.1, 1932.

_____. Mato Grosso. 35 mm filme (mudo, preto/branco, 7 mins.). University Museum, Philadelphia, upenn-fl6-0524., 1941b.

_____. *Matto Grosso, the Great Brazilian Wilderness*. 35 mm filme (sonoro, preto/branco). University Museum, Philadelphia, DVD, 1933, [2009].

_____. Warrior Dances. 35 mm filme (mudo, preto/branco, 7 mins.). University Museum, Philadelphia, upenn-fl6-4050., 1941a.

CUNHA, Edgar Teodoro da. Funeral Bororo em imagens: Major Reis e outros realizadores. *Estudos de Cinema-Socine*, v. 7, p. 217-224, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DA SILVA, Giovani José. Os Kadiwéu e seus etnógrafos de além do Atlântico: História e antropologia nos séculos XIX e XX. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308160313_ARQUIVO_Anpuh2011-TextoCompleto-GiovaniJosedaSilva.pdf>.

Acesso em: 16 set. 2013.

DELHAES, Claas. Von Cuyaba zu den Bakairi-Indianern. *Der Weltkreis*, v. 3, p. 69-75, 1932.

_____. Die heutige kulturelle Lage der Bakairi-Indianer. *Der Weltkreis*, v. 3, ns. 4-5), p. 113-115, 1933.

DENGLER, Hermann. Die Kavahib-Indianer. *Forschungen und Fortschritte*, v. 3, n. 20, p. 157-158, 1927a.

_____. Eine Forschungsreise zu den Kavahib-Indianern am Rio Madeira. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 59, p. 112-126, 377-378, 1927b.

_____. *Führer durch das Karl May-Museum*. Radebeul: Karl-May-Verlag, 1928.

_____. Wie ich Indianer wurde. *Karl-May-Jahrbuch*, p. 450-462, 1933.

DOLLFUS, Olivier. Jehan Albert Vellard. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, v. 25, n. 2, 165-167, 1996. Disponível em: <[http://www.ifeanet.org/publicaciones/boletines/25\(2\)/165.pdf](http://www.ifeanet.org/publicaciones/boletines/25(2)/165.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2013.

DORTA, Sonia Ferraro. Coleções etnográficas: 1650-1955. In: Manuela Carneiro da Cunha, *História dos Índios do Brasil*, p. 501-528. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Comentários sobre a exposição “Natterer – um naturalista austríaco na Amazônia 1825-1835”*. São Paulo: Estação Ciência, 1997.

DUGUID, Julian. *Tiger-man: An Odyssey of Freedom*. New York: Century Co., 1932.

DUROURE, J. *Sur le Fleuve de la mort*. Lyon: Emmanuel Vitte, 1936.

DYOTT, George M. The Search for Colonel Fawcett. *The Geographical Journal*, n. 74, p. 513-542, 1929.

_____. *Man Hunting in the Jungle*. Indianapolis: Blue Ribbon, 1930.

EHRENREICH, Paul. Mittheilungen über die zweite Xingú-Expedition in Brasilien. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 22, p. 89-98, 1890. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local—files/ehrenreich-1890-xingu/ehrenreich_1890_xingu.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2013.

_____. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens*. Berlin, 1897.

_____. Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens. *Petermanns Mitteilungen*, n. 37, p. 81-89, 114-124, 1891b.

_____. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: I. Die Sprache der Caraya (Goyaz). *Zeitschrift für Ethnologie*, 26, p. 20-37, 49-60, 1894a. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local—files/ehrenreich-1894-caraya/ehrenreich_1894_caraya.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2013.

_____. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: II. Die Sprache der Cayapo (Goyaz). *Zeitschrift für Ethnologie*, 26, p. 115-137, 1894b. [<http://biblio.etnolinguistica.org/ehrenreich-1894-cayapo>]. Acesso em: 28 ago. 2013.

_____. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: III. Die Sprache der Akuä oder Chavantes und Cherentes (Goyaz). *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 27, p. 149-162, 1895a. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/ehrenreich-1895-chavantes>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

_____. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: V. Die Sprache der Apiaka (Para). *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 27, p. 168-176, 1895b. [<http://biblio.etnolinguistica.org/ehrenreich-1895-apiaka>]. Acesso em: 28 ago. 2013.

_____. Südamerikanische Stromfahrten. *Globus*, n. 72, p. 1-4, 33-40, 70-74, 100-106, 133-140, 181-186, 214-221, 259-264, 326-331. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local—files/ehrenreich-1892-stromfahrten/ehrenreich_1892_stromfahrten.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2013.

_____. Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. *Veröffentlichungen aus dem kgl. Museum für Völkerkunde* 2. Berlin, 1891a.

_____. *An den Ufern des Amazonenstromes*. Wigwam-Bücher 4. Leipzig: W. Goldmann, 1925a.

_____. *Hüter der Wildnis*. Freiburg: Herder, 1926b.

_____. *Im Gran Chaco von Paraguay*. München: Fr. Seybold's Verlagshandlung, 1925d.

EMMERICH, Ferdinand. *Leitfaden für Auswanderer*. München: Müller, 1919.

_____. *Im Herzen Brasiliens*. München: Fr. Seybold's Verlagshandlung, 1925c.

_____. *Unter den Indianern von Mato Grosso*. Freiburg: Herder, 1926a.

_____. *Unter den Urvölkern von Südbrasilien*. München: Fr. Seybold's Verlagshandlung, 1925b.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Brasilien, die Neue Welt in topographischer, geognostischer, bergmännischer, naturhistorischer, politischer und statistischer Hinsicht ...* Braunschweig: Friedrich Vieweg, 2 v., 1830.

_____. *Brasil, novo mundo*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2 v., 1996.

FALAISE, Rayliane de la ; CORDELIER, Henrique. *Mystère indien; magie ... charmes et contes de l'Amérique Latine*. Paris: Plon, 1952.

FALAISE, Rayliane de la. *Caraja ... Kou! Troi ans chez les indiens du Brésil*. Paris: Plon, 1939.

FAWCETT, Percy H. *Exploration Fawcett*. Brian Fawcett (org.). London: Hutchinson, 1953.

FEEST, Christian. Museus de etnologia. Coleções e coleccionar. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Tamorano (Orgs.), *Museus nacionais e os desafios do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. p. 22-31.

_____. (Org.) *Indigenous Heritage. Johann Natterer, Brazil, and Austria*, em preparação s/d-a.

_____. Indigenous Languages Recorded by Johann Natterer During his. In: Christian FEEST (Org.). *Indigenous Heritage. Johann Natterer, Brazil, and Austria*, em preparação, s/d-b.

_____. Bororo. “A joia da coroa para a antropologia”. In: AUGUSTAT, 2012b. p. 81-103.

_____. Johann Natterer e as coleções etnográficas dos naturalistas austríacos no Brasil. In: AUGUSTAT, 2012a. p. 21-31.

FEEST, Christian; SILVA, Viviane Luiza da. Mario Baldi e os Bororo. In: LOPES, Marcos; FEEST, Christian, *Mario Baldi. Fotógrafo austríaco entre índios brasileiros*. Rio de Janeiro: F. Dumas, 2009. p. 17-23.

_____. Between Tradition and Modernity. The Bororo in Photographs of the 1930s. *Archiv für Völkerkunde*, ns. 59-60, 167-202, 2011.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Diário da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro. *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, v. 48, n. 1, p. 1-234; v. 49, n. 1, p. 123-288; v. 50, n. 2, p. 11-141; v. 51, n. 1, p. 5-166, 1885-1888.

FLORENCE, Hércules. Esboço da viagem pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, n. 38, p. 337-469, Rio de Janeiro, 1875.

_____. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FRIC, Pavel; FRIC, OVÁ, Yvonna. *Guido Boggiani Fotografo*. Lisboa: Museo Nacional de Etnologia, 2001.

FRIC, Vojtech. Notes on the Grave-Posts of the Kadiuéo. *Man* v. 6, n. 45, p. 71-72, 1906.

_____. Onoenrgodi-Gott und Idole der Kad’uveo in Matto-Grosso. *International Congress of Americanists, Proceedings*, v. 18, n. 2, p. 397-407, 1913.

_____; RADIN, Paul. Contributions to the Study of the Bororo Indians. *Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, n. 36, p. 382-406, London, 1906.

FRIZEN JÚNIOR, Edwin L. *75 Years of IFMA, 1917-1992. The Nondenominational Missions Movement*. Pasadena: William Carey Library, 1992.

FUNARI, Pedro Paulo; PELLEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. In: Clovis Cavalcanti. *Trabalho para Discussão*, 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/104.html>>. Acesso em: 18 out. 2013.

GALLAIS, Étienne-Marie. *Une mission dominicaine au Brésil: rapport présenté au reverendissime père fr. Andre Fruhwirth*. Marseille: Imprimerie Marseillaise, 1893.

_____. *Une catéchèse chez les Indiens de l'Araguaya*. Toulouse: Vialelle e Perry, 1902.

_____. *O apóstolo do Araguaia Frei Gil Vilanova, missionário dominicano*. Conceição do Araguaia: Prelazia, 1942.

_____. *Uma catechese entre es índios do Araguaya*. São Paulo: Escola typográfica Salesiana, 1903.

_____. *Un missionnaire chez les Sauvages de l'Araguaya au Brésil: le P. Gil Vilanova des frères precheurs*. Toulouse: Privat, 1906.

GLASS, Frederick C. *Adventures with the Bible in Brazil*. London: Pickering & Inglis, s/d [1923]. Disponível em: <<http://archive.org/details/adventureswithbi00glas>>. 5 out. 2013.

GOELDI, Emilio A. Johannes von Natterer. *Boletim Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, v. 1, ns. 1-4, p. 189-217, 1894-1896.

GOW-SMITH, Francis. The Arawana, or Fish Dance, of the Caraja Indians of Matto Grosso. *Indian Notes*, v. 2, n. 2, p. 96-99, 1925a.

_____. Caraja and Cayapó Artifacts from Brazil. *Indian Notes*, v.2, n. 3, p. 219-227.

_____. Gow-Smith's Explorations in Brazil. *Indian Notes*, v. 2, n. 4, p. 163-166, 1927a.

_____. Gow-Smith's Latest Explorations. *Indian Notes*, v. 2, n. 4, p. 305-308, 1927b.

_____. Is Lost Explorer Now Jungle God? *Popular Science Monthly*, v. 112, n. 3, p. 16-17, 139-140. 1928. Disponível em: <http://books.google.de/books?id=ZScDAAAAMBAJ&pg=PA16&lpg=PA16&dq=francis+gow+smith&source=bl&ots=M3E0u3Zkln&sig=sb_QGA5x1FJzmJm-6in7jyhsQsw&hl=en&sa=X&ei=zRVwUaHWNMaUtAbX6oD4DQ&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q=francis%20gow%20smith&f=false>. Acesso em: 17 set. 2013.

GRAHAM, Maria. *Journal of a Voyage to Brazil: And Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, and 1823*. London: Longman, 1824. *Diário de uma viagem no Brasil*. Belo Horizonte: Itataia.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Levantamento de coleções bororos em museus brasileiros. *Revista Ciências em Museus*, v. 1, n. 2, p. 123-136, 1991.

_____. (Org.) *Brésil indien. Les arts des Amérindiens du Brésil*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 2005a.

_____. Claude Lévi-Strauss parmi les Amérindiens. Deux expéditions ethnographiques dans l'intérieur du Brésil. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Brésil indien. Les arts des Amérindiens du Brésil*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 2005b. p. 312-352.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN. *Cultural imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HANINGTON, Charles. The Colorado Museum of Natural History. An Historical Sketch. *Proceedings of the Colorado Museum of Natural History*, v. 17, n. 1, Denver, CO, 1938.

HARTMANN, Günther. Bei den Mekubengenkro-Kayapo, Brasilien: Aus den Tagebuchblättern Wilhelm Kissenberths. *Zeitschrift für Ethnologie*, v. 107, n. 1, p. 153-162, 1982.

_____. *Keramik des Alto Xingú, Zentral-Brasilien*. Veröffentlichungen des Museums für Völkerkunde Berlin N.F. 42., 1986.

HARTMANN, Thekla. *A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX*. São Paulo, 1975. Coleção Museu Paulista, série de etnologia 1.

_____. Artefactos indígenas brasileiros em Portugal. *Boletim de Sociedade de Geografia de Lisboa*, n. 100, p. 1-6, 7-12, p. 175- 82, Lisboa, 1982.

HASSLER, Emil. Centralsüdamerikanische Forschungen. *Fernschau. Jahrbuch der Mittelschweizerischen Geographisch-Commerziellen Gesellschaft in Aarau*, n. 2, p. 1-138. Aarau, 1888.

_____. Die Bewohner des Gran Chaco, Paraguay. In: WAKE, G. Staniland (coord.), *Memoirs of the International Congress of Anthropologists* (Chicago: Schulte Publishing Company), p. 349-366, 1894.

_____. *Sommaire descriptif des collections ethnographiques du Dr. E. Hassler faites au Brésil, Paraguay et en Bolivie*. Aarau: s.n., 1897.

HAY, Alexander Rattray. *Saints and Savages. Brazil's Indian Problem*. London: Hodder and Stoughton, 1920.

_____. *Penetrating South America's Darkest Part*. Edinburgh – New York: Inland South American Missionary Union, s/d.

_____. *The Indians of South America and the Gospel*. New York: Fleming H. Revell Co., 1928.

HEALEY, Kevin. The Road Less Traveled. *South American Explorer*, n. 24, p. 6-11, 1990. Disponível em: <<http://www.saexplorers.org/sites/default/files/magazine/24/sae-mag-24.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2013.

HEGER, Franz. Die archäologischen und ethnographischen Sammlungen aus Amerika im k.k. naturhistorischen Hofmuseum in Wien. I n: *Festschrift zum 16. Internationalen Amerikanistenkongress in Wien* (Wien), p. 1-72, 1908.

HELLWIG, A. W. *Museu, memória e identidade pomerana: uma correlação local*. Pelotas: Fundação Simon Bolívar, 2008. Disponível em: <<http://www.fundacaosimonbolivar.org.br/downloads/slartigo5.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2013.

HERMANNSTÄDTER, Anita. (Org.) *Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin 71 (Amerikanische Ethnologie IX). Berlin, 2002a.

_____. Eine vergessene Expedition. Wilhelm Kissenberth am Rio Araguaya 1908-1910. In: HERMANNSTÄDTER, Anita (Org.). *Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin 71 (Amerikanische Ethnologie IX). Berlin, 2002c, p. 106-131.

_____. Herrmann Meyer. Der Sertão als schwieriger sozialer Geltungsraum. In: KOCH-GRÜNBERG, 2004, p. 403-433.

_____. Symbole kollektiven Denkens. Adolf Bastians Theorie der Dinge. In: HERMANNSTÄDTER, Anita (Org.). *Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin 71 (Amerikanische Ethnologie IX). Berlin, 2002b, p. 44-55.

_____. *Eine Führung durch die Sammlung für Völkerkunde der Universität Zürich*. Zürich: Morgarten-Verlag, 1932.

HINTERMANN, Heinrich. Beitrag zur Ethnographie der Kulüena- und Kulisevu-Indianer. *Verhandlungen der Schweizerischen Naturforschenden Gesellschaft*, v. 106, n. 2, p. 176-178, 1925.

_____. *Unter Indianern und Riesenschlangen*. Zürich: Grethlein, 1926.

HÖLDRICH, Michaela. "... merkwürdige Effekten der Indier ...". Weitere ethnographische Objekte aus dem Mato Grosso aus der Sammlung Johann Natterer. *Archiv für Völkerkunde* n. 52, p. 93-117, 2002.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Patrimônio cultural. 2007. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginaIphan>>. Acesso em: 9 ago. 2013.

KANDER, Josef. Alberto Vojtech Fric – On the Centenary of his Birth. *Annals of the Náprstek Museum*, n. 11, p. 111-146. Praha, 1983.

KANN, Peter. Die ethnographischen Aufzeichnungen in den wiederentdeckten Wortlisten von Johann Natterer, während seiner Brasilienreise zwischen 1817-1835. *Archiv für Völkerkunde*, n. 43, p. 101-146. Wien, 1989.

_____. (Org.) *Johann Natterers Brasilien-Expedition 1817-1835*. Archiv für Völkerkunde 52. Wien, 2002.

_____. Johann Natterer als "früher" Ethnograph Brasiliens. In: ZEILINGER, E. (org.), *Österreich und die Neue Welt* (Wien: Österreichische Nationalbibliothek), *Biblos Schriften*, 180, p. 144-158, p. 1993.

KARP VASQUEZ, Pedro. *Fotógrafos alemães no Brasil do Século XIX / Deutsche Fotografen des 19. Jahrhunderts in Brasilien*. São Paulo: Metalivros, 2000.

KÄSTNER, Klaus-Peter. *Amazonien. Indianer der Regenwälder und Savannen*. Dresden: Museum für Völkerkunde Dresden, 2009.

KAUFMANN, Christian *et al.* (Org.) *Völkerkundliche Sammlungen in der Schweiz/ Collections ethnographiques en Suisse/Ethnographical collections in Switzerland*. Ethnologica Helvetica 2-3. Bern, 1979.

KING, J. C. H. *Smoking Pipes of the North American Indians*. London: British Museum Publications, 1979.

KISSENBERTH, Wilhelm. Über die hauptsächlichen Ergebnisse der Araguaya-Expedition. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 44, p. 36-59. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/kissenberth-1912-araguaya>>. Acesso em: 22 set. 2013

_____. Beitrag zur Kenntnis der Tapirapé-Indianer. *Baessler-Archiv*, v. 6, ns. 1 e 2, p. 36-81, 1916.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Die Guaikurústämme. *Globus*, v. 81, n. 1-7, 39, 46, 69-78, 105-112, 1902a.

_____. *Die Xingu-Expedition (1898–1900). Ein Forschungstagebuch*. KRAUS, Michael (Org.). Köln: Böhlau, 2004.

_____. *Anfänge der Kunst im Urwald. Indianer-Handzeichnungen auf seinen Reisen in Brasilien gesammelt*. Berlin: Ernst Wasmuth, 1905.

_____. Die Guaikurú-Gruppe. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, n. 33, p. 1-128, 1903a.

_____. Reise in Matto Grosso (Brasilien). Expedition ins Quellgebiet des Schingú, 1899. *Mitteilungen der k.k. Geographischen Gesellschaft in Wien*, n. 45, p. 332-335, 1902b.

_____. Zur Ethnographie der Paraguay-Gebiete und Mato Grossos. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, v. 33, n. 21, 33, 1903b.

KOMMISSAROV, Boris N. Die brasilianischen Tagebücher G. H. v. Langsdorffs als historisch-ethnographische Quelle. *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig*, n. 31, p. 133-176, Berlin, 1977.

_____. *Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas*. Brasiliana 329. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994.

KOSLOWSKY, Julio. Tres semanas entre los indios Guatós. *Revista del Museo de la Plata*, n. 6, p. 221-250, 1895a.

_____. Algunos dados sobre los indios Bororós. *Revista del Museo de la Plata*, n. 6, p. 375-411, 1895b.

KRAUS, Michael. Am Anfang war das Scheitern. Theodor Koch-Grünberg und die “zweite Meyersche Schingú-Expedition”. In: KOCH-GRÜNBERG, 2004. p. 453-496.

KRAUSE, Fritz. Tanzmaskennachbildungen vom mittleren Araguaya (Zentralbrasilien). *Jahrbuch des Städtischen Museums für Völkerkunde zu Leipzig*, n. 3, p. 97-122, 1910.

_____. Beiträge zur Ethnographie des Araguaya-Xingú-Gebietes. *XXe Congrès International des Américanistes* (Göteborg 1924), p. 67-79, 1925.

_____. Die Kunst der Karaja-Indianer (Staat Goyaz, Brasilien). *Baessler-Archiv*, v. 2, n. 1, p. 1-31, 1911a.

_____. *In den Wildnissen Brasiliens*. Leipzig: Voigtländer, 1911. Disponível em: <http://ia600301.us.archive.org/7/items/krause/krause_1911_in_den_wildnissen.pdf>. Acesso em: 6 set 2013.

KRUSCHE, Rolf. Unpublished Material on the Ethnography of the Upper Xingú Region. *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig* 31, 1977.

KÜMIN, Beatrice. *Expedition Brasilien. Von der Forschungszeichnung zur ethnografischen Fotografie*. Bern: Benteli, 2007.

KURY, L. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, p. 863-80, 2001, vol. VIII (suplemento).

KURY, Lorelei. Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar. *Revista Intellèctus* n. 2, p. 1-11, 2004. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~intellectus/Anterior_2_01.htm>. Acesso em: 22 ago. 2013.

LACHENAL, François *et al.* *Brasilianische Tage*. Ingelheim: C. H. Boehringer Sohn, 1970. [Catálogo de uma exposição com materiais nos museus em Berlim e Basileia].

LACOMBE, Robert. Quelques mots au sujet des *Derniers Indiens primitifs du Bassin du Paraguay* du Marquis de Wavrin, et des photographies que ce livre contient. *L'Ethnographie*, v. 92, n. 1, p. 7-8, 1996.

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. *Os diários de Langsdorff*. SILVA, Danuzio Gil Bernardino da Silva *et al.* (Orgs.). Campinas: Fiocruz, 1997-1998.

LASTRES, Helena Maria Martins, ALBAGLI, Sarita, LEMOS, Cristina, e LEGEY, Liz-Rejane. *Desafios e oportunidades da era do conhecimento*, v. 16, n. 3, p. 60-66, São Paulo: Perspectiva, 2002.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Ordem local como forma interna de desenvolvimento. *Interações — Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Campo Grande: UCDB, v. 1, n. 1, 2000.

LEHMANN-NITSCHKE, Robert. (Org.) *La colección Boggiani de tipos indígenas de Sudamérica Central/Die Sammlung Boggiani von Indianertypen aus dem zentralen Südamerika*. Buenos Aires: R. Rosauer, 1904a.

_____. *Sammlung Boggiani von Indianertypen aus dem zentralen Südamerika. Zeitschrift für Ethnologie*, n. 36, p. 882-885, 1904b.

LEVI-STRAUSS, Claude. Contribution à l'étude de l'organisation sociale des indiens Bororo. *Journal de la Société des Américanistes* N.S. n. 28, p. 269-304, 1936.

_____. Documents Rama-Rama. *Journal de la Société des Américanistes* N.S., n. 39, p. 73-84, 1950.

_____. Documents Tupi-Kawahib. In: Instituto de História. *Miscellanea Paul Rivet Octogenario Dicata*, México, v. 2, 1958. p. 323-328.

_____. Guerra e comércio os índios da América do Sul. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 87, p. 131-146, 1942.

_____. La vie familiale et sociale des Indiens Nambikuara. *Journal de la Société des Américanistes* N.S., n. 37, p. 1-131, 1948.

_____. Le sorcier et sa magie. *Le Temps Modernes*, n. 41, p. 385-406, 1949.

_____. Marques der propriété dans deux tribus sud-américaines. *L'Hommei*, v. 3, n. 3, p. 102-108, 1963.

_____. The Name of the Nambikuara. *American Anthropologist*, v. 48, n. 1, p. 139-140, 1946.

_____. The Social and Psychological Aspect of Chieftainship in a Primitive Tribe: the Nambikuara of Northwestern Mato Grosso. *Transactions of the New York Academy of Science* ser., vs. 2, 7, n. 1, p. 16-32, 1944.

_____. The Social Use of Kinship Terms Among Brazilian Indians. *American Anthropologist*, v. 45, ns. 3/1, p. 398-409, 1942.

_____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Anhembi, 1957.

_____. *Tristes Tropiques*. Paris: Plon, 1955.

_____. *Mythologiques: Le cru et le cuit*. Paris: Plon, 1964.

LIENER, Stefanie Marie. *Wanda Hanke (1893-1968)*. Eine österreichische Ethnologin in Südamerika. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Viena, 2011.

LOPES, Marcos; FEEST, Christian. *Mario Baldi*. Fotógrafo austríaco entre índios brasileiros. Rio de Janeiro: F. Dumas, 2009.

LOUKOTKA, estimir. *Classification of South American Indian Languages*. Latin American Center, University of California, Los Angeles, Reference Series 7. Los Angeles, 1968.

MACHON, [F. e Rogelio]. Les Caingua. *Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie*, n. 8, p. 215-224, 1894-1895.

MACINTYRE, Archibald F. *Down the Araguaya. Travels in the Heart of Brazil*. London: Religious Tract Society, 1923.

MANIZER, G. G. [Genrikh Genrikovitch]. Musika i muzikal'nie instrumenti nekotorikh plemen brasilii. *Muzei Antropologii i Etnografii, Sbornik*, v. 5, n. 1, p. 319-350, 1918.

_____. *A Expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)*. Edição póstuma organizada por B. X. Xprintsin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. [Publicado pela primeira vez em russo: *Ekspeditsiia akademika G. I. Langsdorfa v Braziliu (1821-1828)*, Moscou 1948].

_____. Musica e instrumentos de musica de algumas tribus do Brasil. *Revista Brasileira de Musica*, v. 1, n. 4, p. 303-327, 1934.

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, A. B. O. *Redes e capital social: O enfoque da informação para o desenvolvimento local*. *Ciência da Informação*, Brasília, v.33, n. 1, p. 41-49, 2004.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens. Band 1: Zur Ethnographie. Band 2: Zur Sprachenkunde*. Leipzig: F. Fleischer, 1867.

MENDES, Bérard; GALIBERT, Louis-Marie. *Les Indiens dans l'Ame?rique du Sud: Chiquitos et Parecis*. Albi: s.n., 1926.

MEYER Herrmann. Meine Reise nach Brasilien. *Verhandlungen der Deutschen Kolonial-Gesellschaft* 1: 166-194. Berlin-Charlottenburg, 1896.

_____. Bericht über seine zweite Xingú-Expedition. *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde*, v. 27, n. 2/3, p. 112-128, 1900.

_____. Im Quellgebiet des Schingu. Landschafts- und Völkerbilder aus Centralbrasilien. *Verhandlungen der Gesellschaft deutscher Naturforscher und Ärzte*, v. 69, n. 1, p. 135-145, 1898.

_____. Nos arredores das fontes do Xingú. *Revista Brasileira*, v. 17, n. 87, p. 302-318, 1899.

_____. *Tagebuch meiner Brasilienreise 1896*. Leipzig: Bibliographisches Institut., vol. 2, 1897a.

_____. Über seine Expedition nach Central-Brasilien. *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde*, n. 24, p. 172-198, 1897b.

_____. Die Kunst der Xingú-Indianer. *Internationaler Amerikanisten-Kongress*, v. 14, p. 455-471, Stuttgart, 1906.

MEYER, Margret. Emmerich, Ferdinand. In: KOSCH, Wilhelm *et al.* (org.). *Deutsches Literatur-Lexikon. Biographisch-Bibliographisches Handbuch* (terceira edição; Bern – München: Francke), n. 4, p. 229-230, 1972.

MONTEIRO SOARES, José Paulo; FERRÃO, Cristina (Org.) *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira. Coleção Etnográfica*. Petrópolis: Kappa, 2005. [Catálogo das coleções Ferreira em Lisboa e Coimbra].

MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel. (Org.) *Expedição Langsdorff ao Brasil 1821-1829*. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento, 1988.

NATTERER, Johann. Bororo Vocabularies and Ethnographic Notes. Edited by Christian Feest. In: FEEST, Christian. *Indigenous Heritage. Johann Natterer, Brazil, and Austria* (em preparação), s/d.

NEMETH, Ted. (Prod.) *Primitive Peoples of Matto Grosso: The Bororo*. 16mm filme (sonoro, preto/branco, 18 mins.). University of Pennsylvania Museum, Philadelphia, upenn-fl6-4012, 1941a.

_____. (Prod.) *Primitive Peoples of Matto Grosso: Xingu*. 16mm filme (sonoro, preto/branco, 16 mins.). University of Pennsylvania Museum, Philadelphia, upenn-fl6-4013, 1941b.

NOWOTNY, Karl Anton. Aufzeichnungen Johann Natterers über die Aufenthaltsorte brasilianischer Stämme in den Jahren 1817-1835. *Archiv für Völkerkunde*, n. 4, p. 160-164. Wien, 1949.

O'LEARY, Timothy J. *Ethnographic Bibliography of South America*. New Haven, CT: Human Relations Area Files, 1963.

OLIVEIRA, E. Veiga de. O índio brasileiro nos museus portugueses. In: *Índios da Amazônia* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical), p. 11-42, 1986.

OLIVEIRA, Erivam M. O pioneiro da fotografia no Brasil. Disponível em: <bocc.unisinos.br/pag/oliveira-erivam-pioneiro-fotografia-brasil.pdf>. Acesso em: 12 set. 2013.

PENNAS, T. C. F. Por que demografia indígena brasileira. *Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais* (Águas de São Pedro: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP), n. 3, p. 1571-1583, 1984.

PETRULLO, Vincent M. Primitive Peoples of Matto Grosso, Brazil. *The Museum Journal*, v. 23, n. 2, p. 83-173, 1932a.

_____. The Fate of Colonel Fawcett. *The Geographical Journal*, n. 80, p. 151-154, 1932b.

_____. Uni (Agua). *A Journey to Matto Grosso*. (Texto datilografado, Museu Universitário, Universidade de Pensilvânia, Filadélfia), 1940.

PEZZARTI, Alessandro; SUTTON, Darien. The Present Meets the Past. *Expedition*, v. 51, n. 3, p. 7-9, 2009.

PEZZATI, Alessandro. Where the Wild Things Are: The Mato Grosso Expedition, 1931. (Texto datilografado, Museu Universitário, Universidade de Pensilvânia, Filadélfia), s/d.

PFEIFFER, Ida. *The Story of Ida Pfeiffer and Her Travels in Many Lands*. London: T. Nelson & Sons, 1871.

PIRE, Jean-Miguel. Le Marquis de Wavrin vu par ses contemporains. *L'Ethnographie*, v. 92, n. 1, p. 9-12, 1996.

PLANKENSTEINER, Barbara; AUGUSTAT, Claudia; VAN BUSSEL, Gerard (Org.) *Abenteuer Wissenschaft: Etta Becker-Donner in Afrika und Lateinamerika*. Wien: Museum für Völkerkunde, 2011.

PLEMING, Peter. *Brazilian Adventure*. London: The Reprint Society, 1933.

POHL, Johann B. Emanuel. *Reise im Inneren von Brasilien*. 2 vols. Wien: Strauss's Witwe, 2 vol. 1832-1837.

_____. *Viagem no interior do Brasil, duas partes*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

POLINARI, Marcelo. *Patrimônio cultural imaterial* (Ensaio) ANAIS DO XI ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH/PR "Patrimônio Histórico no Século XXI", maio, 2008.

PORTO FRANCISCO, Regina H. Viagens filosóficas. *Revista Eletrônica de Ciências*, n. 27, fev., 2007. Disponível em: <http://cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_35/aprendendo.html>. Acesso em: 10 set. 2013.

RAFFSTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização. – Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista Tempo*, n. 6, p. 157-182, 1997. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 28 set. 2013.

RANKE, Karl Ernst. Aus meinen Erlebnissen und Beobachtungen unter den Indianern Zentralbrasilens. *Allgemeine Zeitung (München), Beilage*, p. 270, 271, 1897.

_____. Anthropologische Beobachtungen aus Zentralbrasilien. *Abhandlungen der math.-physik. Klasse der Kgl. Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, n. 24, p. 1-148, 1910.

_____. Beobachtungen über Bevölkerungsstand und Bevölkerungsbewegung bei Indianern Central-Brasiliens. *Correspondenz-Blatt der deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, v. 19, n. 11, p. 123-134, 1898.

RECUERO, Raquel da Cunha. Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. *Revista FAMECOS*, n. 28. Porto Alegre, 2005.

REINA, Ruben E.; KENSINGER, Kenneth M. (Orgs.) *The Gift of Birds. Featherworking of Native South American Peoples. University Museum Monographs 75*. Philadelphia, PA: University Museum, 1991. [Incluindo materiais da expedição Mato Grosso do Museu da Universidade de Filadélfia].

RIBEIRO, Berta G., MOREIRA NETO, Carlos Araújo, HOONAERT, Eduardo, e PETRUCCI, Valeria. *A Itália e o Brasil indígena/L'Italia ed il Brasile indigeno*. Rio de Janeiro: Index, 1983.

RIEDL-DORN, Christa. *Johann Natterer und die österreichische Brasilienexpedition*. Petrópolis, 2000a.

_____. *Johann Natterer e a Expedição Austríaca*. São Paulo, 2000b. [Versão português de RIEDL-DORN 2000a].

RIMINI, Savino de. *Tra i Selvaggi dell'Araguaya*. Ancona: Scuola tipografica franciscana, 1925.

RIVET, Paul. Paul Ehrenreich. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 11, n. 1, p. 245-246, 1919.

RODRIGUES DE AREIA, M. L.; MIRANDA, Maria Arminda; HARTMANN, Thekla. *Memória da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitanias de Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso a Cuyabá*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico, Universidade de Coimbra, 1991.

ROHDE, Richard. Einige Notizen über den Indianerstamm der Terenos. *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n.20, p. 404-409, 1885a.

_____. Süd-Amerika. *Original-Mittheilungen aus der Ethnologischen Abtheilung der Königlichen Museen zu Berlin*, n. 1, p. 11-16, 1885b.

ROOSEVELT, Theodore. *Through the Brazilian Wilderness*. London: Murray, 1914.

_____. *Nas selvas do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1944. [Reimpressão: Coleção Reconquista do Brasil. 1a Série, 35, Belo Horizonte: Itatiaia].

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyages dans l'intérieure du Brésil, troisième partie: Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyas*. 2 vols. Paris: Arthus Bertrand, 2 vols., 1847-1848.

_____. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás*. 2 vols. Brasileira. São Paulo, v. 2, 78, 1937. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana>>

na/colecao/obras/77/Viagem-as-nascentes-do-Rio-Sido-Francisco-e-pela-provincia-de-Goias>. Acesso em: 28 set. 2013.

SAINT-SEMIN, Bertrand. Dina Dreyfus ou la raison enseignante. *Les Temps modernes*, v. 44, n. 516, p. 142-157, 1989.

SALA, Antoine. Essai de grammaire Kaiapo. *Anthropos*, n. 9, p. 233-240, 1914.

_____. Ensaio de grammatica Kaiapó. *Revista do Museu Paulista*, n. 12, p. 393-429, 1920.

_____. Quatre mois de voisinage avec les Carajas. *Les Missions catholiques*, n. 55, p. 214-215, 226-227, 238-239, 249-251, 1923. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k105663m.image.langPT>>. Acesso em: 22 set. 2013.

SALA, Antoine. Essai de grammaire Kaiapo. *Anthropos*, n. 9, p. 233-240, 1914.

SAMPAIO-SILVA, Orlando. O antropólogo Herbert Baldus. *Revista da Antropologia*, v. 43, n. 2, p. 23-79, 2000.

SANTOS, M. 1988 *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1988.

SAVAGE-LANDOR, A. Henry. *Across Unknown South America*. London - Toronto - New York: Hodder and Stoughton, 2 vol., 1913. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/etext/22483>>. Acesso em 12 set. 2013.

SCHADEN, Egon. *Karl von den Steinen e a exploração científica do Brasil*. São Paulo: FFCL/USP, 1955.

SCHMIDT, Max. Reiseskizzen aus Zentralbrasilien. *Globus*, n. 82, p. 29-31, 44-46, 95-99, 1902a.

_____. Aus den Ergebnissen meiner Expedition in das Schingúquellgebiet. *Globus*, v. 86, n. 7, p. 119-125, 1904b.

_____. Das Haus im Xingú-Quellgebiet. In: Walter Lehmann, *Festschrift Eduard Seler*, Stuttgart, p. 441-470, 1922a.

_____. Die Anfänge der Bodenkultur in Südamerika. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 54, p. 113-122, 1922b.

_____. Die Guató und ihr Gebiet. *Baessler-Archiv*, v. 4, ns. 4/5, p. 251-283, 1914b.

_____. Die Paressi-Kabisi. Ethnologische Ergebnisse der Expedition zu den Quellen des Jaurú und Jurúena im Jahr 1910. *Baessler-Archiv*, v. 4, ns. 4/5, p. 167-250, 1914a.

_____. Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 60, p. 84-124, 1929.

_____. *Estudos de Etnologia Brasileira*. Brasileira, Grande Formato. 2.ed. São Paulo, 1942d.

_____. Guaná. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 35, p. 324-366, 560-604, 1903.

_____. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in der Jahren 1900–1901*. Berlin: Reimer, 1905.

- _____. Los Bakairí. *Revista do Museu Paulista* N.S., n. 1, p. 11-58, 1947a.
- _____. Los Barbados o Umotinas en Matto Grosso (Brasil). *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, v.5, n. 4, Asunción, 1941.
- _____. Los Iranches. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, v. 5, n. 6, p. 35-39. Asunción, 1942b.
- _____. Los Kayabís en Matto-Grosso (Brasil). *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, v. 5, n. 6, p. 1-34. Asunción, 1942a.
- _____. Los Kayapó de Matto-Grosso. *Revista do Museu Paulista* N.S., n. 1, p. 59-60, 1947b.
- _____. Los Paressís. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, v. 6, n. 1, 1943.
- _____. Los Tamainde-Nambikuara. *Revista do Museu Paulista* N.S. n. 1, p. 65-74, 1947d.
- _____. Los Waurá. *Revista do Museu Paulista* N.S. n. 1, p. 61-64, 1947c.
- _____. Nachrichten über die Kayabi-Indianer. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 36, p. 466-468, 1904a.
- _____. Reisen in Mato Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 44, p. 130-174, 1912.
- _____. Reiseskizzen aus Mato Grosso. *Globus*, n. 82, p. 347-439, 1902b.
- _____. Resultados de mi tercera expedición e los Guatós efectuada en el año 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, v. 5, n. 6, p. 41-75. Asunción, 1942c.
- SCHMUTZER, Kurt. "Der Liebe zur Naturgeschichte halber." *Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1836*. Veröffentlichungen der Kommission für Geschichte der Naturwissenschaften, Mathematik und Medizin 64. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011.
- SCHUMANN, Yvonne. (Org.) *Museum Ethnographers' Group Survey of Ethnographic Collections in the United Kingdom, Eire and the Channel Islands*. The Museum Ethnographers' Group Occasional Papers 2. London, 1986.
- SCOTTI, Pietro. La collezione etnografica sudamericana di Guido Boggiani. *Rivista di Biologia Coloniale*, n. 7, p. 63-78, v. 8, p. 35-50, v. 9, p. 93-109, v. 10, p. 67-73. Roma, 1946-1950.
- _____. *I contributi americanistici di Guido Boggiani*. Genova: Libreria degli studi, 1955.
- _____. *La seconda spedizione di G. B. fra i Caduvei (1897)*. Firenze: Parenti, 1963.
- SHEARER, Steven Michael. *Gloria Swanson: The Ultimate Star*. New York: Macmillan, 2013.
- SILVA, Paula Junqueira; ALMEIDA, Maria Geralda de. *Territorialidade e desterritorialidade: os assentamentos rurais e a reterritorialidade do campesinato no espaço agrário do cerrado mineiro*. Trabalho apresentado no V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes – Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto. Minas Gerais: IESA-UFG, 2001.

SMITH, Herbert Huntingdon. *Viagens pelo Brasil do Rio de Janeiro a Cuyaba: notas de um naturalista*. Rio de Janeiro: Gazeta de Noticias, 1886.

_____. *Do Rio de Janeiro a Cuyaba: notas de um naturalista*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1922. Disponível em: <<http://ia700400.us.archive.org/21/items/doriodejaneirocu00smituoft/doriodejaneirocu00smituoft.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

SOPRAINTENDENZA Speciale al Museo Preistorico ed Etnografico Luigi Pigorini. *Indios del Brasile. Culture che Scompaiono*. Roma: De Luca Editore, 1983.

SOUZA, M. A. A. *O lugar de todo mundo – a geografia da solidariedade*. Texto apresentado em Seminário na Bahia, em Junho de 1997, organizado pelo Programa de Pós-Graduação e pelo Departamento de Geografia da UFBA, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. *et al.* (orgs.). *Geografia – conceitos e temas*. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 1995.

SPIELMANN, Ellen. *Das Verschwinden Dina Lévi-Strauss' und der Transvestismus Mário de Andrades: Genealogische Rätsel in der Geschichte der Sozial- und Humanwissenschaften im modernen Brasilien. La desaparición de Dina Lévi-Strauss y el transvestismo de Mário de Andrade: enigmas genealógicos en la historia de las ciencias sociales y humanas del Brasil moderno*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag, 2003.

STEEN, Elisabeth K. Paddling My Own Canoe. *Good Housekeeping* September, n. 46, 1931.

_____. *Red Jungle Boy*. New York: Harcourt, Brace, 1937. [Juvenil.]

STEINLE, Robert Fin. "Waffen und Geräthschaften der Indianer aus Brasilien ...". Eine Dokumentation der Bororo-Objekte der Sammlung Natterer. *Archiv für Völkerkunde*, n. 52, p. 47-92, Wien, 2002.

SZAFFKA, Tihamér. Im Urwald von Zentralbrasilien. *Lasso* n. 4, p. 280-283, 356-359, 430-434, 499-502, 1937-1937.

_____. Sôbre construções navais duma tribo de índios desconhecidos do Rio das Mortes. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 87, p. 171-181, 1942.

TAPIE, Marie-Hilaire. *Feuilles de route d'un missionnaire: au centre et du nord du Bre?sil et chez les Peaux-Rouges de l'Araguaya et du Tocantins*. Revue Véritas, Bibliothèque 6. Toulouse: Privat, 1913.

_____. *Chevauchées a travers déserts et forêts vierges du Brésil inconnu*. Paris: Plon et Nouttit, 1928.

_____. *Chez les Peaux-rouges. Feuilles de route d'un missionnaire dans le Brésil inconnu*. Paris: Plon, 1926.

TOURNIER, Reginald. *Plages lointaines de l'Araguaya*. Paris: Éditions des missions dominicains, 1934.

UNESCO. *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

VELLARD, Jehan Albert. Six mois au pays des Karajas et des Cayapós. *La Géographie*, n. 73, p. 34-59, 117-136, 299-306, 1935.

_____. Les poisons de pêche de l'Amérique du Sud. *Revista del Instituto de Antropología de la Universidad de Tucumán*, v. 2, n. 5, p. 81-106, 1941.

_____. Poisons de pêche et poisons de chasse en Amérique du Sud. *Boletim do Museu Nacional*, ns. 14-17, p. 345-362, 1942.

_____. Préparation du curare par les Nambikwara. *Journal de la Société des Américanistes N.S.*, n. 31, p. 211-222, 1939a.

_____. Preparação do curare pelos Nambikwaras. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 59, p. 5-16, 1939b.

VIRCHOW, Hans. Karl von den Steinen. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 61, p. 401-405, 1929.

VISCHER, Wilhelm. Dr. Emil Hassler, 20. Juni 1861-5. November 1937. *Verhandlungen der Naturforschenden Gesellschaft in Basel*, n. 49, p. 198-199, 1938.

VOBEL, Peter Johann. Reisen in Mato Grosso, 1887-88. *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 28, p. 243-339, 1893.

VON DEN STEINEN, Karl. *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig: F. A. Brockhaus. (A primeira parte deste livro book foi traducido sob o titulo "Na gema do Brasil" na *Gazeta de Noticias* 1888 nos números 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209. 210, 211, 212. 213, 214, 215, 217, 218, 220, 222, 225. 231, 234, 254, 261, 264, 267), 1886.

_____. *Die Bakairi-Sprache*. Leipzig: K. F. Köhler, 1892.

_____. Entre os aborígenes do Brasil Central. *Revista do Arquivo*, p. 34-58, 1940. São Paulo: Departamento de Cultura. (Reimpressão: São Paulo 1942: Brasiliana, Formato Grande, vol. 3).

_____. Indianerskizzen von Hercules Florence. *Globus*, n. 75, p. 5-9, 30-35, Braunschweig, 1899.

_____. O rio Xingú. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, v. 4, p. 189-212, 1888.

_____. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlin, 1894. Online. Disponível em: <<http://ia311205.us.archive.org/2/items/unterdennaturvx00stei/unterdennaturvx00stei.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2013.

VON DEN STEINEN, Ulrich. *Expeditionsreisen am Amazonas. Der Ethnologe Karl von den Steinen (1855-1929)*. Köln: Böhlau, 2010.

WALLE, Paul. Les voyages, découvertes et aventures de M. Savage-Landor au Brésil. *Journal de la Société des Américanistes N.S.*, n. 21, p. 217-227, 1919.

WAVRIN, Marquis de. *Au Centre de l'Amérique du Sud inconnue*. Paris: Roger & Cie, 1924.

_____. *Les dernières Indiens primitifs du bassin du Paraguay*. Paris: Larose, 1926.

_____. *Mœurs et coutumes des Indiens Sauvages de l'Amérique du Sud*. Paris: Payot, 1937.

_____. Réédition: Les Derniers Indiens primitifs du Bassin du Paraguay [1926]. *L'Ethnographie*, v. 92, . 1, p. 15-161, 1996.

WEINKAMER, Kurt. Mario Baldi - Das abenteuerliche Leben eines Salzburger in Brasilien. *Mitteilungen der Gesellschaft für Salzburger Landeskunde*, n. 149, p. 259-296, 2009.

WHITLOCK, Lavern. Oakdale Artists Colony, s/d. Disponível em: <http://www.eastislip.org/Pages/Oakdale%20Artists%20Colony/oakdale_artists_colony.htm>. Acesso em: 17 set. 2013.

WIKIMEDIA COMMONS. *Mapa da região Centro-Oeste do Brasil*. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_CentroOeste_physical_map.gif>. Acesso em: 6 set. 2013.

WILLEMS, Emilio. Herbert Baldus 1899-1970. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, n. 23, p. 665-666, 1971.

WOLF, Sabine. *Mario Baldis Fotografien der Carajá*. Dissertação (Mestrado), Universidade de Viena, 2009.

ZAPATA, Tânia. *Estratégias de desenvolvimento local*. São Paulo, 2006. [<http://www.sesirs.org.br/conferencia/conferencia2005/papers/zapata.pdf>]. Acesso em: 15 out. 2013.

ZIBERT, Erna. Kolleksi cheshskovo issledovatela A. V. Fricha v sobraniakh MAE. *Akademiia Nauk SSSR, Muzei Antropologii i Etnografii, Sbornik*, n. 20, p. 125-143, 1961.